

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALFENAS

FELIPE DA SILVA VIEIRA

**PAISAGEM E GEOGRAFIA CULTURAL: A PRODUÇÃO
GEOGRÁFICA BRASILEIRA ENTRE 2001 E 2020**

Alfenas/MG

2022

FELIPE DA SILVA VIEIRA

**PAISAGEM E GEOGRAFIA CULTURAL: A PRODUÇÃO GEOGRÁFICA
BRASILEIRA ENTRE 2001 E 2020**

Dissertação apresentada como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Geografia pela Universidade Federal de Alfenas. Área de concentração: Análise Sócio-Espacial e Ambiental

Orientador: Prof. Dr. Flamarion Dutra Alves.

Alfenas/MG

2022

Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal de Alfenas
Biblioteca Unidade Educacional Santa Clara

Vieira, Felipe da Silva.

Paisagem e geografia cultural : a produção geográfica brasileira entre 2001 e 2020 / Felipe da Silva Vieira. - Alfenas, MG, 2022.

135 f. : il. -

Orientador(a): Flamarion Dutra Alves.

Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Federal de Alfenas, Alfenas, MG, 2022.

Bibliografia.

1. Epistemologia. 2. História do Pensamento Geográfico. 3. Fotografia. I. Alves, Flamarion Dutra, orient. II. Título.

Ficha gerada automaticamente com dados fornecidos pelo autor.

FELIPE DA SILVA VIEIRA

**PAISAGEM E GEOGRAFIA CULTURAL: A PRODUÇÃO GEOGRÁFICA
BRASILEIRA ENTRE 2001 E 2020**

A Banca examinadora abaixo-assinada, aprova a Dissertação apresentada como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Geografia pela Universidade Federal de Alfenas. Área de concentração: Análise Sócio-Espacial e Ambiental.

Aprovada em: 10 de fevereiro de 2022

Prof. Dr. Flamarion Dutra Alves
Instituição: Universidade Federal de Alfenas

Profa. Dra. Sônia de Souza Mendonça Menezes
Instituição: Universidade Federal de Sergipe

Prof. Dr. Dante Flávio da Costa Reis Júnior
Instituição: Universidade de Brasília



Documento assinado eletronicamente por **Flamarion Dutra Alves, Professor do Magistério Superior**, em 10/02/2022, às 14:33, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Dante Flavio da Costa Reis Junior, Usuário Externo**, em 10/02/2022, às 14:34, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Sônia de Souza Mendonça Menezes, Usuário Externo**, em 10/02/2022, às 14:54, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.unifalmg.edu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **0674490** e o código CRC **491E7866**.

Dedico este trabalho à minha mãe, Maria Aparecida, grande artista da costura. Ao meu pai, Sebastião, eterno companheiro dos filmes de faroeste.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, minha mãe e meu pai. Vocês sempre estiveram do meu lado e fizeram possível tudo aquilo que construímos até aqui. Sou eternamente grato por cada gota de amor, carinho e trabalho que formam esse rio de nossa família. Também à minha querida irmã, Ana Cláudia, por estar do meu lado desde quando percebi a vida e por deixar ela mais divertida.

Pelos caminhos abertos, meus avós: Ana, Teófilo, Sebastiana e Antônio. Assim como minha tia Lúcia, por sempre me incentivar.

Ao Prof. Dr. Flamarion Dutra Alves, pelas orientações, ensinamentos, diálogos, atenção, amizade e paciência. Sempre vou me lembrar de seu apoio ao fazer científico, sempre vou me lembrar de sua luta e amor pela ciência geográfica e por um mundo melhor, assim como do acolhimento desde a primeira aula e pela aplicação ao chimarrão.

Ao Prof. Dr. Estevan Leopoldo de Freitas Coca, por acompanhar meu trabalho desde o começo e por todo conhecimento transmitido. À Profa. Dr. Sandra de Castro de Azevedo, pelas reflexões, inspirações e cuidado. A todos os professores(as) com quem pude aprender e viver na Geografia da Universidade Federal de Alfenas.

Ao Prof. Dr. Nécio Turra Neto pelas contribuições a meu trabalho durante o II Seminários de Pesquisa do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Alfenas. Ao Prof. Dr. Dante Flávio da Costa Reis Júnior e à Profa. Dr. Sônia de Souza Mendonça Menezes pelas valorosas e enriquecedoras considerações na banca do exame de qualificação e defesa.

Às minhas amigadas, agradeço toda força e companheirismo durante esse período.

Ao Davi, pelos intermináveis percursos beatniks, pelo cinema, pelos trabalhos, pelas comemorações, angústias e risadas. Ao Pedro Rocha, pela presença, por me ensinar sobre as paisagens sonoras, pelos diálogos e memórias musicais. À Fernanda, pelos ouvidos e olhares atentos, por me mostrar, constantemente, uma das coisas mais bacanas da vida: ser e receber amizade. Ao Leonardo, pela leitura, pelas reflexões sobre tudo aquilo que gostamos e desgostamos, por estar comigo desde o primeiro encontro. À Naiara, por estar presente com amor e carinho, por pensar comigo sobre as dificuldades e bobagens da vida, desde a primeira semana de aula da graduação. Ao Ipê, meu afilhado,

carinha gente boa, pessoa que me fez sentir um amor que eu não sabia que existia.

Ao amigo Pedro Pagé, por sua primeira visita à Passa Quatro, por me acompanhar na Geografia, no som, no futebol, na constância e inconstância do mundo. À amiga Camila, por ter cedido a casa e organizado minha primeira e única festa surpresa até aqui, por me entender sem precisar olhar e, quando presencialmente, entender sem precisar palavra. À Maria Júlia, por todas as trocas que tivemos, por estar disposta a compartilhar experiências e me mostrar que podemos fazer isso de diferentes maneiras.

Ao amigo Lucas, pela companhia que suas músicas me fazem, pelo Verona, pelas audições, papos e encontros fraternos. Aos amigos Gabriel e Thobias, por todo aprendizado que suas canções me passam, por me chamarem para trabalhar e viver o segundo disco do Duo Aduar. À Maria Clara, pelas atenções e gostos compartilhados, por procurar entender comigo as existências, melancolias e prazeres do mundo. À mi hermana Maria Eduarda, pela literatura, pelas vezes em que filosofamos sobre diversos assuntos e por toda filosofia que há por vir.

Ao amigo Yuri e à amiga Bruna, por sempre me apoiarem, neste percurso acadêmico e em outros lugares da vida. Ao amigo Rodrigo, pela última visita de 2021, pelas venturas. Agradeço as queridas amigades: João, Alexandre, Jean, Matheus, Renan, Clara, Isabelle, Beatriz, Poliana, Paulão, Fernando, Valéria, Daniel, Marco Antônio, André, Kaynan, Hizumy e a todos(as) que estiveram comigo no decorrer destes anos.

À Universidade Federal de Alfenas e Casa da Cultura de Passa Quatro, ambas de Minas Gerais.

Às pessoas que, durante este período pandêmico e de falta de incentivos governamentais, fazem e defendem a ciência no Brasil. Às pessoas que se dedicam a diferentes manifestações e trabalhos artísticos, estes que, de alguma forma, sempre nos acompanham.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

“E quando se muda a paisagem são tuas mãos ou tuas luvas?”

(NERUDA, 2019, p. 55)

RESUMO

A Geografia se consolida enquanto ciência no século XX, demonstrando-se como forma de interpretação do espaço geográfico em suas diferentes dimensões. Entre elas, destaca-se a dimensão cultural, que surge no ocidente no fim do século XIX, percorrendo diversas transformações no decorrer do século seguinte. No Brasil, a geografia cultural passa a ser trabalhada e reconhecida durante os anos 1990, ganhando crescente importância a partir do século XXI. Diante deste cenário, o principal objetivo deste trabalho é compreender parte da produção acadêmica sobre geografia cultural no Brasil no período 2001-2020, tendo como fundamento a análise de periódicos científicos selecionados. Para isso, considerou-se a relação dos estudos culturais com o conceito de paisagem, assim como sua possível relação com a utilização de fotografias. Foram selecionados três periódicos para as análises: Espaço e Cultura, Ateliê Geográfico e Geograficidade. Como caminho para a construção da pesquisa, utilizou-se o método hermenêutico, acompanhado das técnicas de pesquisa relacionadas à análise do conteúdo e discurso. Primeiramente, realizou-se uma revisão bibliográfica sobre a história da geografia cultural, assim como estudos acerca do método e técnicas de pesquisa. Em um segundo momento, efetuou-se a seleção dos artigos nos periódicos e suas análises. Na sequência, foram feitas as sistematizações dos resultados. Por fim, a escrita final da dissertação. Nos resultados da pesquisa, evidenciam-se os temas, técnicas de pesquisa e escalas de estudo encontradas nos artigos investigados em cada periódico, assim como discussões referentes à conceituação de paisagem e sua relação com a cultura nestes trabalhos e sobre a dimensão espacial das publicações. Além disso, foram feitas discussões referentes à relação paisagem e fotografia e ao uso de imagens fotográficas nas pesquisas. A geografia cultural no Brasil mostra-se em crescimento, estabelecendo bases epistemológicas para sua adesão e propondo novas formas de interpretação do espaço. Junto a isso, o conceito de paisagem evidencia-se como possibilidade para estes estudos. Da mesma forma, entende-se que os registros fotográficos funcionam como suporte para a investigação geográfica.

Palavras-chave: Epistemologia; História do Pensamento Geográfico; Fotografia.

ABSTRACT

Geography consolidates itself as a science in the 20th century, demonstrating itself as a way of interpreting geographic space in its different dimensions. Among them, the cultural dimension stands out, which emerged in the West at the end of the 19th century, going through several transformations during the following century. In Brazil, cultural geography began to be worked on and recognized during the 1990s, gaining increasing importance from the 21st century onwards. Given this scenario, the main objective of this work is to understand part of the academic production on cultural geography in Brazil in the period 2001-2020, based on the analysis of selected scientific journals. For this, the relationship between cultural studies and the concept of landscape was considered, as well as its possible relationship with the use of photographs. Three periodicals were selected for analysis: Espaço e Cultura, Ateliê Geográfico and Geograficidade. As a way to build the research, the hermeneutic method was used, accompanied by research techniques related to content and discourse analysis. Firstly, a bibliographic review was carried out on the history of cultural geography, as well as studies on the research method and techniques. In a second step, the selection of articles in the journals and their analysis was carried out. Subsequently, the results were systematized. Finally, the final writing of the dissertation. The research results show the themes, research techniques and study scales found in the articles investigated in each journal, as well as discussions regarding the conceptualization of landscape and its relationship with culture in these works and on the spatial dimension of the publications. In addition, discussions were held regarding the relationship between landscape and photography and the use of photographic images in research. Cultural geography in Brazil is growing, establishing epistemological bases for its adhesion and proposing new ways of interpreting space. In addition, the concept of landscape appears as a possibility for these studies. Likewise, it is understood that photographic records work as a support for geographic investigation.

Keywords: Epistemology; History of Geographic Thought; Photography.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 -	Estrutura da paisagem segundo Carl Sauer.....	24
Figura 2 -	Linha do tempo da geografia cultural clássica.....	27
Figura 3 -	Linha do tempo da nova geografia cultural.....	33
Figura 4 -	Capa comemorativa de 25 anos da Revista Espaço e Cultura, 2021.....	59
Figura 5 -	Temas relacionados ao conceito de paisagem do ano de 2001 a 2020, no periódico Espaço e Cultura.	60
Figura 6 -	Técnicas de pesquisa utilizadas nos artigos analisados, na revista Espaço e Cultura 2001-2020.	64
Figura 7 -	Escalas de estudo dos artigos analisados, na revista Espaço e Cultura 2001-2020.	65
Figura 8 -	Distribuição dos(as) autores(as) e as instituições de origem por estado, que publicaram na Espaço e Cultura (2001-2020).	70
Figura 9 -	Autores(as) por gênero que publicaram sobre paisagem no periódico Espaço e Cultura entre 2001 e 2020.....	72
Figura 10 -	Capa da terceira edição do ano de 2020 da revista Ateliê Geográfico.....	73
Figura 11 -	Temas relacionados ao conceito de paisagem do ano de 2007 a 2020, no periódico Ateliê Geográfico.	75
Figura 12 -	Técnicas de pesquisa utilizadas nos artigos analisados, na revista Ateliê Geográfico 2007-2020.	79
Figura 13 -	Escalas de estudo dos artigos analisados, na revista Ateliê Geográfico 2007-2020.	80
Figura 14 -	Distribuição dos(as) autores(as) e as instituições de origem por estado, que publicaram na Ateliê Geográfico (2007-2020).	85
Figura 15 -	Autores(as) por gênero que publicaram sobre paisagem no periódico Ateliê Geográfico entre 2007 e 2020.	87
Figura 16 -	Capa da edição de inverno do ano de 2020 da revista Geograficidade.....	88
Figura 17 -	Temas relacionados ao conceito de paisagem do ano de 2011 a 2020, no periódico Geograficidade.	89
Figura 18 -	Técnicas de pesquisa utilizadas nos artigos analisados, na revista	

	Geograficidade (2011-2020).	93
Figura 19 -	Escalas de estudo dos artigos analisados, na revista Geograficidade 2011-2020.....	94
Figura 20 -	Distribuição dos(as) autores(as) e as instituições de origem por estado, que publicaram na Geograficidade (2011-2020)	99
Figura 21 -	Autores(as) por gênero que publicaram sobre paisagem no periódico Geograficidade entre 2011 e 2020.....	101
Figura 22 -	Uso de fotografias nos trabalhos analisados.....	102
Figura 23 -	Fotografia analógica da cidade do Natal-RN.....	103
Figura 24 -	Rua do município Jardim do Seridó (RN), pelo olhar de José Modesto de Azevedo.....	105
Figura 25 -	Diferentes campos de visões dos becos do Centro Histórico de Recife (PE).....	106
Figura 26 -	Fotografias da paisagem do município de Passa Quatro.....	110

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 -	Entendimentos sobre o conceito de paisagem na geografia cultural.....	40
Quadro 2 -	Guia de análise dos artigos.....	54
Quadro 3 -	Esquema metodológico da investigação.....	55
Quadro 4 -	Distribuição das instituições de ensino brasileiras por estado e número de artigos no periódico Espaço e Cultura (2001-2020)...	71
Quadro 5 -	Distribuição das instituições de ensino brasileiras por estado e número de autores(as) do periódico Ateliê Geográfico (2007-2020).....	86
Quadro 6 -	Distribuição das instituições de ensino brasileiras por estado e número de artigos no periódico Geograficidade (2011-2020).....	100

LISTA DE ORGANOGRAMAS

Organograma 1 -	Caminhos da estrutura metodológica.....	47
Organograma 2 -	Características do encontro interdisciplinar.....	52

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AL	Alagoas
AM	Amazonas
BA	Bahia
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoa de Nível Superior
CE	Ceará
CEFET-MG	Centro de Educação Tecnológica de Minas Gerais
ES	Espírito Santo
GHUM	Grupo de Pesquisa Geografia Humanista Cultural
GO	Goiás
IESA	Instituto de Estudos Socioambientais
IFBA	Instituto Federal da Bahia
IGEOG	Instituto de Geografia
MA	Maranhão
MG	Minas Gerais
MS	Mato Grosso do Sul
MT	Mato Grosso
NEER	Núcleo de Estudos em Espaços e Representações
NEPEC	Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Espaço e Cultura
PA	Pará
PE	Pernambuco
PPGAU	Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo
PR	Paraná
PUC-MG	Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais
PUC-SP	Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
RJ	Rio de Janeiro
RN	Rio Grande do Norte
RO	Roraima
RS	Rio Grande do Sul
SC	Santa Catarina
SE	Sergipe
SP	São Paulo

TO	Tocantins
UECE	Universidade Estadual do Ceará
UEL	Universidade Federal de Londrina
UEPG	Universidade Federal de Ponta Grossa
UEPR	Universidade Estadual do Paraná
UERJ	Universidade do Estado do Rio de Janeiro
UESC	Universidade Estadual de Santa Cruz
UES	Universidade Federal do Espírito Santo
UDESC	Universidade do Estado de Santa Catarina
UFAL	Universidade Federal de Alagoas
UFAM	Universidade Federal do Amazonas
UFBA	Universidade Federal da Bahia
UFC	Universidade Federal do Ceará
UFES	Universidade Federal do Espírito Santo
UFF	Universidade Federal Fluminense
UFGD	Universidade Federal da Grande Dourados
UFG	Universidade Federal de Goiás
UFMA	Universidade Federal do Maranhão
UFMG	Universidade Federal de Minas Gerais
UFMT	Universidade Federal de Mato Grosso
UFPA	Universidade Federal do Pará
UFPE	Universidade Federal de Pernambuco
UFPR	Universidade Federal do Paraná
UFRGS	Universidade Federal do Rio Grande do Norte
UFRJ	Universidade Federal do Rio de Janeiro
UFRN	Universidade Federal do Rio Grande do Norte
UFRR	Universidade Federal de Roraima
UFSC	Universidade Federal de Santa Catarina
UFS	Universidade Federal de Sergipe
UFT	Universidade Federal do Tocantins
UFV	Universidade Federal de Viçosa
ULBRA	Universidade Luterana do Brasil
UNEB	Universidade do Estado da Bahia

UNESP	Universidade Federal Paulista
UNICAMP	Universidade Estadual de Campinas
UNIFAL-MG	Universidade Federal de Alfenas
UNIP	Universidade Paulista
URCA	Universidade Regional do Cariri
USP	Universidade de São Paulo

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	16
1.1	OBJETIVOS.....	19
1.1.1	Objetivo geral.....	19
1.1.2	Objetivos específicos.....	19
2	UM TRAJETO PELA GEOGRAFIA CULTURAL E O CONCEITO DE PAISAGEM.....	20
2.1	O INÍCIO DA GEOGRAFIA CULTURAL NO OCIDENTE: ALEMANHA, ESTADOS UNIDOS E FRANÇA.....	21
2.2	A REFORMULAÇÃO DA GEOGRAFIA CULTURAL A PARTIR DA INTRODUÇÃO DE NOVOS CAMINHOS.....	28
2.3	O CONCEITO DE PAISAGEM E SUA RELAÇÃO COM A GEOGRAFIA CULTURAL.....	33
2.3.1	Geografia, paisagem e fotografia: considerações iniciais	41
3	METODOLOGIA PARA INTERPRETAÇÃO DA GEOGRAFIA CULTURAL NO BRASIL.....	45
3.1	MÉTODO E METODOLOGIA.....	46
3.2	MÉTODO HERMENÊUTICO.....	47
3.3	ANÁLISE DE CONTEÚDO E DISCURSO.....	50
3.4	PERCURSOS METODOLÓGICOS.....	53
3.4.1	Contexto vivenciado pela pandemia de Covid-19.....	56
4	ANÁLISE DOS PERIÓDICOS ESPAÇO E CULTURA, ATELIÊ GEOGRÁFICO E GEOGRAFICIDADE: PAISAGEM E GEOGRAFIA CULTURAL A PARTIR DO SÉCULO XXI.....	58
4.1	O PERIÓDICO ESPAÇO E CULTURA: ANÁLISES SOBRE OS ARTIGOS QUE INVESTIGARAM A PAISAGEM CULTURAL ENTRE 2001 E 2020.....	59
4.1.1	Temas.....	60
4.1.2	Técnicas de pesquisa e escalas.....	64

4.1.3	A conceituação de paisagem.....	67
4.1.4	A dimensão espacial das publicações em análise.....	70
4.2	O PERIÓDICO ATELIÊ GEOGRÁFICO: ANÁLISE SOBRE OS ARTIGOS QUE INVESTIGARAM A PAISAGEM CULTURAL ENTRE 2007 E 2020.....	73
4.2.1	Temas.....	74
4.2.2	Técnicas de pesquisa e escalas.....	78
4.2.3	A conceituação de paisagem.....	81
4.2.4	A dimensão espacial das publicações em análise.....	84
4.3	O PERIÓDICO GEOGRAFICIDADE: ANÁLISE SOBRE OS ARTIGOS QUE INVESTIGARAM A PAISAGEM CULTURAL ENTRE 2011 E 2020.....	88
4.3.1	Temas.....	89
4.3.2	Técnicas de pesquisa e escalas.....	93
4.3.3	A conceituação de paisagem.....	95
4.3.4	A dimensão espacial das publicações em análise.....	98
5	GEOGRAFIA, PAISAGEM E FOTOGRAFIA: O USO DE REGISTROS FOTOGRÁFICOS NOS ARTIGOS EM ANÁLISE.....	102
5.1	REFLEXÕES SOBRE O USO DE FOTOGRAFIAS.....	107
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	113
	REFERÊNCIAS.....	118
	ANEXOS.....	129

1 INTRODUÇÃO

A Geografia, sendo uma ciência que caminha por diferentes campos do conhecimento, traz às pessoas interessadas uma variedade de opções, tanto para a realização de pesquisas voltadas para o desenvolvimento epistemológico e construção científica, quanto para atuações em outros ramos do mercado de trabalho. No âmbito acadêmico, as linhas de pesquisas se relacionam com as respectivas vertentes existentes na história do pensamento geográfico. De uma forma geral, são: a clássica/tradicional, focada na descrição e empirismo; a teórica, alinhada ao quantitativo; a crítica, com uma visão materialista histórica de mundo e, por fim, a humanista, associada à fenomenologia e hermenêutica. Neste trabalho, encontra-se em análise a produção científica sobre geografia cultural no Brasil.

O interesse na construção desta pesquisa surge após a conclusão da graduação em Geografia Bacharelado pela UNIFAL-MG (Universidade Federal de Alfenas), no ano de 2019. A realização da monografia intitulada “Paisagens e lugares topofílicos na Serra da Mantiqueira: um estudo geográfico-fenomenológico sobre o município de Passa Quatro-MG”, abriu caminhos para se pensar um estudo epistemológico sobre geografia cultural no Brasil. A partir deste trabalho, obteve-se contato com métodos, teorias, conceitos e técnicas de pesquisa que relacionam Geografia e cultura, como a fenomenologia, os estudos sobre a percepção dos sujeitos no espaço geográfico, os conceitos de paisagem, lugar, topofilia e topofobia e a fotografia enquanto técnica de pesquisa. Diante disso, foi aguçada a curiosidade em pesquisar e compreender o papel da produção acadêmica sobre geografia cultural dentro da Geografia brasileira.

A geografia cultural surge em nosso país de forma tardia, após um longo período de existência da ciência geográfica em nosso território. De acordo com Corrêa (2017a), a geografia universitária foi criada no Brasil no ano de 1934, com a instauração do curso de geografia e história na Universidade de São Paulo (USP). Por sua vez, a geografia cultural - mesmo com alguns estudos realizados a partir dos anos 1970 - passou a ser trabalhada de forma frequente e reconhecida como vertente de estudo no início dos anos 1990, diferentemente de outros países que a estudavam desde o início do século XX, como França, Alemanha e Estados Unidos.

Mesmo com o início tardio, a partir de 1995 verifica-se um crescente aumento de pesquisas e trabalhos voltados para a geografia cultural (CORRÊA, 2017a). Um

ponto de partida importante para esse crescimento é a criação do Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Espaço e Cultura (NEPEC). O NEPEC foi criado e coordenado por Zeny Rosendahl, no Departamento de Geografia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), em 1993, constituindo-se em um centro de produção e divulgação da geografia cultural no Brasil. As linhas de pesquisa são direcionadas em três temáticas: relações entre espaço e religião, espaço e simbolismo e cultura popular - ênfase para a primeira temática. É importante destacar também a criação do periódico Espaço e Cultura e a série de livros intitulada “Geografia Cultural”, ambos organizados pelo NEPEC, que auxiliam nesse processo de divulgação científica acerca desta vertente do pensamento geográfico.

Destaca-se também o grupo de pesquisa denominado Geografia Cultural: Territórios e Identidade, criado em 1998 e liderado por Maria Geralda de Almeida, estando associado à Universidade Federal de Goiás (UFG). O grupo desenvolve diversas pesquisas voltadas para a geografia cultural, procurando buscar novas formulações teórico-metodológicas no plano acadêmico e novas formas de participação dos sujeitos nos planos culturais, sociais e econômicos, considerando os grupos sociais, manifestações culturais e as atividades turísticas.

Dentro da geografia cultural brasileira ainda existem o Núcleo de Estudos em Espaços e Representações (NEER), que teve sua primeira reunião em 2004, e o Grupo de Pesquisa Geografia Humanista Cultural (GHUM), fundado em 2008. O primeiro articula projetos e grupos de pesquisas de 20 universidades brasileiras, abordando temáticas como: Nova Geografia Cultural, Geografia Humanista e Estudo de Percepção. Já o segundo, está sediado na Escola de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal Fluminense (UFF) e também conta com integrantes de diversas universidades do país, sendo coordenado por Werther Holzer (UFF) e também por Lívia de Oliveira até 2020, dedicando-se às linhas de pesquisa Epistemologia e Metodologia da Geografia Humanista Cultural, Geografia e Arte e Lugar, Paisagem e Experiência. Como visto em Corrêa (2017b), há de se ressaltar ainda a existência de outros grupos, em outras universidades, como as de Goiânia, Fortaleza, Uberlândia, Sergipe, Curitiba e também em outras universidades do Rio de Janeiro.

Diante deste cenário, o presente trabalho levanta algumas questões referentes à produção científica sobre geografia cultural no Brasil a partir do século XXI, como: Quais as principais tendências temáticas existentes em revistas

científicas que publicam sobre a geografia cultural no Brasil? Ou ainda, Quais os principais métodos e técnicas de pesquisa utilizadas por estes trabalhos? Considerando que, a partir do período de tempo aqui delimitado, existe uma expansão dessa linha de pesquisa no cenário científico da Geografia brasileira.

Outras reflexões se fazem necessárias. Em um primeiro contato com a abordagem cultural da Geografia, foi possível perceber que o conceito de paisagem está presente desde a geografia cultural tradicional, entrando em desuso na geografia teórica e ganhando novos entendimentos a partir das reformulações epistemológicas advindas das décadas de 1960-1970 (CLAVAL, 2007). Percebe-se também uma possível relação entre Geografia, paisagem e fotografia, uma vez que a fotografia pode ser concebida como instrumento concordante da paisagem e a busca pela imagem - articulando processamento, organização e divulgação - pode auxiliar na compreensão de eventos geográficos (COSTA, 2014; REIS JÚNIOR, 2014; STEINKE, 2014). Por isso, surgem outras questões: Quais os entendimentos referentes ao conceito de paisagem nos artigos científicos sobre geografia cultural no Brasil do século XXI? De que forma os trabalhos utilizam a fotografia na realização das investigações? Tendo em vista a relevância do conceito de paisagem para a geografia cultural e a possibilidade de utilização da fotografia enquanto instrumento de pesquisa científica.

Nesse sentido, as pesquisas que envolvem a história do pensamento geográfico possuem importância para a compreensão do desenvolvimento científico, uma vez que a Geografia se encontra em constante transformação (ALVES, 2010). De acordo com Corrêa (2017b, p. 77) “a produção brasileira caracteriza-se pela diversidade teórica, metodológica e temática, que estão necessitando de uma avaliação mais acurada, a qual demanda tempo de pesquisa”. Portanto, a proposta desta pesquisa consiste em analisar parte da produção sobre geografia cultural no Brasil a partir do século XXI, visto que, até este momento, raramente são encontrados estudos que sistematizem e analisem estes trabalhos. Entende-se que este trabalho não encerra o assunto, porém, pode servir de apoio para futuros estudos e investigações. Ademais, acredita-se que as pesquisas que se ocupam dos aspectos intelectuais ligados ao pensamento geográfico podem trazer contribuições valiosas para a ciência geográfica e para os diversos cursos de Geografia espalhados pelo país.

Deste modo, na continuidade do texto apresentar-se-á o objetivo geral e os

objetivos específicos. Logo após, apresenta-se o capítulo denominado “Um trajeto pela geografia cultural e o conceito de paisagem”, onde se encontram discussões sobre a trajetória epistemológica da geografia cultural, sua relação com o conceito de paisagem, assim como considerações iniciais sobre o uso da fotografia. Na sequência, encontra-se o capítulo “Metodologia para interpretação da geografia cultural no Brasil”, que conta com reflexões sobre o método, técnicas de pesquisa e a apresentação dos procedimentos metodológicos aqui adotados.

Posteriormente, evidencia-se o quarto capítulo, voltado para a exposição e discussão dos resultados das análises realizadas por este trabalho. O quinto capítulo é composto pelas reflexões sobre o uso de fotografias nos trabalhos investigados e possibilidades das imagens fotográficas para a geografia cultural e ciência geográfica. Por fim, foram feitas as considerações finais acerca da realização da pesquisa.

1.1 OBJETIVOS

1.1.1 Objetivo geral

Compreender parte da produção acadêmica sobre geografia cultural no Brasil no período 2001-2020, tendo como fundamento a análise de periódicos científicos selecionados.

1.1.2 Objetivos específicos

- a) Analisar a importância da produção científica, entre 2001 e 2020, sobre a geografia cultural nos periódicos nacionais selecionados;
- b) Identificar as principais temáticas, métodos e técnicas das pesquisas que utilizaram o conceito de paisagem;
- c) Discutir a relação existente entre paisagem e a utilização de imagens fotográficas nas pesquisas e suas possíveis contribuições para a geografia cultural e ciência geográfica;

2 UM TRAJETO PELA GEOGRAFIA CULTURAL E O CONCEITO DE PAISAGEM

Visando trazer suporte teórico para as análises da presente pesquisa, este capítulo tem como objetivo realizar um resgate histórico e bibliográfico acerca da geografia cultural e de sua relação com o conceito de paisagem. Para isso, realizaremos uma discussão com autores e autoras que abordam essa temática (CLAVAL, 1997; CLAVAL, 2002; CORRÊA, 2001; HOLZER, 2013 e ZANATA, 2008), a fim de evidenciar alguns trajetos percorridos pelos estudos culturais dentro da história do pensamento geográfico.

No início do século XIX os estudos dos geógrafos alemães Alexander von Humboldt e Carl Ritter marcados por realizar, respectivamente, descrições naturalistas e sistematizações teóricas de dados coletados em campo, influenciaram os decorrentes trabalhos realizados pela Geografia. Nesse sentido, a geografia cultural se desenvolve no mundo ocidental a partir de países como Alemanha, França e Estados Unidos, criando uma base epistemológica para sua adesão e desenvolvimento. Os estudos sobre cultura começam a surgir na Geografia por volta do fim do século XIX, envolvendo trabalhos realizados por autores tradicionais, como Friedrich Ratzel, Paul Vidal de La Blache e Carl Ortwin Sauer.

Com o início da década de 1940 os estudos tradicionais da geografia cultural clássica entram em desuso frente às pesquisas voltadas para a geografia teórica ou quantitativa. Contudo, a partir da década de 1970, com as mudanças históricas, sociais, culturais e políticas provenientes da década anterior, a Geografia também se move para uma reformulação de seus ideais. Conforme nos mostra Krüger (2010, p. 139), os acontecimentos da década de 1960, marcados por “revoluções comportamentais, surgimento da contracultura, revoluções nas artes, expansão da indústria cultural, eclosão dos movimentos sociais: estudantis, feministas, ambientais”, implicaram alterações no mundo todo e em diversas esferas das estruturas sociais. Além disso, a partir deste período acontece também um avanço de ditaduras militares na América Latina, como evidencia o trabalho de Fernandes e Moretti (2018).

Devido às novas necessidades deste período histórico, geógrafos e geógrafas passam a entender que para realizar análises sobre o espaço é necessário ir além das descrições e quantificações que marcaram a geografia tradicional e teórica.

Nesse sentido, métodos como a fenomenologia, a hermenêutica e o materialismo histórico e dialético passam a ser introduzidos nos estudos geográficos, ocorrendo, deste modo, uma aproximação com outros campos do conhecimento. Como características destes novos trabalhos, tem-se a necessidade de superação do positivismo, bem como o distanciamento de ideais deterministas. Deste modo, começam as investigações sobre a dimensão histórica e cultural-simbólica dos sujeitos inseridos no espaço, envolvendo tanto a materialidade quanto a imaterialidade, criando-se uma geografia cultural radical e uma geografia cultural humanista.

A presente discussão segue, primeiramente, pelo entendimento de como surgiu os estudos culturais voltados para a Geografia e de como este foi utilizado pelos geógrafos na geografia cultural tradicional. Em um segundo momento, pretende-se fazer uma exposição sobre como foi feita a renovação dos estudos culturais voltados tanto para a geografia radical quanto para a geografia humanista. Por fim, discute-se o conceito de paisagem relacionado ao desenvolvimento da geografia cultural ao longo da história do pensamento geográfico.

2.1 O INÍCIO DA GEOGRAFIA CULTURAL NO OCIDENTE: ALEMANHA, ESTADOS UNIDOS E FRANÇA

Diante das reflexões epistemológicas trabalhadas por autores que estudam a geografia cultural e outros campos das ciências humanas, torna-se visível que o termo cultura é dotado de diversos sentidos e faz parte de um amplo debate (CLAVAL, 2002; CORRÊA, 2009 e LÉVY, 2015). A cultura associa-se a junção de comportamentos, conhecimentos, valores e técnicas acumuladas no percurso da vida dos indivíduos e grupos sociais dos quais estes indivíduos fazem parte. Relaciona-se com a transmissão de saberes e crenças de uma geração a outra e, por percorrer o espaço-tempo, essa transmissão não é estática, transformando-se através do contato com aquilo que é diferente (CLAVAL, 2007).

No que se refere à ciência geográfica, o interesse pelos estudos culturais tem origem por volta dos anos 1890, no contexto de estruturação desta ciência (CLAVAL, 2002). Paul Claval (2007), realiza um percurso por estes estudos, evidenciando as fases desta vertente do pensamento geográfico, o autor nos mostra que no mundo ocidental países como Alemanha, Estados Unidos e França foram os precursores da

geografia cultural. Na Alemanha, surgem os trabalhos de Ratzel, influenciados pelo pensamento de Darwin, este autor cunhou o termo antropogeografia. Nos Estados Unidos, os trabalhos de Carl Sauer - geógrafo fundador da escola de Berkeley - ganham destaque diante de uma Geografia americana preocupada com o rigor metodológico e com as representações cartográficas. Por último, na França, evidenciam-se os trabalhos de Paul Vidal de La Blache, inspirados pelas ideias de Lamarck, tratando a antropogeografia como geografia humana.

De acordo com Claval (2007), o termo “geografia cultural” é introduzido pela primeira vez em uma obra que discorre sobre a geografia dos Estados Unidos. Esta obra foi publicada pelo geógrafo alemão Friedrich Ratzel (1844-1904) e o termo encontra-se presente no título do tomo II, denominado “A geografia cultural dos Estados Unidos da América do Norte com ênfase voltada para suas condições econômicas”. Através de sua formação naturalista e dos aprendizados com Humboldt e Ritter, mestres da disciplina, Ratzel constrói uma divisão para os estudos dos homens e das civilizações, propondo para essa finalidade a antropogeografia. Deste modo, a antropogeografia seria guiada por três fundamentos: o mapeamento e a descrição das áreas onde os seres humanos residem, o entendimento de como a humanidade divide-se na superfície terrestre e a compreensão de como ocorre a influência da natureza em relação aos corpos e espíritos (BÜTTMAN, 1977, *apud* CLAVAL 2007).

Além disso, Ratzel também se dedicou à geografia política, para ele a existência e continuidade dos indivíduos e grupos estavam condicionadas à capacidade de mobilidade, aos elementos existentes no espaço e ao domínio de técnicas. “A seleção dos seres vivos pelo meio que Darwin postulava é substituída por Ratzel pela seleção das sociedades pelo espaço: a política impõe-se, assim, ao cultural” (CLAVAL, 2007, p. 23). As indagações inicialmente feitas por Ratzel fazem com que a cultura ganhe destaque perante a geografia humana, porém, ao comparar os Estados a organismos que estão constantemente comprometidos pela falta de espaço, seu interesse pela cultura torna-se fundamentalmente político (CLAVAL, 2007).

Claval (2002, p. 19), ressalta que do final do século XIX até o início dos anos cinquenta do século XX “os geógrafos adotavam uma perspectiva positivista ou naturalista, não estudando a dimensão psicológica ou mental da cultura”. Segundo Claval (2007), é nesse cenário que os trabalhos de Ratzel recebem críticas por não

apresentar um objeto que pudesse provar a existência de uma disciplina. Diante disso, o geógrafo alemão Otto Schlüter (1872-1959) traz contribuições importantes em uma tentativa de enunciar um objeto de estudo para a geografia humana: a paisagem, formada pela ação da natureza e dos homens. Schlüter considera a geografia humana como sendo o reflexo das transformações do espaço pelos grupos humanos, sua Geografia é marcada por aquilo que autores alemães denominaram de *Kulturlandschaft*, termo que se refere à paisagem cultural ou humanizada.

Para Ratzel, o estudo geográfico da cultura confundia-se com o dos artefatos utilizados pelos homens para dominar o espaço. Para Schlüter e para a maioria dos geógrafos alemães das primeiras décadas do século, é a marca que os homens impõem à paisagem que constitui o objeto fundamental de todas as pesquisas. Esta marca é estruturada: o objeto da geografia é de apreender esta organização, de descrever aquilo que se qualifica desde então de morfologia da paisagem cultural e de compreender sua gênese (CLAVAL, 2007, p. 24).

Claval (2007), analisa a produção geográfica cultural da Alemanha na primeira metade do século XX, para o autor a influência advinda dos estudos de Darwin direcionou estes trabalhos iniciais à atenção aos utensílios, técnicas e ao consequente domínio do espaço pelos grupos sociais. Isso fez com que o entendimento sobre como essas práticas foram adquiridas, seus conhecimentos e valores, não fossem investigados. Por outro lado, é também neste período que a dimensão cultural da paisagem fica marcada por conta de seus traços vigorosamente estruturados e estáveis.

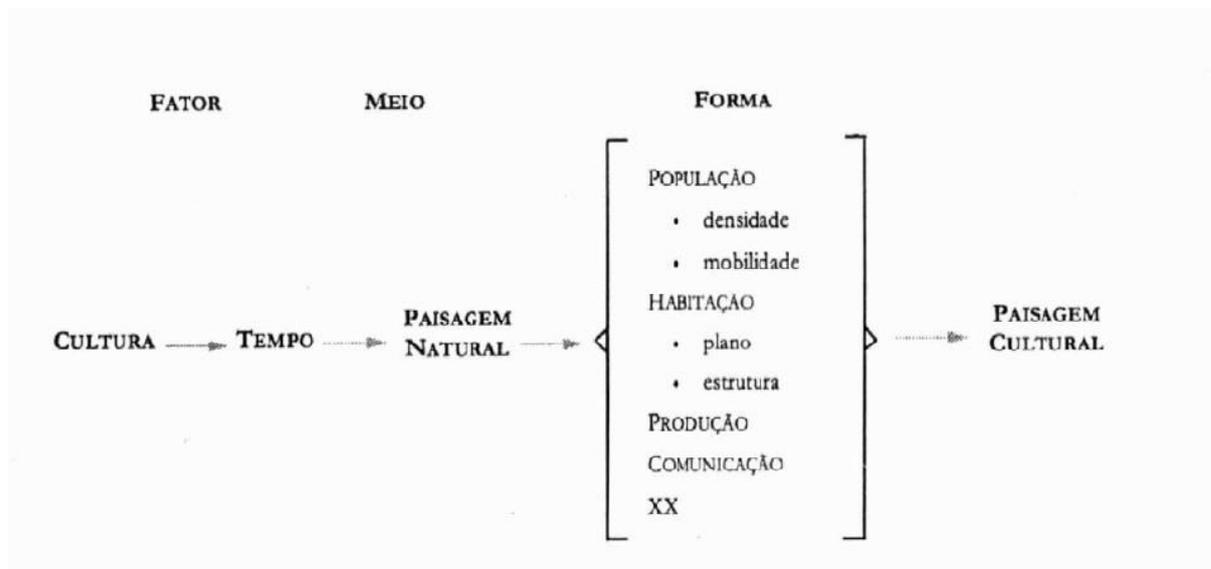
Nesse sentido, a partir dos estudos de Carl Ortwin Sauer (1889-1975) e da escola de Berkeley, a discussão sobre cultura e sua dimensão no espaço geográfico entra em destaque nos Estados Unidos. Corrêa (2003), defende que a geografia cultural ganha identidade a partir da realização dos trabalhos de Sauer e seus adeptos. Por conta da preocupação com o rigor metodológico, com as coletas de dados e representações cartográficas, a geografia cultural dos Estados Unidos teria sido esquecida sem as pesquisas de Sauer. O geógrafo começou a abordar a questão trinta anos após os primeiros trabalhos dos alemães nessa área (CLAVAL, 2007).

Sauer, antes de realizar seus estudos e acabar ministrando aulas na Universidade de Berkeley, passou parte de sua vida na Alemanha, possuindo, deste

modo, afinidade com a língua e pensamento alemães. Essa ligação se torna nítida a partir da publicação de “A morfologia da paisagem”, onde o autor retoma a expressão de mesmo nome inicialmente proposta e popularizada pelo geógrafo alemão Otto Karl Siegfried Passarge (1866-1958) (CLAVAL, 2007).

Para Sauer (2003, p. 22), “a geografia cultural se interessa, portanto, pelas obras humanas que se inscrevem na superfície terrestre e imprimem uma expressão característica”. O autor fundamentava-se no historicismo, iniciando na Geografia americana uma abordagem onde o homem e as transformações na paisagem mostram-se no sentido temporal, relacionando as mudanças ao conceito de cultura (Figura 1).

Figura 1 - Estrutura da paisagem segundo Carl Sauer.



Fonte: Sauer (1998 [1925], p. 58).

Deste modo, Sauer se mostrava contrário ao determinismo ambiental, afirmando a condição do homem de sobressair perante a natureza (SPETH, 2011; MATHEWSON e SEEMANN, 2008):

Nossa seção da realidade, ingenuamente selecionada, a paisagem, está sofrendo uma mudança múltipla. Esse contato do homem com seu lar mutável, como é expresso por meio da paisagem cultural, é nosso campo de trabalho. Preocupamo-nos com a importância do sítio em relação ao homem e com a transformação desse sítio. Ao mesmo tempo, lidamos com a inter-relação do grupo, ou culturas, e sítio, como expressos nas várias paisagens do mundo (SAUER, 1998 [1925], p. 68).

O interesse pelo historicismo por parte de Sauer surge a partir de sua proximidade com a antropologia americana. O autor critica as civilizações modernas, considerando-as indiferentes a condição humana e à natureza. Para ele, a Geografia limita-se ao que é identificável na superfície da terra, ressaltando, assim como os geógrafos alemães, o caráter material da cultura, não abordando as dimensões sociais e subjetivas da mesma. Ao mesmo tempo, Sauer possui um interesse ecológico, destacando que a cultura é constituída por fatores biológicos (fauna e flora) que as sociedades, com o passar do tempo, conheceram e começaram a utilizar visando um ambiente mais produtivo. As transformações do espaço causadas pela interferência humana não são inocentes, podendo causar graves desastres. É nesse sentido que as preocupações de Sauer e da escola de Berkeley encontram-se atuais (CLAVAL, 2007).

Mesmo com o avanço em alguns pensamentos, como a necessária superação do determinismo ambiental e a preocupação ecológica, Sauer e seus discípulos receberam críticas. Duncan (2003), ressalta que os geógrafos culturais americanos aceitaram a cultura como uma entidade supra-orgânica. De acordo com Corrêa (2001, p. 25), “a cultura constitui-se, assim, um nível independente da realidade, externa ao indivíduo, explicável por si própria, dentro de uma visão holística”. Deste modo, as críticas caminhavam no sentido de não concordar com o fato de que a cultura era, sobretudo, controladora das ações humanas. “Em realidade, ao abandonar o determinismo ambiental, Sauer e seus discípulos acabaram engajados no determinismo cultural, outra versão do darwinismo social contra o qual Sauer tanto lutara.” (CORRÊA, 2001, p. 27). Ainda assim, os trabalhos de Sauer e da escola de Berkeley são importantes para a continuidade da geografia cultural.

Além de Alemanha e Estados Unidos, os estudos culturais iniciais da Geografia ocidental ganham destaque também na França, introduzidos pelo pensamento de Paul Vidal de La Blache (1845-1918) (ZANATA, 2008). Claval (2007), afirma que este geógrafo parte da ideia de geografia humana proposta por Ratzel, estudando as relações do meio e das sociedades humanas. Assim como os geógrafos alemães e americanos, ele também se interessa pelo conjunto de técnicas e utensílios que o ser humano detém para a transformação de determinado contexto onde reside. Todavia, La Blache defende que a análise destes fatores não faz sentido quando não enquadrada dentro daquilo que denomina de gêneros de vida.

Refletindo sobre as relações que se estabelecem entre os seres humanos e o meio, Vidal de La Blache elaborou o conceito de gênero de vida, o qual exprimiria uma relação entre população e recurso, uma situação de equilíbrio, contribuída historicamente. Pode-se definir esse conceito como o conjunto de técnicas, hábitos e costumes próprios de uma sociedade que possibilitam o aproveitamento dos recursos naturais disponíveis. Sustentando a ideia de que a ação humana é influenciada pela contingência, para Vidal o meio físico exercia ascendência sobre certos gêneros de vida, mas os grupos humanos também nele podiam intervir, dependendo de seu estágio civilizatório, cultural e seu desenvolvimento tecnológico (ZANATA, 2008, p. 227).

Assim como Ratzel, La Blache destaca o papel das técnicas no processo de dominação do espaço pelo homem. Contudo, a noção de gênero propõe que a ação humana seja delineada pelo que se encontra disponível ou não na natureza, assim como pelo desenvolvimento das técnicas, da cultura e da civilização dos grupos sociais, distanciando-se do determinismo geográfico e aproximando-se do possibilismo. “O estudo da difusão das técnicas permite compreender o arsenal à disposição de cada grupo. Mas o gênero de vida tem dimensões sociais e ideológicas que estão indissociavelmente ligadas a seu aspecto ecológico” (CLAVAL, 2007, p. 35).

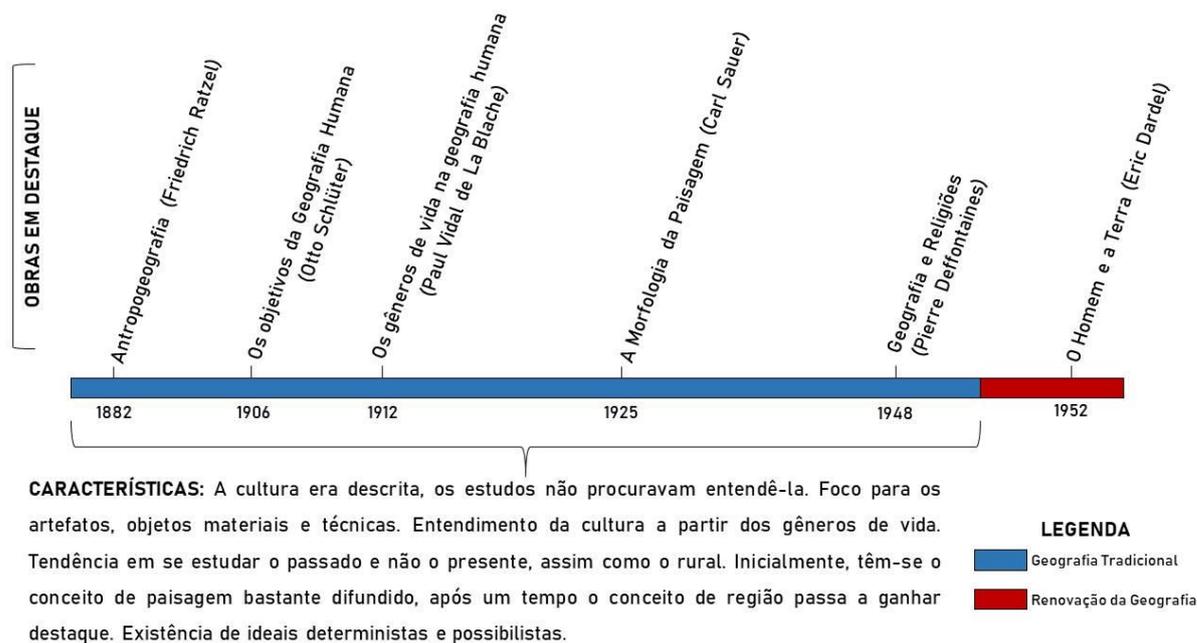
De acordo com Claval (2007), a visão de La Blache é inspirada pela tônica naturalista que rondava o mundo intelectual nos primeiros anos do século XX. Devido à influência do pensamento de Lamarck e por ser uma característica da Geografia da época, seus trabalhos tinham como marca a descrição e explicação dos hábitos humanos no espaço, formando, portanto, a paisagem humanizada. Além disso, o autor se dedicava a explicar a formação dos lugares, afirmando que a ciência geográfica é a ciência dos lugares, não dos homens. A noção de gênero de vida inicia na Geografia francesa um campo que progressivamente se dedica aos comportamentos humanos, cada vez mais complexos e heterogêneos.

Ainda na Geografia francesa deste período, destacam-se também autores como Jean Brunhes (1869-1930) e Pierre Deffontaines (1894-1978). Brunhes, apesar de ter sido um dos primeiros alunos de Vidal de La Blache, praticava uma Geografia diferente da de outros vidalianos, procurando ressaltar tanto os elementos funcionais do espaço como os de valores simbólicos. Já Deffontaines se aproxima de pesquisas feitas por etnógrafos e folcloristas. Estes autores seguiram o pensamento de La Blache principalmente no que se refere ao gênero de vida, sendo cruciais para direcionar os estudos culturais para o espaço agrário (CLAVAL, 2007).

Nesse sentido, ocorrem certas mudanças dentro da geografia humana francesa, nas palavras de Claval (2007, p. 35) “naturalista pela sua origem e suas justificações, ela deriva rapidamente para posições mais humanistas”.

O período entre final do século XIX e primeira metade do século XX viu surgir uma geografia cultural preocupada com as técnicas, com a organização dos elementos humanos no espaço e suas marcas na paisagem (Figura 2). Claval (2007), assevera que a preocupação dos geógrafos que se interessavam pela cultura neste período voltava-se muito mais à descrição do mundo do que sua compreensão propriamente dita. Além disso, não concediam importância aos problemas dos grupos sociais, deixando de lado suas manifestações políticas ou simbólicas. O passado era mais investigado do que o presente, devido ao distanciamento do mundo moderno, complexo e industrial. O subjetivo era praticamente irrelevante frente aos aspectos materiais.

Figura 2 - Linha do tempo da geografia cultural clássica.



Organização: Felipe da Silva Vieira.

Segundo Claval (2007), os trabalhos da geografia cultural tenderam a seguir a ideia de gêneros de vida e descrição até os anos 1970, mesmo com a publicação de Eric Dardel¹. Todavia, devido ao desenvolvimento da sociedade - levando em

¹ O homem e a terra: a natureza da realidade geográfica.

consideração a padronização das técnicas e o aumento da industrialização nos países -, este modo de pensar entra em desuso por não responder questões importantes do mundo moderno, relacionadas à crescente heterogeneidade do espaço. É nesse sentido que o campo da geografia cultural se estrutura para novas formas de análises.

2.2 A REFORMULAÇÃO DA GEOGRAFIA CULTURAL A PARTIR DA INTRODUÇÃO DE NOVOS CAMINHOS

Claval (2011), afirma que a concepção positivista que marcou a geografia cultural a partir de estudos feitos na primeira metade do século XX, entra em declínio no final da década de 1960. Os contrários eram geógrafos e geógrafas que procuravam novos caminhos para as análises, como a fenomenologia, o materialismo histórico dialético e a hermenêutica. Como aponta Holzer (2013), é importante destacar o ambiente intelectual da época: movimento hippie, revoltas estudantis e questionamentos sobre os padrões culturais e políticos impostos. Deste modo, estas filosofias críticas começaram a nortear os novos estudos culturais na Geografia.

Em seu trabalho onde faz uma revisão sobre a geografia humanista², Holzer (2013), nos mostra que os estudos de caráter fenomenológico já eram gestados na geografia cultural antes mesmo da reformulação que ocorreu na segunda metade do século XX. A ideia de estudar geograficamente a imaginação humana, superando a visão cartesiana e positivista, remete aos anos 1920. Segundo Amorim (2014), a fenomenologia está presente na Geografia desde a geografia tradicional. O referido autor destaca que os trabalhos de Carl Sauer, J.K. Wright, W. Kirk, Eric Dardel, E. G. Hoskins e D. Lowenthal foram precursores da geografia humanista. Holzer (2013), reforça dizendo que a obra de Eric Dardel influenciou autores como Edward Relph e Yi-Fu Tuan, com papel fundamental na concepção do conceito de lugar, um importante conceito para a geografia humanista.

Holzer (2013), afirma que o artigo “Geografia Humanística”, publicado por Yi-Fu Tuan em julho de 1976, é considerado um marco para a independência desta vertente da Geografia. Neste trabalho o autor traz algumas proposições sobre como

² Para mais estudos, autores e autoras desta nova fase da ciência geográfica, consultar Valcárcel (2000) e Claval (2001).

deve ser as atitudes de um geógrafo voltado às preocupações humanistas.

A geografia humanística procura um entendimento do mundo humano através do estudo das relações das pessoas com a natureza, do seu comportamento geográfico bem como dos seus sentimentos e ideias a respeito do espaço e do lugar (TUAN, 1985, p. 143).

Tuan (1985), diz que o entendimento de como o espaço se transforma em um lugar especificamente humano é dever do geógrafo humanista, fazendo-se necessário aderir a interesses humanísticos, como: a experiência, a qualidade da ligação emocional com os objetos materiais, a característica e função dos símbolos na construção de um lugar. Tuan (1985, p. 151), define a identidade de um lugar como sendo “a sua característica física, sua história e como as pessoas fazem uso de seu passado para promover a consciência nacional”. A ligação sentimental e perceptiva do ser humano com o meio físico é fator importante no desenvolvimento da pesquisa humanística e qualitativa. Através do entendimento da percepção e do sentimento, podemos observar as diferentes experiências que irão refletir as formas de adaptação, identidade e as atividades de indivíduos e grupos sociais em determinados espaços.

Além deste trabalho de Tuan, Holzer (2013) destaca dois eventos que aconteceram em 1961 e que também possuem importância para a criação da identidade da geografia humanista. O primeiro se refere à revisão realizada por David Lowenthal, um ex-aluno de Sauer, sobre a obra de John Kirtland Wright. Esta revisão buscou uma renovação da geografia cultural que, frente ao domínio da geografia quantitativa e comportamental, perdia espaço na América do Norte. Segundo Lowenthal (1985, p. 112), “a visão do mundo que os geógrafos constroem deve ser criada a cada nova geração, não somente porque a realidade muda, mas também porque as preocupações humanas variam”. Por sua vez, o segundo evento se relaciona à proposição de outro trabalho de Yi-Fu Tuan que, inspirado em Bachelard, realiza uma geografia aplicada ao entendimento da relação de afetividade entre o homem e o meio natural, ou seja, trata-se do conceito denominado por Tuan como topofilia. “A geografia se dedicaria ao estudo das vivências, que se expandem do lar para paisagens mais amplas, da paisagem humanizada para os cenários mais selvagens” (HOLZER, 2013, p. 138).

Outros também foram importantes neste período de reformulações. Conforme

aponta Holzer (2013), foi Edward Relph quem primeiro inseriu em um artigo as possíveis contribuições da fenomenologia como suporte para a união dos geógrafos preocupados com os aspectos subjetivos da espacialidade. Holzer (2013, p. 140), disse que “Relph previa pelo menos duas consequências imediatas do uso da fenomenologia na geografia: uma visão holística e unificadora da relação homem-natureza e uma crítica ao cientificismo e ao positivismo”. Ainda segundo Holzer (2013), os autores Mercer e Powell (1972) e a autora Anne Buttimer (1974) foram de igual importância para este momento. Os primeiros realizaram uma sistematização sobre métodos até então não convencionais para a subjetividade na Geografia, como a fenomenologia. Buttimer (1985) realizou um trabalho que relaciona a fenomenologia e o existencialismo à ciência geográfica. Deste modo, o último passo para a renovação epistemológica estava dado.

A geografia cultural voltada para a fenomenologia continua a partir da década de 1980, preocupada com valores humanistas e sendo contrária ao positivismo. Como aponta Holzer (2013, p. 146), “nunca houve um afastamento efetivo da geografia cultural, mas uma procura em se distinguir dos que se utilizavam do positivismo como método”. Holzer (2013), ainda reforça que sempre houve a sintonia com a questão ambiental, dizendo que foi dentro do humanismo que os problemas ambientais ganharam notoriedade e avançaram de forma conceitual na Geografia.

Além do aporte humanístico, destaca-se também a contribuição da geografia cultural relacionada ao materialismo histórico e dialético, como é possível ver em Zanata (2008) e Cosgrove (2013). Em 1983, Denis Cosgrove publica “Em direção a uma geografia cultural radical: problemas na teoria”, artigo publicado no Brasil em junho de 2013, no periódico Espaço e Cultura. Neste trabalho onde faz uma revisão sobre a geografia cultura e o marxismo, o geógrafo cultural britânico indica suas ligações e também seus problemas.

O marxismo e a geografia cultural partem deste mesmo ponto ontológico, indo contra qualquer forma de determinismo, seja cultural ou natural, e buscam um entendimento da relação entre seres humanos e natureza a partir do ponto de vista histórico (COSGROVE, 2013). De acordo com Cosgrove (2013), os conceitos desenvolvidos pelos geógrafos Carl Sauer e La Blache dependem da compreensão da natureza e cultura, em sua relação dialética. Estes autores tradicionais da geografia cultural, mesmo compartilhando de algumas premissas do materialismo histórico, não incorporaram de forma eficaz esta temática dentro do pensamento

geográfico e tenderam a tratar a cultura como fato puramente inventivo do ser humano. A abordagem dialética entre natureza e cultura foi, portanto, logo de início isolada. Ao mesmo tempo, Cosgrove também destaca alguns problemas quanto a este caminho. “Manter a dialética da cultura e natureza sem cair no idealismo ou no materialismo reducionista é o principal problema teórico para o materialismo histórico” (THOMPSON, 1978, *apud* COSGROVE, 2013, p. 6).

Nesse sentido, Cosgrove (2013) destaca a centralidade de Antonio Gramsci e György Lukács nos estudos sobre a cultura, pois ambos reconheceram que esta tem papel fundamental na construção da consciência de classes. Lukács tratou a cultura literária e artística, enquanto Gramsci envolveu-se com a questão do entendimento da consciência de classes dentro de determinada particularidade geográfica. De acordo com Cosgrove (2013, p. 18), “na sociedade de classes, a cultura é o produto da experiência de classes. Os reflexos do senso comum de cada classe sobre sua própria experiência material é parte de sua luta com outras classes”.

A influência do materialismo histórico e dialético se manifesta, principalmente, por meio da compreensão da cultura, simultaneamente, como um reflexo e condição social; da oposição a qualquer forma de determinismo ou explicação linear causal e do reconhecimento da dimensão histórica na relação entre os seres humanos e a natureza (ZANATA, 2008, p. 231).

As visões destes dois autores que Cosgrove resgata constituem maneiras de se pensar a cultura por meio do materialismo histórico e dialético. Contudo, existem também outros trabalhos de igual importância. De modo geral, Cosgrove e Jackson (2003) indicam os trabalhos advindos de Stuart Hall e do Centro de Estudos Culturais contemporâneos da Universidade de Birmingham, como necessários para a compreensão e investigação de diversos temas. Entre estes temas, destacam-se aqueles voltados para o entendimento das minorias, que tratam sobre assuntos emergentes e urgentes, como a desigualdade de gênero, o racismo e a homofobia.

Outro sociólogo que também trabalhou a cultura a partir da utilização do materialismo histórico e dialético foi Raymond Williams. Para Williams (2002), a hegemonia existente no mundo, bem como o sistema hierárquico não deve ser trabalhada através de uma simples opinião ou manipulação. O autor defende que se trata de um conjunto de significados e valores que a partir do momento em que são utilizados, através da ação humana, confirmam-se uns aos outros. Este modelo

acaba provocando certa imobilidade dentro das próprias vidas dos sujeitos que constituem a sociedade, uma vez que este sistema de significados delimita ações que são reproduzidas cotidianamente e necessárias para a subsistência. Em todo caso, o autor não considera este um sistema estático. “Pelo contrário, só podemos entender uma cultura dominante e eficaz se compreendermos o verdadeiro processo social da qual ela depende, isto é, o processo de incorporação” (WILLIAMS, 2002, p. 13).

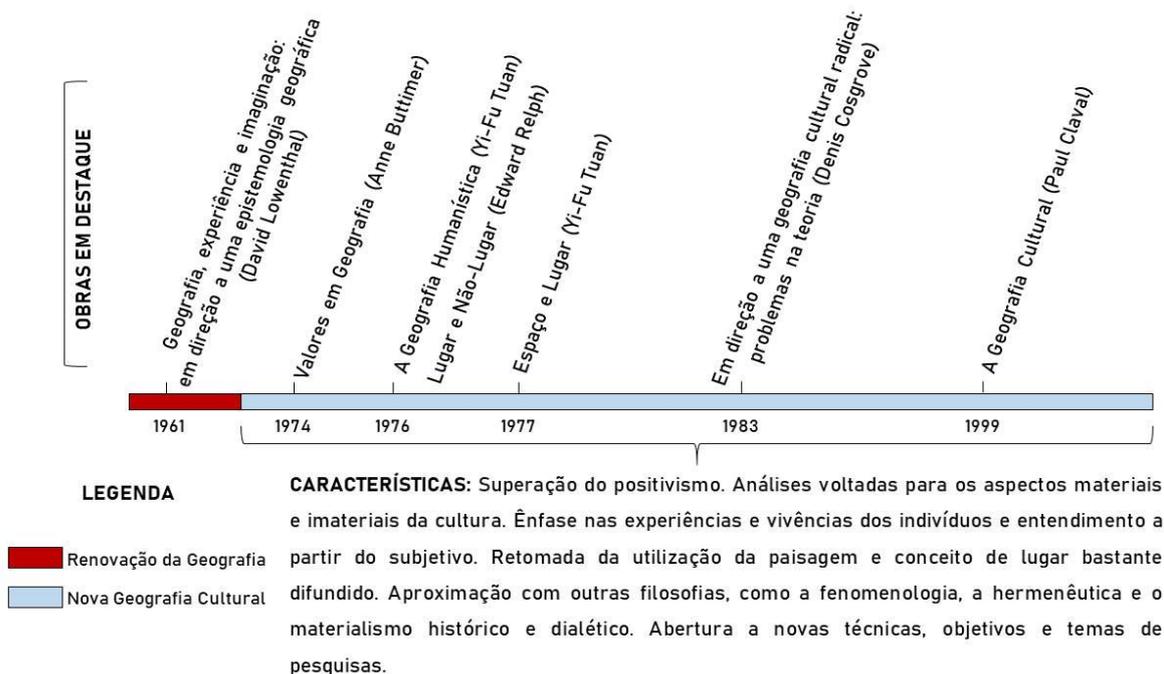
Claval (2001), afirma que para os geógrafos críticos a sociedade não é uma organização que existe desde sempre, suas regras advêm de iniciativas humanas. Quando estas relações humanas geram desigualdades sociais, existe o descontentamento com a imposição e a luta por justiça social. Portanto, “os geógrafos não devem desviar-se da análise da contestação social, do desenvolvimento de movimentos de oposição e do surgimento de culturas críticas e de contraculturas.” (CLAVAL, 2001, p. 45-46). Com a renovação da geografia cultural a partir da segunda metade do século XX, percebe-se um largo campo de estudos se criando para a Geografia.

Essa mudança é fundamental. Por significar que a abordagem cultural não é um aspecto limitado, um capítulo especial da geografia humana, ela constitui a única perspectiva que permite reconstruir nossa disciplina de acordo com as orientações fenomenológicas e críticas das ciências humanas contemporâneas e das humanidades – o limite entre esses dois domínios deixa de ser tão evidente quanto no passado (CLAVAL, 2001, p. 47).

Lévy (2015), diz que essa “virada” da geografia cultural está entrelaçada a outros movimentos, como a virada linguística e o pós-modernismo. Em seu artigo, intitulado “Qual o sentido da geografia cultural?”, este autor aponta alguns problemas que precisam ser trabalhados no desenvolvimento epistemológico sobre estes estudos na Geografia. Todavia, acredita-se que estas novas perspectivas de análises (Figura 3) têm sido relevantes para a compreensão das transformações espaciais das últimas décadas³.

³ Para mais discussões sobre esse e outros caminhos da ciência geográfica, consultar a obra *Geografia e Modernidade*, publicada em 1996 pelo geógrafo brasileiro Paulo César da Costa Gomes.

Figura 3 - Linha do tempo da nova geografia cultural.



Organização: Felipe da Silva Vieira.

Tanto o materialismo histórico e dialético quanto a fenomenologia podem ser utilizados como método para o entendimento das experiências dos sujeitos no espaço, assim como das relações sociais, dos simbolismos e manifestações que existem entre as diversas representações culturais. Uma cooperação entre estas diferentes caminhos de análise pode ser benéfica para o desenvolvimento da geografia cultural e da ciência geográfica, uma vez que a Geografia é campo de estudo para diferentes temas e propostas.

Até o presente momento, realizou-se um resgate acerca das transformações no modo de se fazer a geografia cultural ao longo dos anos. Na continuidade do capítulo, apresentar-se-á reflexões sobre o conceito de paisagem frente estas transformações.

2.3 O CONCEITO DE PAISAGEM E SUA RELAÇÃO COM A GEOGRAFIA CULTURAL

Como visto no começo deste capítulo, o conceito de paisagem está presente desde o início dos estudos voltados para a geografia cultural. Inicialmente entendida a partir do objetivo e material, se transforma, sendo reinterpretada através dos

diferentes sentidos, subjetividades e dimensões simbólicas do espaço. Considerando que o saber científico está atrelado aos momentos históricos, aos aspectos políticos, econômicos, culturais e sociais de determinado período, a compreensão sobre paisagem passa por mudanças em consonância com as fases do pensamento geográfico. Sabendo disso, a intenção desta seção não consiste em encerrar estes caminhos, mas sim em trazer, de forma geral, alguns aspectos e momentos da relação da paisagem com os estudos da geografia cultural.

De acordo com Luchiari (2001), a ideia de paisagem começou a emergir no ocidente a partir do século XVI, isso aconteceu por intermédio de novas técnicas associadas à pintura, chegando também até a literatura. Esse movimento de descoberta da paisagem moldou uma diferente ligação das pessoas com a natureza e rompeu com a visão dominante voltada para explicações teológicas. Uma vez que a paisagem relaciona-se também com aquilo que existe em nossas mentes (MEINIG, 2002), podemos entender o importante papel que a pintura teve para o desenvolvimento deste conceito. Nesse período, as pinturas representavam a beleza da natureza, traziam o ar bucólico das paisagens intocadas. Logo, as pessoas que tinham a posição social e conseguiam acesso a esse movimento artístico, passavam a observar a própria natureza a partir dos códigos instituídos pelas telas. Essa relação da sociedade com o espaço se transformou a partir de uma construção cultural e social, fez com que a observação, a contemplação, a valorização estética das paisagens naturais fossem influenciadas pelo ato de pintar (SALGUEIRO, 2001).

Luchiari (2001), continua nos dizendo que até o século XVIII a paisagem foi tratada relacionada à pintura. Este fato condicionou significativamente a construção do conceito pelas ciências da época, assim com aconteceu com a Geografia. Além da relação com a representação das pinturas, é possível ver em Salgueiro (2001) e em Besse (2014) que a paisagem da geografia tradicional aparece relacionada à fisionomia de certa área, sendo constituída e interpretada através da forma visível. Besse (2014), delimita dois polos extremos para o entendimento da formulação do conceito, os quais ele denomina de subjetivistas e realistas.

Tanto um subjetivista quanto um realista reconhecem que a paisagem é da ordem do visível. A verdadeira questão é a do estatuto atribuído ao visível, da sua função, e mesmo da sua significação. Grosso modo: é o espectador que define a paisagem? Neste caso, o visível é relativo a um ponto de vista, a um enquadramento, é uma imagem. Ou há o visível, a paisagem, havendo ou não um olhar? Neste caso, o visível e a paisagem são pensados como

objetivos, como uma face exterior, um rosto, uma fisionomia, e então o problema do espectador eventual consiste em se ajustar perceptivamente e intelectualmente a esta fisionomia: a paisagem não é uma imagem, é uma forma (BESSE, 2014, p. 64-65).

Nesse sentido, a paisagem começa a contar com uma concepção polissêmica, ganhando destaque na Alemanha do século XIX no momento de constituição da Geografia como disciplina científica (LUCIARI, 2001). Os geógrafos alemães Alexander von Humboldt e Carl Ritter buscavam a sistematização do conhecimento geográfico no século XIX. De modo geral, enquanto Humboldt utilizava a paisagem em sua totalidade, fazendo descrições e relacionando os elementos naturais e humanos, Carl Ritter dedicava-se às descrições regionais construindo a sua geografia comparada. A visão positivista é predominante neste período e a Geografia alemã passa a adotar o conceito de paisagem como objeto de estudo (SCHIER, 2003).

Outros dois geógrafos alemães, já lembrados neste capítulo, também marcaram o estudo geográfico tradicional da paisagem, são eles: Friedrich Ratzel e Otto Schlüter. Ratzel tratou o conceito considerando os elementos fixos naturais, como os rios e montanhas, e os elementos móveis, em geral advindos da criação humana. De certa forma, o geógrafo distancia os processos naturais dos humanos e passa a compreender a paisagem de forma antropogênica, considerando a transmissão dos artefatos entre os grupos sociais. Por sua vez, Schlüter, especializou-se no estudo dos estabelecimentos humanos, dedicando parte de seu trabalho aos aspectos relacionados à paisagem cultural (SCHIER, 2003). Portanto, “os estudos de paisagem, inicialmente muito focados na descrição das formas físicas da superfície terrestre, foram progressivamente incorporando os dados da transformação humana do ambiente no tempo, com a individualização das paisagens culturais face às naturais” (SALGUEIRO, 2001, p. 41).

A influência da Geografia alemã chegou até Carl Sauer nos Estados Unidos, sendo importante para seus estudos relacionados à morfologia da paisagem. Schier (2003, p. 83), afiança que para Sauer “a paisagem cultural representa, conseqüentemente, uma materialização de pensamentos e ações humanas, mas nunca sai do seu caráter físico-material, fato que aponta pela forte influência do positivismo descritivo da época”. Sauer entendia a paisagem como central para os estudos da Geografia, “a paisagem Saueriana, isto é, a paisagem cultural, era o

resultado da ação da cultura, o agente modelador da paisagem natural” (CORRÊA, 2014, p. 41).

Quanto à Geografia francesa, a noção de gênero de vida proposta por Paul Vidal de La Blache acaba se aproximando mais do conceito de região do que com a paisagem. De acordo com Name (2010, p. 166), pode-se definir o conceito de gênero de vida como “dinâmico que resume um processo: é a forma específica de cada grupo, sua ‘maneira de ser’; esses grupos realizam uma adaptação ao meio a partir de uma herança cultural e instrumental, transmitida pelo hábito”. Deste modo, a partir de seus estudos, entende-se que cada gênero de vida associa-se a uma paisagem-tipo. Todavia, a paisagem é citada eventualmente em sua obra, confundindo-se com seu conceito mais importante: a região (NAME, 2010). Destacam-se também nesses estudos Albert Demangeon, Jean Gottmann, Jean Brunhes e Pierre Deffontaine, como é possível ver em Furlanetto e Kozel (2014) e em Claval (2007).

Portanto, pode-se perceber um interesse marcante pelo estudo da paisagem na geografia cultural tradicional, pelo menos até meados do século XX. Todavia, como apontado por Claval (2007) e Corrêa (2012), o período situado, aproximadamente, entre 1940 e 1970, está marcado por uma diminuição do interesse pelos estudos culturais na Geografia e pela paisagem como objeto de estudo. Os acontecimentos voltados para a Segunda Guerra Mundial, assim como a retomada do avanço capitalista nos anos 1950 provocaram mudanças significativas, como a transformação das paisagens rurais e urbanas. Diante destas mutações da paisagem, Corrêa (2012) distingue duas fases de estudos neste período. O autor diz que os geógrafos começam a se interessar pelas análises regionais (1940 e 1955) e pela “revolução teórica-quantitativa” (1955-1970), que utilizou modelos matemáticos para alimentar questões sobre o entendimento capitalista acerca do espaço. Este novo movimento fez com que a paisagem fosse esquecida, pois o conceito passou a ser visto como abordagem do passado.

Deste modo, a retomada da paisagem, que acontece de 1970 até o presente, é marcada pelo movimento de renovação da Geografia. Como visto anteriormente, esses novos estudos se fazem com base em outras filosofias, como a fenomenologia, a hermenêutica e o materialismo histórico e dialético, e acontecem nas humanidades como um todo. O objetivo deste movimento é romper com a tradição positivista e neo-positivista então presentes nos estudos científicos. Diante

disso, a concepção de paisagem da geografia cultural tradicional recebe diversas críticas, já não é suficiente o entendimento do conceito a partir da análise concordante entre a relação sociedade (passiva) e natureza (CORRÊA, 2012). As contribuições pós-1970 referentes aos estudos culturais da paisagem são inúmeras, existindo grande referencial bibliográfico sobre estes novos caminhos⁴.

Apresentaremos agora algumas reflexões sobre os entendimentos da nova geografia cultural relacionados à paisagem, com a consciência que a discussão que se segue não esgota o assunto. Intencionando exemplificar um pouco a reformulação do pensamento e guiar o presente texto, levaremos como base o trabalho de Corrêa (2012). Sobre estas reformulações, Corrêa (2012, p. 32) destaca cinco grupos temáticos: “paisagem, polivocalidade e iconografia; paisagem, diferenciação social e poder; paisagem: marca, matriz e mudanças; paisagem da simulação e, finalmente, paisagem e literatura”. Seguiremos discutindo um pouco do que cada grupo interpreta e representa para os estudos pós-1970.

A respeito do primeiro grupo “*paisagem, polivocalidade e iconografia*”, Corrêa (2012, p. 33) assevera que “a polivocalidade constitui-se em antídoto contra a retórica da verdade daqueles que querem impor uma única interpretação a respeito de processos e formas, entre eles a paisagem”. Diante disso, têm-se a criação de diferentes significados, cabendo aqui mais uma vez a reflexão de Meinig (2002, p. 35) “qualquer paisagem é composta não apenas por aquilo que está a frente de nossos olhos, mas também por aquilo que se esconde em nossas mentes”. Sendo assim, uma mesma paisagem experienciada por diferentes pessoas pode produzir diferentes interpretações e iconografias.

Quanto ao grupo referente à “*paisagem, diferenciação social e poder*”, Corrêa (2012) destaca o trabalho de Cosgrove (2012) que foi construído com base na sugestão de Raymond Williams. Cosgrove coloca a paisagem como sendo um conceito de grande importância para essa nova fase.

Paisagem é um conceito unicamente valioso para uma geografia efetivamente humana. Ao contrário do conceito de *lugar*, lembra-nos sobre a nossa posição no esquema da natureza. Ao contrário de *meio ambiente* ou *espaço*, lembra-nos que apenas por meio da consciência e da razão humanas esse esquema é conhecido por nós, e somente através da técnica podemos participar dela como seres humanos. Ao mesmo tempo, paisagem lembra-nos que a geografia está em toda parte, que é uma fonte constante

⁴ Consultar Corrêa (1997) e Claval (2004) para maior compreensão das transformações das abordagens geográficas culturais sobre a paisagem.

de beleza e feiura, de acertos e erros, de alegria e sofrimento, tanto quanto é de ganho e perda (COSGROVE, 2012, p. 224).

Diante disso, o autor classifica a paisagem segundo alguns tipos. O primeiro tipo associa-se às paisagens da cultura dominante, estas paisagens são construídas por grupos hegemônicos, que detém o poder e realiza uma dominação “baseada objetivamente no controle dos meios de vida: terra, capital, matérias primas e força de trabalho” (COSGROVE, 2012, p. 230). Essas paisagens apresentam-se diante de grandiosas construções e domínios. Já o segundo tipo proposto pelo autor é o das paisagens alternativas, que abrange as residuais, emergentes e excluídas. Exemplificando estas classificações, Corrêa (2012) relaciona às paisagens residuais aos cortiços característicos de áreas periféricas das grandes metrópoles, as emergentes como aquelas que demonstram possibilidades futuras e as excluídas, que podem ser encontradas nas favelas.

Mesmo que, em um movimento de mudança na escala de observação/análise, determinada paisagem alternativa local possa parecer dominante, vai continuar em domínio de outra. De acordo com Cosgrove (2012, p. 233), “o antigo depósito de bondes pode ser uma mesquita, pintura brilhante, ritmos *reggae* e pôsteres evangélicos podem estar presentes em uma rua de residências vitorianas. Porém, por mais dominante localmente que possa ser uma cultura alternativa, ela continua subdominante à cultura nacional oficial”. Para Corrêa (2012), o debate proposto por Cosgrove enriquece a paisagem, a coloca no contexto social, investiga suas temporalidades e espacialidades, demonstrando seu movimento.

Já o terceiro grupo “*paisagem marca, matriz e mudanças*”, abrange o pensamento de Augustin Berque. Em seu artigo “Augustin Berque: um trajeto pela paisagem”, Holzer (2004), faz uma revisão bibliográfica sobre o pensamento do geógrafo orientalista, que se autodenomina assim devido à sua intensa relação com o Japão e com a cultura oriental, influência que acaba refletindo em suas obras.

A paisagem é uma *marca*, porque exprime uma civilização, mas é também uma *matriz*, porque participa de esquemas de percepção, de concepção e de ação – isto é, da cultura – que canalizam, e um certo sentido, a relação de uma sociedade com o espaço e com a natureza, em outras palavras, com a paisagem de seu ecúmeno (BERQUE, 1984, *apud* HOLZER, 2004, p. 57).

Nesta relação proposta por Berque acontece uma dialética marca-matriz na formulação do conceito de paisagem. Por contar com a matéria necessária para o processo de produção, existe um sentido funcional, e por se inscrever no imaginário social, constituindo-se em um fator simbolizante de segurança e continuidade, a paisagem demonstra o sentido ao simbólico (CORRÊA, 2012). Corrêa (2012), ainda aponta a modernização e industrialização do rural e do urbano como exemplos de rompimento da estabilidade social e transformação da paisagem, uma vez que esta mudança, ao percorrer o tempo, envolve complexidades, tensões e negociações entre diferentes agentes sociais, que acabam reconstruindo a paisagem segundo seus próprios interesses, afetando as marcas e matrizes. Contudo, esta mudança não acontece de maneira igual no rural e no urbano.

O quarto grupo definido por Corrêa (2012), se refere à “paisagem da simulação”, este tipo de paisagem agrupa os ambientes construídos com a intenção de criar diferentes representações e estruturas daquelas já existentes em determinado lugar. “Trata-se de paisagens espacial e temporalmente descontextualizadas, construídas recentemente com a intenção de lucros. Estas paisagens reproduzem atividades e formas de outros lugares e tempos, criando um deslocamento espaço-temporal” (CORRÊA, 2012, p. 38). Em uma escala global, o autor destaca como exemplo o movimento de colonização e disputa territorial que acontece na América Latina e, em uma escala nacional, a mudança da paisagem no centro de Blumenau, cidade brasileira do estado de Santa Catarina que implantou uma política que obriga as construções do centro da cidade serem no estilo bávaro, criando uma germanização da paisagem (CORRÊA, 2012).

Por último, destaca-se o grupo denominado de “paisagem e literatura”. De acordo com Corrêa (2012), esse interesse da geografia cultural em criar análises a partir da relação paisagem e literatura é recente e se fortaleceu como possibilidade de estudo a partir de 1970. O autor interpreta que este interesse acontece “quando a paisagem, ou o espaço, torna-se parte integrante da trama e não apenas um necessário pano de fundo” (CORRÊA, 2012, p. 39). Nesse sentido, o trabalho de Rocha (2011) é um exemplo. A autora analisa os principais autores que fizeram do cacau personagem principal de suas obras. Para ela “o uso da literatura nos trabalhos geográficos permite avaliar a originalidade e a personalidade dos lugares e fornecer exemplos de apreciação pessoal das paisagens” (CORRÊA, 2012, p. 18).

Segundo Luchiari (2001), a geografia cultural vê a paisagem como expressão

material do significado que a sociedade oferece ao meio, relacionando-se com a cultura. É nesse sentido que se torna necessária a ação do geógrafo que se preocupa com as culturas, pois “ao descrever a paisagem, exerce suas observações na busca de decodificar seus elementos simbólicos e continuamente tirando conclusões e estabelecendo relações com os materiais visíveis na paisagem” (ROSENDAHL, 2012, p. 49). Essa decodificação, essa análise acerca da paisagem e dos aspectos culturais é realizada a partir de estudos teóricos e empíricos que a ciência geográfica e, particularmente, a geografia cultural nos propicia (Quadro 1).

Quadro 1 - Entendimentos sobre o conceito de paisagem na geografia cultural.

GEOGRAFIA TRADICIONAL	RENOVAÇÃO DA GEOGRAFIA
<ul style="list-style-type: none"> • Conceito descritivo; • Investigação objetiva através dos elementos fixos (naturais) e móveis (antrópicos); • Compreensão a partir do visível; • A materialidade é mais relevante que a imaterialidade; • Objeto de estudo da Geografia. 	<ul style="list-style-type: none"> • Conceito fluido; • Investigação dos aspectos objetivos e subjetivos presentes nas culturas; • Compreensão a partir dos diferentes sentidos; • A imaterialidade é tão relevante quanto a materialidade; • Categoria de estudo da Geografia.

Organização: Felipe da Silva Vieira.

Esta formulação feita por Corrêa (2012) nos proporciona uma compreensão inicial sobre a direção dos estudos da geografia cultural que voltaram a considerar a paisagem pós-1970. Percorrendo as leituras sobre estes novos caminhos desta vertente do pensamento geográfico, percebemos, cada vez mais, aproximações com outras áreas das humanidades. Além disso, podemos perceber que o conceito de paisagem se mostra como um elo importante entre a Geografia, as culturas e os diferentes conhecimentos científicos.

2.3.1 Geografia, paisagem e fotografia: considerações iniciais

As problematizações que orientam esta pesquisa fazem com que a relação existente entre Geografia, paisagem e fotografia seja de nosso interesse. Portanto, nesta seção serão evidenciadas algumas breves considerações a partir de estudos que tratam esta temática (COSTA, 2014; GOMES; RIBEIRO, 2013; KOSSOY, 2020; REIS JÚNIOR, 2014 e STEINKE, 2014), que nos trouxeram suporte para o entendimento desta relação.

Reis Júnior (2014), em texto onde aborda aspectos históricos da fotografia e suas realizações em Geografia, elenca cinco funções da fotografia na história, sendo elas: arquivar, ordenar, modernizar os saberes, ilustrar e informar. A função de arquivar era marcada pela reunião de álbuns destinados a museus, as exposições destes álbuns serviam de elemento mediador entre o observador e os eventos do mundo, como as fisionomias dos seres humanos, espécies vegetais e amostras geológicas. Por sua vez, a ordenação era realizada como forma de buscar o sentido dos álbuns, distribuindo as cenas (fotografias) de acordo com determinada coerência. Já a função de modernizar os saberes consistia na utilização da fotografia para investigações científicas de diferentes áreas, possibilitando a construção de arquivos para consulta. Por outro lado, talvez a mais comum das funções da fotografia, a função de ilustrar era marcada pela demonstração, sendo esta sua porta de entrada para o mundo comercial e publicitário. Por último, destaca-se a função de informar, que, também por conta do desenvolvimento técnico simultâneo da imprensa e das máquinas fotográficas, aproximou a fotografia do jornalismo.

No que se refere à relação com a Geografia, a fotografia, por aparecer como uma nova forma de registro das paisagens, se mostra proveitosa aos geógrafos desde sua invenção (REIS JÚNIOR, 2014). De acordo com Steinke (2014), o uso de recursos gráficos para a abordagem da paisagem surge quase que no mesmo momento do início da Geografia moderna. Primeiramente, são utilizadas gravuras e litografias, para posteriormente, com o avanço das técnicas, a fotografia ser utilizada com frequência.

Como 'paisagem', desde sempre, foi uma noção largamente utilizada (o que, de fato, comprometeu um enquadramento restrito às ciências), a fotografia poderia capturar a diversidade de fenômenos que ela própria subentende - incluindo aqui, é claro, o registro inédito de lugares de difícil

acesso ou o ângulo privilegiado desde elevadas altitudes (REIS JÚNIOR, 2014, p. 21).

A diversidade territorial e a possibilidade de captura de seus elementos coloca a fotografia como sendo atraente à Geografia neste período. Contudo, sua utilização tinha caráter secundário para os geógrafos, que enxergavam a fotografia apenas como “elemento decorativo”. Mesmo assim, utilizariam os arquivos fotográficos a partir de fontes distintas, como em estudos feitos pela aplicação da técnica da “fotografia repetida” - que permitia o reconhecimento de transformações nas paisagens, servindo-se da continuidade de diferentes registros, feitos em um mesmo ponto de vista, estação do ano e horário. Esta técnica seria aplicada em diversos estudos no decorrer das décadas, como aqueles voltados para o entendimento da agricultura, geomorfologia e ecologia (REIS JÚNIOR, 2014).

Torna-se evidente a aproximação entre conhecimento geográfico e recursos gráficos, pois, desde o princípio desta relação, as imagens aparecem como instrumentos para a compreensão geográfica e este processo é refletido diretamente na concepção e construção de ideias (GOMES; RIBEIRO, 2013). Referindo-se à imagem, Steinke (2014, p. 46) nos diz que:

Pode ser entendida como uma das mediações do homem com o seu mundo, pois as imagens apresentam e representam o mundo acessível e inacessível pela tradução de códigos capazes de decifrar eventos. E isso ocorre de forma “mágica” e tal “magia” é essencial para o entendimento das mensagens imagéticas, pois pela imagem se explana de forma extraordinária (STEINKE, 2014, p. 46).

Portanto, considera-se aqui a fotografia também como imagem, dotada de representação e, conseqüentemente, como elemento de mediação entre o ser humano e o mundo construído, entremeada pela cultura. Nesse sentido, sobre a ação de fotografar e a busca por enquadrar uma imagem, Steinke (2014, p. 59) afirma que “provavelmente, o enquadramento é o momento em que se estabelece uma relação entre a produção fotográfica e a análise e/ou representação geográfica”. A fotografia registrada irá evidenciar aquilo que quem a faz quer representar, possuindo intencionalidade.

Kossoy (2020), discorre sobre os elementos constitutivos da elaboração de uma fotografia, são eles: o assunto, o fotógrafo e a tecnologia. O assunto está relacionado à temática escolhida, ou seja, é a referência vinda do mundo externo, já

o fotógrafo é quem define a ação do registro, atuando no processo, por sua vez, a tecnologia fornece a técnica, os equipamentos que vão viabilizar as fotografias. O autor ainda delimita a coordenada de situação, que se refere ao espaço e tempo precisamente definidos no momento de tomada da imagem, pois “o processo que deu origem a uma representação fotográfica tem seu desenrolar em um momento histórico específico (caracterizado por um determinado contexto econômico, social, político, cultural)” (KOSSOY, 2020, p. 43).

Steinke (2014), concorda com as ideias de Kossoy acerca do processo de construção da fotografia, pois, mesmo que não seja uma proposição oriunda de pesquisadores da ciência geográfica, é visível a referência feita ao espaço geográfico. Nesse sentido, é inegável a importância da dimensão espacial no desenvolvimento e construção da fotografia, podendo a imagem servir de suporte técnico e metodológico para os estudos em Geografia.

A imagem não se restringe a um estoque limitado de técnicas de manejo e ferramentas, substituídos com o advento da industrialização e transformados com a evolução das tecnologias do século XX, são também objetos do cotidiano. Portanto, sua função também está relacionada ao reconhecimento, crescimento e socialização das questões centrais da transformação espacial. A imagem não tem apenas uma função museológica ou “museográfica”, deve, inclusive, servir para bloquear a auto-destruição de representações geohistóricas (STEINKE, 2014, p. 65).

Entende-se, portanto, que a fotografia não deve ser apreendida pela Geografia como mero elemento visual e decorativo, ao contrário, pode-se criar entendimentos e reflexões a partir de sua utilização. Costa (2014, p. 89), aproximando a fotografia da arte, relacionando-a também com a paisagem geográfica e a construção de memórias, nos mostra que a “fotografia tem e é atributo de memória e, por isso mesmo, conhecimento para o vir a ser da vida material, ideativa e imaginária, individual ou coletivamente”. A fotografia situa determinada paisagem onde a vida acontece, ao passo que localiza e representa a vida na própria paisagem, em um processo dialético e recíproco, envolvendo sujeito e objeto (COSTA, 2014).

A partir desta exposição sobre alguns aspectos existentes entre a relação Geografia, paisagem e fotografia, pode-se perceber a espacialidade do ato de fotografar. Assim, buscaremos a compreensão deste processo nas análises dos trabalhos selecionados.

Na sequência do trabalho, encaminha-se o capítulo “Metodologia para interpretação da geografia cultural no Brasil”, onde evidenciam-se os procedimentos realizados, assim como discussões teóricas sobre o método e técnicas de pesquisa. Após este capítulo, apresentam-se os capítulos referentes aos resultados desta investigação.

3 METODOLOGIA PARA INTERPRETAÇÃO DA GEOGRAFIA CULTURAL NO BRASIL

O entendimento da História do Pensamento Geográfico não se faz de forma única e linear, pelo contrário, este percurso pode ser traçado de diferentes maneiras (ALVES, 2010). Nesse sentido, acontece de acordo com os objetivos de cada pesquisa, podendo envolver os aspectos temáticos, metodológicos, conceituais e paradigmáticos de cada campo de investigação. Diante disso, adotou-se para o desenvolvimento da presente pesquisa uma pluralidade metodológica, composta pelo método hermenêutico, juntamente do auxílio das técnicas de pesquisa relacionadas às análises de conteúdo e discurso.

O trabalho de Reis Júnior (2008) evidencia quatro classes maiores no que se refere à linha de pesquisa da História do Pensamento Geográfico. A primeira classe está associada à investigação de obras clássicas, feitas por geógrafos(as) ou não, e visa a obtenção de conhecimentos relevantes para o saber geográfico. Já a segunda, refere-se às pesquisas sobre o conjunto de obras publicadas por um autor ou autora específicos da Geografia, existe a intenção de identificar a relação entre período histórico e formas de pensamento. Por sua vez, a terceira relaciona-se ao preparo de materiais sobre a difusão localizada de escolas do pensamento geográfico, assim como filosofias que se associam à Geografia. Por último, a quarta classe é composta pelos estudos acerca das fontes documentais. Diante destas explicações gerais, entende-se que a presente pesquisa se aproxima da terceira classe, uma vez que investiga parte da produção científica sobre a geografia cultural no Brasil, assim como produz um levantamento de conteúdos e reflexões sobre os discursos referentes a esta vertente do pensamento geográfico no país. Além disso, existe a preocupação acerca do contexto histórico e sua relação com os textos que aqui foram investigados.

Tendo em vista estas questões, este capítulo, primeiramente, referencia e explicita discussões acerca do método hermenêutico, que fundamenta a realização desta investigação. Logo após, realiza-se uma apresentação sobre as análises de conteúdo e discurso, que auxiliaram no processo de interpretação e compreensão dos textos pesquisados. Por fim, será apresentada a metodologia. Antes, contudo, considera-se necessário traçar uma breve elucidação acerca das terminologias método e metodologia e suas diferenças.

3.1 MÉTODO E METODOLOGIA

Os métodos não são exclusivos dos estudos científicos, estão presentes também em outras formas de conhecimento, porém, a ciência não existe sem a utilização de métodos científicos (LAKATOS; MARCONI, 2017). Um conhecimento, para ser reconhecido como científico, necessita delinear o método norteador da investigação que construiu este conhecimento (GIL, 2008).

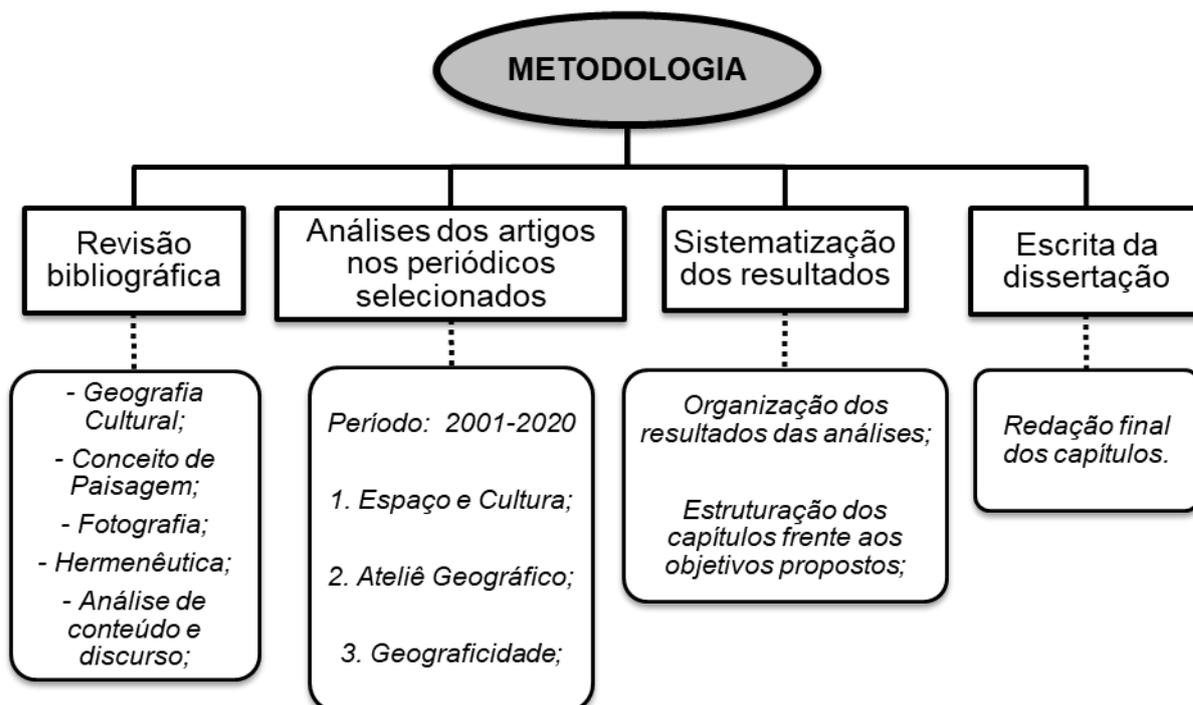
Na obra em que busca realizar uma aproximação entre Geografia e filosofia, Sposito (2004, p. 55) nos mostra que:

O método não existe como uma entidade simples e desconectada da realidade científica. Ele comporta, ao ser internalizado e utilizado pelo pesquisador, outros elementos. Esses elementos são, sem nenhuma preocupação de comparar suas importâncias, a doutrina, a teoria, as leis, os conceitos e as categorias (SPOSITO, 2004, p. 55).

De acordo com Gil (2008, p. 8), “pode-se definir método como caminho para se chegar a determinado fim. E método científico como o conjunto de procedimentos intelectuais e técnicos adotados para se atingir o conhecimento”. O método mantém relação com a ciência que o utiliza, os elementos que - através do pesquisador e do ato de pesquisar - se entrelaçam a ele, constituem as similaridades e diferenças de cada método. Entre os diferentes métodos, podemos citar como exemplos o método dialético, indutivo, dedutivo, fenomenológico e hermenêutico (ALVES, 2010).

No que se refere à metodologia, segundo o dicionário básico de filosofia de Japiassú e Marcondes (2008), é “literalmente, ciência ou estudo dos métodos”. Demo (1995) demonstra que a metodologia se constitui em um instrumento de pesquisa e, mesmo com este caráter instrumental, é fundamental para o desenvolvimento científico. Alves (2010, p. 24), diz que a metodologia está atrelada aos “procedimentos utilizados pelo pesquisador, material e métodos, em uma determinada investigação, sendo as etapas a seguir em um determinado processo”. Deste modo, constata-se a importância da metodologia para o desenvolvimento da pesquisa científica. Cada pesquisa possui suas etapas de acordo com os procedimentos escolhidos para o seu desenvolvimento (Organograma 1).

Organograma 1 - Caminhos da estrutura metodológica.



Organização: Felipe da Silva Vieira.

Neste organograma, encontra-se, como forma de exemplificação metodológica, uma síntese dos procedimentos seguidos para o desenvolvimento da presente pesquisa. Estes procedimentos serão detalhados em uma seção própria, logo após as discussões referentes ao método hermenêutico e às análises de conteúdo e discurso.

3.2 MÉTODO HERMENÊUTICO

O método hermenêutico é uma das bases para a construção desta pesquisa. A partir de sua utilização nos procedimentos metodológicos, tem-se suporte para a interpretação e compreensão dos textos aqui investigados. Sendo assim, faremos uma explanação sobre a hermenêutica fundamentada em Gadamer (1999), com o auxílio da obra de Palmer⁵ (2018).

De acordo com Demo (1995), a hermenêutica se relaciona à metodologia voltada para a interpretação, seu direcionamento caminha para a obtenção da

⁵ Em "Hermenêutica", obra publicada pela primeira vez em 1969 pela Northwestern University Press, Richard E. Palmer realiza um percurso histórico sobre o problema hermenêutico, discutindo as reflexões de alguns dos principais hermeneutas: Schleiermacher, Dilthey, Heidegger e Gadamer.

compreensão das formas e conteúdos que constituem a comunicação humana, considerando suas dificuldades e também simplicidades. Nesse sentido, sua missão essencial é a de “compreender ‘sentidos’, ou seja, o conteúdo típico humano que se imprime a qualquer contexto histórico, no qual não existem apenas fatos dados, acontecimentos externos, mas também ‘significação’, ‘sentido’, ‘valores’” (DEMO, 1995, p. 249). Ante o exposto, considera-se necessário para o pesquisador obter conhecimento prévio sobre o assunto, envolvendo as abordagens e as conjunturas do que se pretende pesquisar, bem como o entendimento do contexto histórico em que se insere determinado texto.

Por sua vez, Palmer (2018) nos diz que a compreensão de textos é tarefa da hermenêutica. As ciências da natureza possuem seus próprios métodos para o entendimento dos objetos naturais, por outro lado, as obras humanas precisam de uma compreensão que se refira a elas não como objetos imóveis naturalizados, mas sim como obras que foram criadas. Para isso, nasce a hermenêutica como esforço de obtenção da descrição dos modos de compreensão referentes aos aspectos históricos e humanísticos.

Nesse sentido, a partir da hermenêutica proposta por Gadamer (1999), evidenciam-se as estratégias e formas de compreensão adotadas para as análises presentes nesta pesquisa:

Quem quer compreender um texto, em princípio, tem que estar disposto a deixar que ele diga alguma coisa por si. Por isso, uma consciência formada hermeneuticamente tem que se mostrar receptiva, desde o princípio, para a alteridade do texto. Mas essa receptividade não pressupõe nem “neutralidade” com relação à coisa nem tampouco auto-anulamento, mas inclui a apropriação das próprias opiniões prévias e preconceitos, apropriação que se destaca destes (GADAMER, 1999, p. 405).

Deste modo, percebe-se que, durante o processo de pesquisa e análise dos textos, torna-se preciso deixar o próprio texto analisado “falar”, ao mesmo tempo em que é necessário ter em mente a adequação de nossas próprias opiniões construídas anteriormente. Demo (1995, p. 248), ao falar sobre o papel da compreensão no processo hermenêutico, afirma que “nada se compreende sem interpretar, porque é a mesma coisa. Só compreendemos a partir do compreendido. Só se elabora um conceito a partir de um pré-conceito”. É justamente por isso que “temos que deixar falar a obra, sabendo ouvir quer aquilo que é dito por meio de palavras quer aquilo que é dito mas que se mantém presente por detrás das

palavras” (PALMER, 2018, p. 302).

Portanto, o intérprete também é ator no processo de construção dos sentidos de determinado texto, pois:

O texto, só pode chegar a falar através do outro, o intérprete. Somente por ele se reconvertem os signos escritos de novo em sentido. Ao mesmo tempo, e em virtude dessa reconversão à compreensão, o próprio tema, de que fala o texto, vem à linguagem. Tal como nas conversações reais, é o assunto comum que une as partes entre si, nesse caso o texto e o intérprete. Tal como o tradutor somente torna possível, na qualidade de intérprete, o acordo numa conversação, em virtude do fato de participar na coisa de que está tratando, também face o texto, é pressuposto ineludível do intérprete que ele participe de seu sentido (GADAMER, 1999, p. 565).

Gadamer (1999) continua dizendo que este horizonte do intérprete no processo de compreensão não é impositivo, ou seja, ele surge como opinião e possibilidade que, junto da obra em análise, evidencia e auxilia a apropriação real daquilo que o texto diz. A partir disso, constrói-se a “*forma de realização da conversação*”, que faz emergir um tema comum tanto em relação ao autor quanto ao intérprete. Portanto, a interpretação, que também é compreensão, “se desenvolve no médium de uma linguagem que pretende deixar falar o objeto e é, ao mesmo tempo, a linguagem própria de seu intérprete” (GADAMER, 1999, p. 565-566). Conforme posto, existe entre obra e intérprete uma relação dialética e histórica que acontece por meio da linguagem.

Sendo assim, considera-se a importância do papel da linguagem na utilização do método hermenêutico. Palmer (2018) entende a linguagem como caminho para chegar ao conhecimento, sendo tão importante quanto a compreensão, uma vez que o ato de compreender é estritamente linguístico.

É por meio da linguagem que pode surgir-nos algo como um mundo; este mundo é um mundo partilhado; é o domínio da abertura criada por uma compreensão partilhada, sob forma de linguagem. O domínio da abertura criada por uma compreensão partilhada através da linguagem tem, tal como já foi notado, uma certa delimitação. É finito e muda com o decorrer do tempo. Isto significa *que é historicamente formado, e que cada ato de compreensão contém a atuação da história na e pela compreensão* (PALMER, 2018, p. 304).

Diante disso, podemos perceber que a historicidade também se torna fator fundamental para a hermenêutica. Ao refletir sobre a consciência histórica, Palmer (2018) nos mostra que nosso conhecimento é historicamente formado, herdamos do

passado nossas intenções e opiniões. Estamos e existimos no mundo a partir da formação histórica advinda de nossa compreensão. Por isso, o encontro com uma obra é também um encontro com outro mundo, este não se põe totalmente distante do mundo de quem realiza a leitura e pode enriquecer o conhecimento historicamente formado, uma vez que “a experiência hermenêutica é um encontro histórico”. (PALMER, 2018, p. 315).

Ao refletir sobre a hermenêutica enquanto método, Caldas (1997, p. 23) afirma que este “ao mesmo tempo em que é conjunto móvel e crítico de procedimentos é a própria historicidade reduzindo-se e realizando-se ao nível do processo de investigação criativa. Busca tanto o como, quanto o porquê das coisas”. Considerando a hermenêutica em Gadamer (1999), a importância do processo de compreensão, junto da linguagem e da historicidade, clarificados também por Palmer (2018), percebe-se a intencionalidade do método hermenêutico como suporte para o entendimento dos textos aqui investigados.

Como visto em Alves (2010), a hermenêutica pode conduzir ricas contribuições para a História do Pensamento Geográfico. Além disso, a partir de sua união com as análises de conteúdo e discurso, tem-se a possibilidade de construir uma pesquisa que não seja fixa a métodos mecânicos. Sendo assim, acredita-se que o debate epistemológico da Geografia se enriquece com a adesão destes caminhos.

3.3 ANÁLISE DE CONTEÚDO E DISCURSO

O método hermenêutico conduz a compreensão textual por meio da linguagem e da consciência histórica. Nesse sentido, sua união com as análises de conteúdo e discurso irá nos auxiliar na construção das investigações aqui propostas. A análise de conteúdo irá nortear o levantamento dos artigos nos periódicos selecionados, possibilitando também sistematizações quantitativas, enquanto a análise do discurso irá auxiliar nas reflexões qualitativas dos textos.

De acordo com Bardin (1977, p. 42), o campo de atuação, a funcionalidade e objetivo da análise de conteúdo podem ser definidos como:

Um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos, sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de

conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens (BARDIN, 1977, p. 42).

Desta forma, relacionam-se com a análise de conteúdo as disposições que, com suporte de técnicas que são ao mesmo tempo parciais e complementares, busquem a explicitação e sistematização do conteúdo investigado (BARDIN, 1997). Segundo Rocha e Deusdará (2005, p. 308) a análise de conteúdo “aposta grandemente no rigor do método como forma de não se perder na heterogeneidade de seu objeto”. Percebe-se, portanto, um esforço de inferência objetiva pautado pela análise de conteúdo, uma vez que “trabalha a palavra, quer dizer, a prática da língua realizada por emissores identificáveis” (BARDIN, 1997, p. 43). Esta sua característica irá nos ajudar nos procedimentos metodológicos, juntamente com o entendimento do plano discursivo.

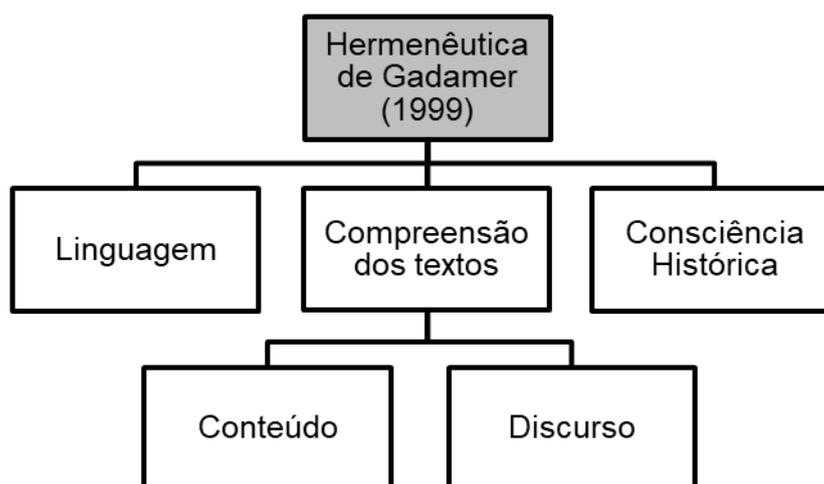
Seguindo o pensamento de Rocha e Deusdará (2005), a análise do discurso traz a proposição de uma articulação entre linguagem e sociedade para a compreensão do plano discursivo, esta articulação acontece entremeada pelo contexto ideológico. Maingueneau (2015, p. 47) reconhece que “o interesse específico que rege a análise do discurso é relacionar a estruturação dos textos aos lugares sociais que os tornam possíveis e que eles tornam possíveis”. Para o referido autor, “lugar social” pode estar associado a uma posição existente dentro de um campo discursivo, como uma doutrina filosófica ou religiosa. Além disso, utilizando-se da análise do discurso, deve-se pensar os lugares junto das falas e as falas junto dos lugares (MAINGUENEAU, 2015).

A linguagem, de um ponto de vista discursivo, não pode apenas representar algo já dado, sendo uma parte de uma construção social que rompe com a ilusão de naturalidade entre os limites do linguístico e do extralinguístico. A linguagem não se dissocia da interação social (ROCHA; DEUSDARÁ, 2005, p. 319).

Para os estudos em História do Pensamento Geográfico, a análise do discurso pode contribuir na evidenciação das ideias existentes nos textos, assim como das diferentes temáticas, correntes filosóficas e concepções políticas que os autores e autoras abordam e se associam. Segundo Rocha e Deusdará (2005, p. 320) “cabe ao linguista, no entendimento da linguagem como forma de intervenção, a construção de saberes sobre o real, algo que exige o diálogo com outras perspectivas e configura uma iniciativa interdisciplinar”. É a partir destes encontros

interdisciplinares e complementares que nos baseamos nesta pesquisa (Organograma 2).

Organograma 2 - Características do encontro interdisciplinar.



Organização: Felipe da Silva Vieira.

Assim, o rigor metodológico, reproduzido pela análise de conteúdo, pode nortear os trabalhos em análise do discurso, especialmente no que concerne à explicitação precisa dos procedimentos de cada investigação (ROCHA e DEUSDARÁ, 2005). Além disso, entende-se que a utilização do método hermenêutico também acrescenta à investigação do conteúdo e discurso presentes nos textos. Nesse sentido, partilhamos das ideias de Rocha (1990 p. 107) que, dialogando com o pensamento de Paul Ricoeur, nos mostra que existe uma correlação complementar entre estrutura e hermenêutica, pois “não há análise estrutural sem doação indireta de sentido que institui o campo semântico a partir do qual possam discernir-se homologias estruturais, e, por outro, a busca do sentido pressupõe o mínimo de compreensão das estruturas”.

Neste estudo, esta união mostra-se benéfica para a compreensão e análise dos artigos publicados pelos periódicos escolhidos. O emprego desta pluralidade teórico-metodológica nos auxilia no cumprimento dos objetivos propostos, fornecendo suporte para os procedimentos adotados na metodologia.

3.4 PERCURSOS METODOLÓGICOS

A metodologia da presente pesquisa divide-se em quatro etapas, como visto anteriormente (Organograma 1). Nesta seção, serão discutidos todos os procedimentos adotados em cada fase, visando explicitar de maneira precisa a forma como este trabalho foi construído. Importa-se ressaltar que, devido à pandemia de Covid-19, todos os procedimentos foram realizados em distanciamento social.

A primeira etapa consiste na revisão bibliográfica, que foi realizada a partir das leituras e fichamentos de livros e artigos que abordam os estudos em geografia cultural, bem como sobre a teoria voltada para o método hermenêutico, análise de conteúdo e discurso. Os materiais utilizados foram pesquisados em sites e redes sociais voltadas para os estudos acadêmicos, como o “*Portal de Periódicos CAPES*”, “*Google Acadêmico*”, “*Academia.edu*”, “*Mendeley*”, “*ResearchGate*”. Além disso, realizou-se também a aquisição de livros físicos neste período. Considera-se este levantamento prévio uma parte muito importante da investigação, uma vez que possibilitou a compreensão epistemológica sobre a inserção e trajetória da geografia cultural na história do pensamento geográfico, do conceito de paisagem dentro desta vertente do pensamento e sua possível relação com os registros fotográficos, assim como o entendimento do método e técnicas que foram utilizadas. Deste modo, sua realização trouxe subsídios para o desenvolvimento das fases posteriores da pesquisa.

Por sua vez, a segunda etapa se refere à pesquisa bibliográfica e análise de artigos publicados em periódicos selecionados. As revistas constituem-se em um dos principais meios de divulgação científica, contando com contribuições inéditas, sistema de avaliações por pares e determinada periodicidade em relação às edições. Considerando estes aspectos, optou-se por analisar três periódicos brasileiros que publicam estudos sobre o cultural e sua dimensão espacial, são eles: Espaço e Cultura, Ateliê Geográfico e Geograficidade.

A revista Espaço e Cultura existe desde 1995, é pioneira e grande referência em estudos sobre geografia cultural no Brasil, suas publicações acontecem semestralmente e está associada ao Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Espaço e Cultura (NEPEC), do Instituto de Geografia (IGEOP) da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ). Já a revista Ateliê Geográfico publica desde 2007, possui

periodicidade quadrimestral e é coordenada pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia do Instituto de Estudos Socioambientais (IESA), da Universidade Federal de Goiás (UFG), esta não publica exclusivamente sobre temáticas voltadas para a geografia cultural, abrangendo também outras áreas e complexidades que permeiam a ciência geográfica. Por último, destaca-se a revista *Geograficidade*, este periódico existe desde 2011, está associado ao Grupo de Pesquisa Geografia Humanista Cultural (GHUM), tem sua sede na Universidade Federal Fluminense (UFF), conta com apoio do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo (PPGAU) e aborda questões voltadas para as concepções humanistas e culturais do espaço.

Deste modo, as revistas foram analisadas na seguinte ordem: Espaço e Cultura, *Ateliê Geográfico* e *Geograficidade*. Em todos os periódicos foram selecionados os artigos que utilizaram o conceito de paisagem para a realização das pesquisas, esta escolha se deu devido à relação do conceito com a geografia cultural, que existe desde o início dos estudos voltados para esta vertente. Além disso, a escolha também se refere às possíveis relações entre paisagem, fotografia e geografia cultural. Nesse sentido, a seleção dos artigos aconteceu através da leitura dos títulos, resumos e palavras-chave de todos os artigos publicados entre 2001 e 2020 nos três periódicos. Os artigos selecionados para análise foram aqueles que possuem a palavra *paisagem* ou *paisagens* em algum destes elementos dos textos. A partir desta seleção, realizou-se a leitura completa e análise de todos os artigos (Quadro 2).

Quadro 2 - Guia de análise dos artigos.

Conteúdos presentes no texto
TÍTULO: Escrever o título do artigo
OBJETIVO: Citar o objetivo da pesquisa
TEMA: Evidenciar a temática abordada
TÉCNICA(S) DE PESQUISA: Destacar a(s) técnica(s) utilizada(s)
CONCEITO-CHAVE: Compreender se o texto trabalha entorno de um conceito específico ou não
POSSUI UM MÉTODO DEFINIDO? Se caso estiver definido, destacar o método utilizado (Fenomenológico, Hermenêutico, Materialismo Histórico e Dialético...)
UTILIZOU FOTOGRAFIA? SE SIM, COMO? Discorrer sobre a utilização de fotografia no trabalho
QUAL A ESCALA DO ESTUDO? Local, regional, nacional, global ou multiescalar
REFERÊNCIA: Colocar a referência completa do artigo em análise

Organização: Felipe da Silva Vieira.

Estas análises foram feitas de acordo com o guia criado para orientá-las, visando identificar os conteúdos existentes nos artigos. Além do preenchimento deste guia, foram feitos fichamentos de todos os textos selecionados, destacando as principais ideias e contribuições compreendidas. Desta forma, o método hermenêutico, a análise de conteúdo e a análise do discurso auxiliaram a compreensão textual no decorrer das leituras. A revista Espaço e Cultura, consultadas as edições de 2001 a 2020, totalizou 38 edições, com 39 artigos selecionados; a revista Ateliê Geográfico, consultadas as edições de 2007 a 2020, totalizou 48 edições, com 49 artigos analisados e, por fim, a revista Geograficidade, consultadas as edições de 2011 a 2020, totalizou 27 edições, com 53 artigos analisados. No total, investigou-se 113 edições, com 141 artigos - que continham a palavra *paisagem* ou *paisagens* no título, resumo ou palavras-chave - que foram selecionados para esta pesquisa (Quadro 3).

Quadro 3 - Esquema metodológico da investigação.

INVESTIGAÇÃO GEOGRAFIA CULTURAL NO BRASIL 2001-2020

TEORIA	MÉTODO	TÉCNICAS	MATERIAL
Hermenêutica: Gadamer (1999) e Palmer (2018)	Hermenêutico (compreensão e interpretação textual)	Análise de conteúdo; Análise do discurso;	- Espaço e Cultura: 39 edições 39 artigos - Ateliê Geográfico: 48 edições 49 artigos - Geograficidade: 27 edições 53 artigos - Total: 113 edições 141 artigos

A terceira etapa foi construída em função do início da estruturação da dissertação. Foram realizadas videoconferências com o orientador para clarificar todas as questões de difícil entendimento em relação às leituras e análises, com a intenção de elaborar os capítulos frente os objetivos inicialmente propostos. Além disso, foram sistematizados os resultados, quantitativos e qualitativos, obtidos através das etapas anteriores, visando a construção de gráficos, organogramas, quadros e mapas que auxiliaram a elaboração da dissertação para além da produção textual. Estes primeiros foram construídos com a utilização de softwares do *Microsoft Office*, enquanto os mapas foram feitos a partir da base cartográfica *ESTATGEO*, disponibilizada pelo IBGE. Deste modo, os capítulos foram estruturados em função da revisão bibliográfica inicialmente realizada, das informações existentes nos guias de análises preenchidos, dos fichamentos dos artigos analisados e da construção dos elementos visuais e textuais.

Por fim, a quarta e última etapa desenvolveu-se em função da reunião do que foi feito nas etapas anteriores. Neste momento, foram redigidos os capítulos com os resultados finais das análises realizadas, com reflexões qualitativas, relacionadas à análise do discurso, e resultados quantitativos, associados à análise de conteúdo. A partir disso, ocorreu a redação final dos capítulos inicialmente propostos e a finalização da dissertação.

3.4.1 Contexto vivenciado pela pandemia de Covid-19

Todos os procedimentos aqui adotados foram feitos durante a pandemia de Covid-19, em casa. Sendo assim, para encerrar o presente capítulo, realizar-se-á um breve comentário referente a este contexto.

A pesquisa foi construída em formato remoto, sendo preciso o constante uso de computadores com acesso a internet, para que assim fosse possível a realização de leituras, levantamento dos artigos, análises e sistematizações dos conteúdos e discursos levantados. Através destes meios também foram realizadas as interações sociais, como reuniões com o orientador, cumprimento dos créditos referentes às disciplinas e outras atividades acadêmicas - escrita de artigos e participações em eventos.

Como se trata de uma investigação estritamente teórica, não se encontrou

empecilhos de caráter objetivo para a construção dos procedimentos, sendo possível realizar todas as etapas e a escrita final da dissertação. Contudo, seria ingênuo não ressaltar e deixar registrado a dificuldade de se viver e pesquisar em um contexto de incertezas, fato que acompanhou o decorrer deste trabalho.

4 ANÁLISE DOS PERIÓDICOS ESPAÇO E CULTURA, ATELIÊ GEOGRÁFICO E GEOGRAFICIDADE: PAISAGEM E GEOGRAFIA CULTURAL A PARTIR DO SÉCULO XXI

Este capítulo destina-se à discussão dos resultados das análises dos periódicos que foram selecionados por esta pesquisa. Na composição das análises optou-se por criar agrupamentos referentes aos temas, técnicas de pesquisa (Anexo A) e escalas de estudo dos artigos que foram selecionados. Importa-se ressaltar que os conteúdos foram exemplificados e sistematizados através de gráficos representativos. O entendimento destes conteúdos tornou-se possível devido ao método hermenêutico e à análise dos discursos existentes nos trabalhos, relacionando-os com as discussões sobre os agrupamentos criados. Além destes agrupamentos, foram feitas reflexões sobre a conceituação de paisagem e sua relação com a cultura nos trabalhos analisados em cada periódico.

Destaca-se também a necessidade encontrada de discussão da dimensão espacial das publicações que foram analisadas por esta pesquisa. Sendo assim, foram criados mapas, quadros e gráficos que exemplificam a origem das publicações em cada periódico, destacando, junto a isso, as características e informações dos artigos em análise. Dentre estas características, separou-se o número de publicações por instituições de ensino, assim como os autores(as) destas publicações por gênero. A escolha por trazer a questão de gênero na dimensão espacial fundamenta-se no pensamento de Silva (2009) sobre as ausências e silêncios no discurso geográfico brasileiro, a autora considera a diferença entre homens e mulheres uma das principais categorias de análise das relações humanas⁶, sendo, portanto, assunto necessário para a ciência geográfica.

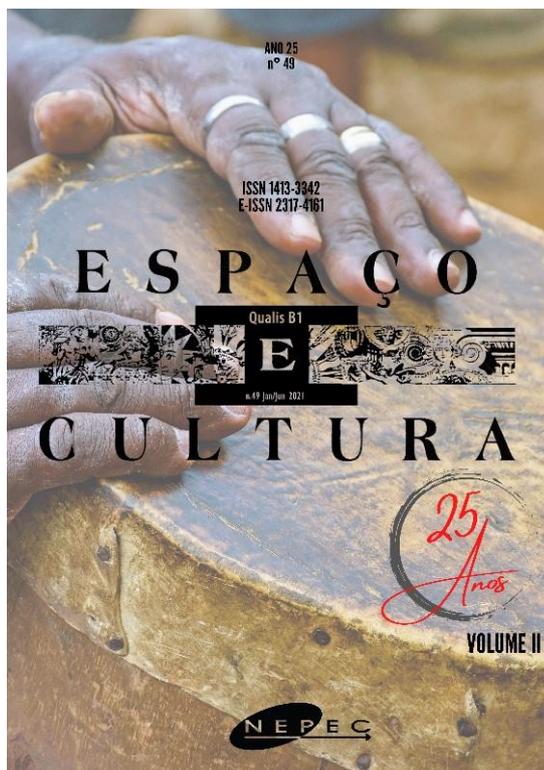
Deste modo, no texto que se segue serão apresentados, em sequência, as análises dos periódicos Espaço e Cultura, Ateliê Geográfico e Geograficidade. Optou-se por separar cada periódico - e suas respectivas análises - em uma seção particular do presente capítulo.

⁶ Para mais estudos sobre o assunto consultar o livro “Geografias subversivas: discursos sobre espaço, gênero e sexualidade”, organizado pela geógrafa Joseli Maria Silva (SILVA, 2009).

4.1 O PERIÓDICO ESPAÇO E CULTURA: ANÁLISES SOBRE OS ARTIGOS QUE INVESTIGARAM A PAISAGEM CULTURAL ENTRE 2001 E 2020

Nesta seção do texto serão abordados os principais resultados obtidos através das análises, visando a compreensão sobre a produção científica relacionada à geografia cultural e ao conceito de paisagem nas publicações do periódico Espaço e Cultura nos anos de 2001 a 2020 (Figura 4). Deste modo, serão apresentadas algumas sistematizações de dados e reflexões referentes ao periódico em questão.

Figura 4 - Capa comemorativa de 25 anos da Revista Espaço e Cultura, 2021.



Fonte: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/espacoecultura>

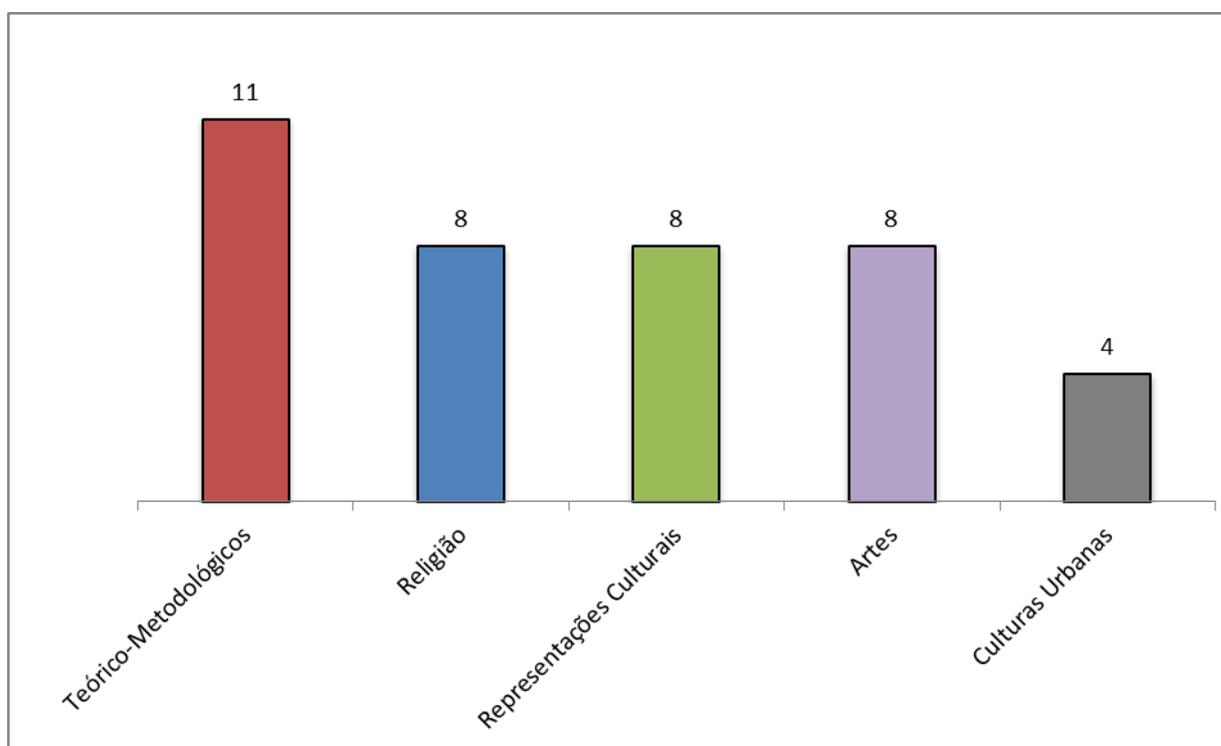
No que se refere à abordagem metodológica, é preciso destacar que a maioria dos artigos analisados neste periódico não discutem especificamente o método escolhido para a construção da pesquisa. Contudo, através da aproximação com temáticas voltadas para a geografia humanista, percebeu-se a fenomenologia sendo frequentemente utilizada. Foi possível encontrar também a utilização da teoria crítica, com base no materialismo histórico e dialético, para a construção de alguns

trabalhos. Além disso, a partir da investigação constatou-se uma variedade temática e na utilização de técnicas de pesquisa.

4.1.1 Temas

Tanto a fenomenologia quanto o materialismo histórico e dialético, associados à geografia cultural, possibilitam a realização de diferentes estudos, sejam eles teóricos ou empíricos, podendo dar suporte para o entendimento de diferentes temas e formas de utilização do conceito de paisagem. Em relação aos temas encontrados nos 39 artigos analisados no periódico Espaço e Cultura, foram classificados em 5 diferentes agrupamentos (Figura 5), sendo eles: Teórico-Metodológico (11 artigos), Religião (8 artigos), Representações Culturais (8 artigos), Artes (8 artigos) e Culturas Urbanas (4 artigos).

Figura 5 - Temas relacionados ao conceito de paisagem do ano de 2001 a 2020, no periódico Espaço e Cultura.



Organização: Felipe da Silva Vieira.

Estes agrupamentos foram criados de acordo com a aproximação temática entre os trabalhos, com o intuito de sistematizar os artigos analisados para termos

um caminho de entendimento sobre o periódico ao longo do século XXI. Deve-se ressaltar que alguns textos poderiam ser enquadrados em mais de um agrupamento, contudo, optou-se por delimitá-los a partir da temática que se mostrou mais condizente.

Nota-se uma predominância dos estudos Teórico-Metodológicos, que buscam retratar teorias de autores(as) específicos da geografia cultural, assim como reflexões e caminhos sobre a conceituação de paisagem, totalizando 28,21% dos artigos analisados. Isso acontece devido ao Espaço e Cultura ser um periódico precursor na divulgação e incentivo dos estudos culturais em Geografia no Brasil, constituindo-se, portanto, em um meio para a produção das bases epistemológicas voltadas a esta vertente do pensamento geográfico. Nesse sentido, existem publicações de autores e autoras do Brasil e também de outros países.

Como exemplo, temos a publicação do artigo traduzido por Werther Holzer, do geógrafo americano Meinig (2002), denominado “O olho que observa: dez versões da mesma cena”, que realiza uma discussão teórica sobre o conceito de paisagem a partir de dez diferentes pontos de vista. De forma geral, o autor classifica o conceito em: *paisagem como natureza*; onde a força e imponência de seus feitos se destacam mais que a presença do homem, *paisagem como habitat*; que traz a visão da natureza enquanto possibilidade para as construções humanas, feitas em harmonia com o meio, *paisagem como artefato*; aquela em que as pessoas enxergam as marcas do homem como predominantes e a natureza como um suporte para estas construções, *paisagem como sistema*; que diz respeito a um equilíbrio dinâmico de processos interativos, sejam eles de caráter natural ou antrópico, *paisagem como problema*; vista como uma condição que precisa de correção, *paisagem como riqueza*; aquela vista pelo seu valor monetário, *paisagem como ideologia*; entendida através do pensamento de determinada filosofia, *paisagem como história*; compreende fatos que se acumularam através do espaço-tempo e a partir das particularidades e acontecimentos de determinado lugar, *paisagem como lugar*; uma peça individual num grande quebra cabeça mutável da terra e, por fim, *paisagem como estética*; voltada para as preocupações artísticas. Este artigo teve sua primeira publicação feita em janeiro do ano de 1976, no volume 66 da revista “*Landscape Architecture*”⁷.

⁷ Revista originária dos Estados Unidos, existe desde 1910, possui publicação mensal e aborda temas voltados para arquitetos(as) paisagistas.

Neste mesmo agrupamento, destaca-se também o trabalho de Seemann (2004), que faz uma releitura da obra do geógrafo clássico Otto Schlüter. De acordo com Seemann (2004, p. 65), para fazer este movimento de investigação da história da geografia cultural e de sua construção teórica, é preciso que passemos a compreender esta vertente a partir do contexto - social, político, econômico - em que cada obra foi criada, pois, “evidentemente, não existe uma única origem da disciplina, mas um ‘campo de forças’ com uma dinâmica contínua que se alimenta das suas discussões e críticas”. Nesse sentido, o autor identifica as influências filosóficas existentes na obra de Schlüter e propõe reflexões sobre o papel de seus trabalhos para o século XXI.

Outras temáticas também abordadas de forma frequente se relacionam aos trabalhos que compreendem os agrupamentos “Religião”, “Representações culturais” e “Artes”, representando 20,51% das análises cada. Como visto anteriormente, os estudos voltados para os fenômenos religiosos e suas espacialidades constituem-se em temática objetiva deste periódico, por isso a frequência. Seguindo este tema, o trabalho de Costa (2010) intitulado “Religião e Paisagem”, investiga a relação existente entre natureza e sagrado a partir do santuário de Nossa Senhora Rainha do Sertão, em Quixadá-CE. Para o autor, a paisagem cultural resulta da atividade humana diante da natureza, sendo palco de um cenário onde existe a história cultural de determinada localidade. Deste modo, um exemplo de interação entre homem-natureza, sendo o homem este construtor da paisagem, é dado através das manifestações religiosas.

Ainda sobre a temática relacionada às espacialidades religiosas, o artigo de Souza (2014) discute os significados da paisagem dos(as) peregrinos(as) que realizam seus percursos através de caminhadas. O texto reflete sobre Geografia e Religião por três caminhos diferentes, sendo eles: a paisagem experienciada pelo olhar do peregrino(a), que a significa enquanto sujeito religioso, a paisagem sendo composta por fatores naturais, assim como por produções e reproduções sociais, podendo ser transformada diante os aspectos de determinada coletividade (no caso, a instituição Igreja) e, por fim, a paisagem que o pesquisador(a) percebe a partir de observações do fenômeno conduzido pelas peregrinações no espaço.

A classificação denominada “Representações Culturais” foi criada com o intuito de incluir os estudos que procuraram abordar diferentes manifestações culturais, como: cultura Iorubana (BARBOSA, 2003), comunidades indígenas da

região amazônica (RISSO, 2008) e os cemitérios de Buenos Aires (CARBALLO; BATALLA, 2015). Barbosa (2003) analisa o sentido de natureza da cultura lorubana a partir da investigação da força da simbolização mítica dos elementos naturais, revisitando paisagens desta cultura e procurando compreender como acontecem suas construções simbólicas. Risso (2008) revisa a história do conceito de paisagem, aplicando-o na comunidade indígena Apurinã, localizada no município de Lábrea - AM. A autora destaca a paisagem da floresta amazônica, no médio rio Purus, como fundamental para a percepção de grupo da cultura Apurinã. Por fim, Carballo e Batalla (2015) analisam aquilo que chamam de “novas paisagens culturais da morte” em Buenos Aires, tendo em vista a expansão das construções privadas de cemitérios nesta metrópole.

Os estudos relacionados às “Artes” são marcados pela investigação geográfica a partir do cinema, da literatura e de pinturas. O trabalho de Costa (2014) explora a relação existente entre cinema e geografia, a autora considera o cinema como sendo uma produção visual que esculpe concepções e percepções acerca do espaço e da paisagem. Por sua vez, Neta (2004) propõe uma discussão teórica a respeito da possibilidade de relacionar a Geografia com a literatura, entendendo a paisagem como um texto passível a diferentes interpretações. Para realizar esta proposição, a autora investiga o romance *Homens e Caranguejos*, de Josué de Castro. Sobre a interpretação a partir de pinturas, foi possível identificar a pesquisa de Myanaki (2009), que, a partir da leitura de dez reproduções de obras de artistas brasileiros, pintadas em diferentes momentos históricos, examina as transformações da paisagem da cidade de São Paulo.

Por último, o agrupamento referente às “Culturas Urbanas” compreende os artigos que investigaram manifestações culturais no espaço urbano, totalizando 10,26%. O artigo de Oliveira e Mizubuti (2009) nos mostra as transformações da paisagem da cidade de Niterói-RJ a partir da ação do poder público, analisando também, com este processo, a criação de identidades na cidade. O trabalho de Martins e Civale (2016) também analisa as mudanças na paisagem, levando em consideração o município mineiro de Viçosa, a partir da investigação de políticas patrimoniais do município entre os anos de 1980 e 2010.

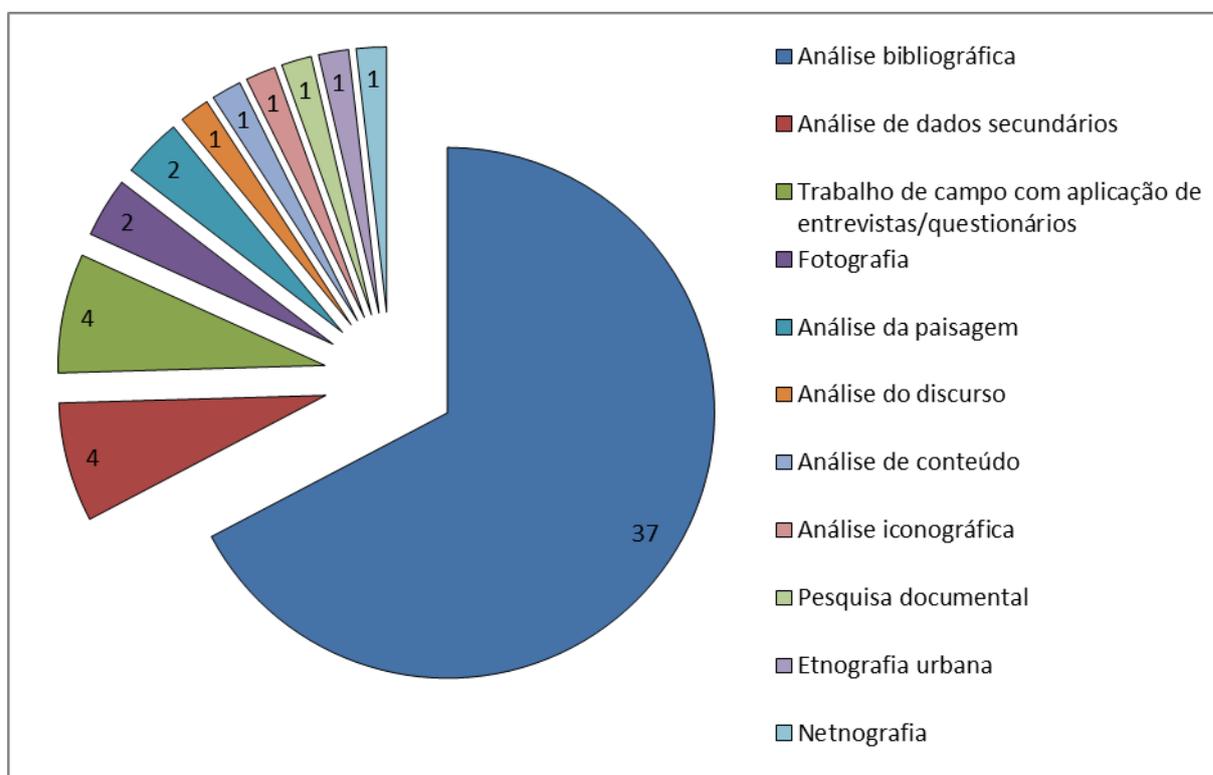
Para serem construídos, os trabalhos que envolvem estes agrupamentos temáticos utilizaram diferentes técnicas de pesquisa, alcançando também diferentes escalas de estudo. Esta relação será evidenciada na seção que se segue.

4.1.2 Técnicas de pesquisa e escalas

Acompanhando o processo de análise dos artigos que compõem este periódico, têm-se as técnicas de pesquisa utilizadas pelos autores e autoras. Através da separação deste conteúdo presente nos textos analisados, pôde-se constatar uma variedade de técnicas nos trabalhos. As pesquisas evidenciam técnicas comuns e também novas possibilidades para a composição das pesquisas em Geografia, importa-se ressaltar que em muitos casos foram utilizadas mais de uma técnica por investigação.

Considerando a variedade temática presente nos trabalhos que utilizaram o conceito de paisagem, o uso de diferentes técnicas de pesquisa não surpreende (Figura 6). Mesmo com a maioria dos artigos (67,27%) sendo de pesquisas pautadas na análise bibliográfica, há outras técnicas em destaque, como a análise de dados quantitativos secundários e o trabalho de campo com aplicação de entrevistas/questionários, que representam 7,27% do total cada.

Figura 6 - Técnicas de pesquisa utilizadas nos artigos analisados, na revista Espaço e Cultura 2001-2020.



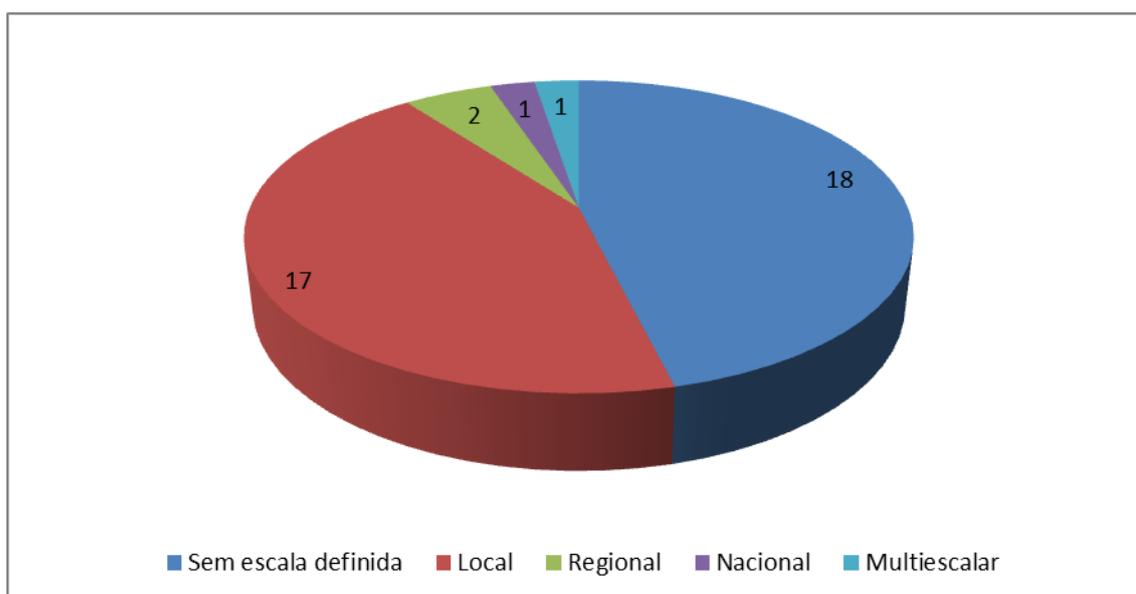
Organização: Felipe da Silva Vieira.

O elevado número de pesquisas que utilizam a análise bibliográfica, explica-se pelo esforço do periódico em estabelecer bases epistemológicas para o desenvolvimento da geografia cultural no Brasil. Já os trabalhos de campo nas pesquisas foram, na maioria dos artigos, acompanhados da aplicação de entrevistas, sendo estas abertas ou semiestruturadas.

Percebe-se também, mesmo que em menor porcentagem, a adesão de novas técnicas de pesquisa para as investigações geográficas. A utilização da fotografia, não apenas como elemento ilustrativo, mas como parte da metodologia de investigação, assim como a análise da paisagem, que compreende a paisagem como um texto, somam 3,64% cada. Além disso, identificaram-se outras técnicas utilizadas de forma menos frequente, mas que mostram uma aproximação com outras áreas das humanidades e possibilidades para futuras pesquisas, como: a análise do discurso, análise de conteúdo, análise iconográfica, pesquisa documental, etnografia urbana e netnografia, representando 1,82% cada.

Em relação às escalas de estudo verificadas (Figura 7), pode-se dizer que grande parte dos artigos analisados não apresentam escala definida, uma vez que consistem em discussões estritamente teóricas, totalizando 18 trabalhos ou 46,15% do total.

Figura 7 - Escalas de estudo dos artigos analisados, na revista Espaço e Cultura 2001-2020.



Organização: Felipe da Silva Vieira.

Por outro lado, os artigos que não tratam especificamente sobre teoria, em sua maioria, utilizam a escala local, totalizando 17 trabalhos ou 43,60%. Já os artigos que recorreram à escala regional nas pesquisas, representam um total de 2 ou 5,13%. Por sua vez, a escala nacional e multiescalar, foram trabalhadas cada uma em 1 artigo, compondo um total de 2,56% cada, enquanto a escala global não consta nas análises dos artigos.

O estudo de Cabral e Buss (2002) apresenta reflexões sobre a paisagem da Lagoa do Peri, na ilha de Santa Catarina. O autor e a autora realizam este trabalho deslocando a concepção de paisagem como “campo de visibilidade”, onde se destaca aquilo que é estrutural e visível, para paisagem como “campo de significação”, onde demonstram os valores e significados atribuídos à paisagem a partir dos sujeitos e grupos que a vivenciam. O artigo de Vasconcelos e Maciel (2016) também se vale da escala local, investigando a urbe histórica dos becos do Centro Histórico da cidade Recife.

Sobre a escala regional, o trabalho de Filho (2013) utiliza o cinema brasileiro para compreender a relação existente entre forasteiro, habitantes e a paisagem semiárida da região nordestina. Já Carballo (2012), atingindo a escala nacional, realiza uma interpretação geográfica sobre a religiosidade do gaúcho devoto da Virgem de Luján, padroeira da Argentina. Em relação ao estudo multiescalar, apresenta-se o artigo de Silva (2009a), que investiga manifestações políticas - especificamente o comício da Central do Brasil e a Marcha da Família com Deus pela Liberdade⁸ - associadas aos significados existentes nas paisagens urbanas, fazendo um paralelo de acontecimentos locais que repercutiram em discursos de alcance nacional.

Além dos temas, técnicas de pesquisa e escalas de estudo, mostra-se necessária a compreensão das concepções relacionadas à conceituação de paisagem. Deste modo, a próxima seção do texto irá trazer algumas definições e abordagens sobre este conceito, estas foram encontradas nos artigos analisados deste periódico.

⁸ O “comício da Central do Brasil” aconteceu em 13 de março de 1964, sendo proferido pelo então presidente João Goulart, tendo como pauta central a implementação das reformas de base. Por outro lado, a “Marcha da Família com Deus pela Liberdade” foi um movimento militar conservador que surgiu nesse mesmo período como resposta ao comício (SILVA, 2009).

4.1.3 A conceituação de paisagem

O conceito de paisagem em análise no periódico Espaço e Cultura esteve sempre relacionado aos aspectos culturais do espaço, seja através de teorias ou trabalhos empíricos. Sendo assim, percebeu-se, presente nos discursos e definições dos trabalhos, a dimensão material e concreta, mas também imaterial e simbólica.

Cabral e Buss (2002) nos lembram de que a paisagem se constitui da junção de diferentes fatores, fazendo com que seja necessário olharmos para diversas disciplinas e direções que possam nos auxiliar a compreendê-la. O autor e autora defendem que paisagem se mostra como um conceito impreciso, devendo assim permanecer.

Se o arranjo de formas, cores, linhas, texturas e escalas são aspectos do mundo apreendidos de imediato pelos nossos olhos, é preciso ter claro que esses elementos podem assumir diferentes sentidos segundo o 'modo de olhar' (atribuir significados). (CABRAL; BUSS, 2002, p. 47).

Assim, este conceito, não sendo pertencente somente à Geografia, proporciona a possibilidade de entendimento das formas objetivas entremeadas pela subjetividade humana. "Oferecida à nossa percepção e, ao mesmo tempo, produto de nossas experiências pessoais e coletivas, a paisagem constitui-se nesse movimento dialético" (CABRAL; BUSS, 2002, p. 47). A partir disso, tem-se a perspectiva de investigação dos aspectos culturais, sendo a paisagem este elemento comunicador de construções humanas variadas.

No artigo denominado "Paisagens festivas e interações mítico-ritualísticas em práticas tradicionais do catolicismo popular", Maia (2011) reflete sobre o conceito tendo em vista as festividades. O autor considera que a paisagem definida a partir da aparência (forma) e espaço (forma mais vida) não é suficiente para estudar estas manifestações, pois as festas são fundamentadas em um pensamento mítico acompanhado de práticas ritualísticas. Nesse sentido, sugere a apreensão da paisagem como aparição, sendo esta a ponte entre o afetivo e a concretude. Investigando-se estes fenômenos, a paisagem seria, portanto, vista não apenas como história congelada da história viva, mas como movimento de espacialização desta mesma história. Esse esforço de abstração torna-se preciso para irmos além no entendimento das diferentes práticas culturais, assim como na própria definição deste conceito.

De acordo com Costa (2003), o caráter simbólico da paisagem é o elo da relação dialética entre o indivíduo/grupo social e o espaço, uma vez que fornece as bases para a manutenção de uma reafirmação das formas e das significações destinadas aos símbolos. Indo de encontro ao simbólico, Romancini (2005) investiga a cerâmica e a viola de cocho como símbolos identitários para a comunidade de São Gonçalo Beira Rio, localizada à margem esquerda do rio Cuiabá, no estado do Mato Grosso. A partir dos estudos realizados a autora conclui que a paisagem do local é correspondente à afirmativa de Augustin Berque, sendo, simultaneamente, marca e matriz:

Marca, porque o grupo contribui para modificar o espaço que utiliza e gravar nele os sinais de sua atividade e os símbolos de sua identidade. Matriz, visto que a organização e as formas que a estruturam contribuem para transmitir usos e significações de uma geração a outra". (ROMANCINI, 2005, p. 84).

Nesse caso específico, os elementos da produção da cerâmica e da viola de cocho estão presentes na paisagem, relacionando-se com os grupos que ali se organizam e estabelecem relações (ROMANCINI, 2005). Essas práticas acabam permeando a vida, os valores, memórias e, conseqüentemente, a continuidade da comunidade. Para Costa (2009, p. 49) “uma paisagem cultural reúne um conjunto de representações que engendram uma rede de significados, produzindo a cada momento valores que se articulam na construção de novas paisagens simbólicas”. Percebemos, portanto, que o simbólico existe em diferentes gerações, em simultâneo, com o desenrolar do tempo e pelo movimento da sociedade, novas paisagens podem ser criadas e novos significados atribuídos.

O trabalho de Silva (2009a) reflete sobre a apropriação dos significados das paisagens urbanas por parte de movimentos políticos, o autor entende que estes movimentos podem se valer da paisagem como cenário para a construção de seus discursos. Para este tipo de investigação, torna-se preciso romper com a visão de cenário como ambiente passivo onde acontece o espetáculo, é necessário considera-lo “através da dualidade de uma dimensão funcional e uma dimensão simbólica” (SILVA, 2009a, p. 98). Nesse sentido, a paisagem pode ser considerada como um sistema de significados, possuindo sua forma material e imaterial e sendo sujeita a ações políticas.

Nossos cenários urbanos são mais do que simples panos de fundos diante dos quais desenrola-se a ação de maneira independente. Os símbolos espaciais, a paisagem plena de significados, como o cenário, é também parte da própria ação, do próprio discurso. (SILVA, 2009, p. 107).

Relacionando o conceito de paisagem com a literatura, Figueiredo (2014) traz reflexões sobre aquilo que chamou de apropriação estético-política da natureza, dialogando especificamente com a produção literária do romantismo brasileiro no início do século XX, a partir das obras do escritor Lima Barreto. Os trabalhos deste autor se aproximam de viagens realizadas por naturalistas europeus em território brasileiro, carregando grande influência deste período. Essa aproximação, escritor-viajantes naturalistas, coloca a literatura como possível campo de moldura da paisagem brasileira, que é retratada a partir de suas características naturais e exuberância. Para a autora, têm-se aí um problema, pois é a partir dos moldes europeus que a produção literária deste período tenta, cada vez mais, moldar a interpretação da paisagem brasileira, esquecendo-se dos processos históricos que constituem o país.

Pensar a paisagem é considerá-la não só como aquilo que é visível, mas como forma elaborada, pensada e objetivada por meio das relações sociais, que deixam no espaço elementos que podem identificar temporalidades vividas no lugar. Seus significados, crenças e valores, que são culturais, mas que são também parte das relações de dominação construídas pelos grupos sociais, ou seja, paisagem como representação social, como leitura de uma sociedade. (MIRANDA; EGLER, 2013, p. 156).

Sendo assim, além de compreender a paisagem a partir da cultura, tem-se a possibilidade de entendimento do conceito através do viés político e social, muitas vezes associados às construções que se ligam ao poder dominante. Tratando especificamente sobre a paisagem urbana, Martins e Civale (2016) nos dizem que esta se relaciona com o sentido de pertencimento e identidade, por isto estes fatores devem ser levados em consideração na construção de políticas públicas associadas à preservação da paisagem. Deste modo, a paisagem detentora de marcas do passado, que ainda resiste em diferentes localidades do país, seria a forma de manutenção da memória histórica da comunidade, possuindo importância central.

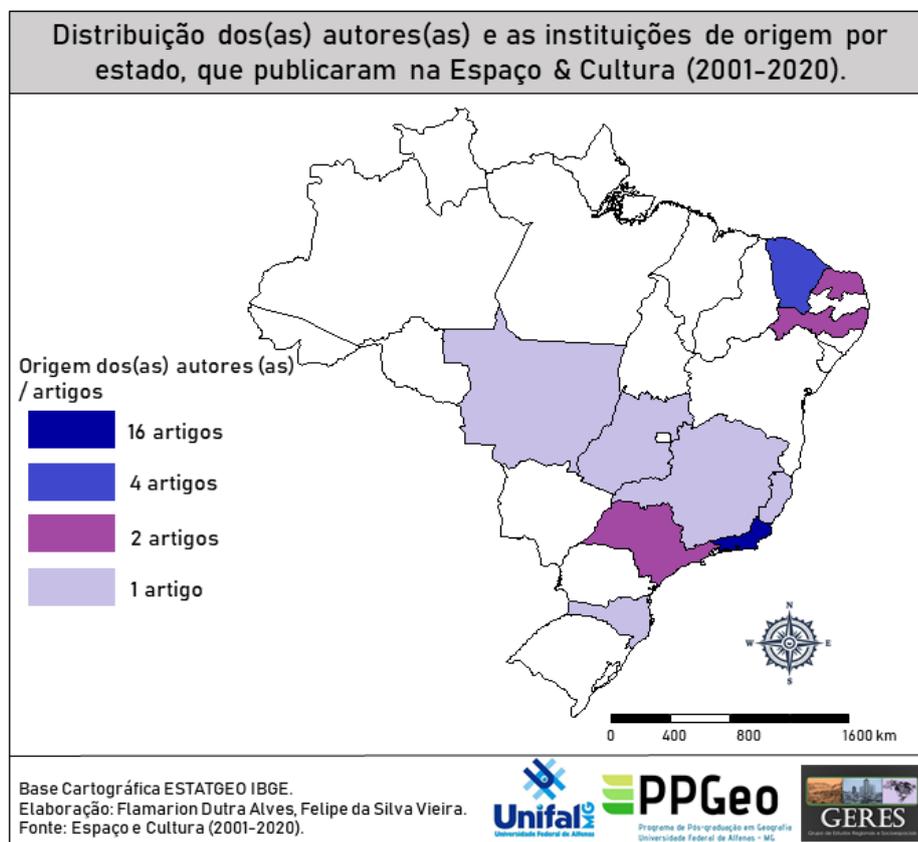
Concluindo as reflexões sobre o conceito neste periódico, toma-se o pensamento de Gomes (2004, p. 8), que afirma que paisagem é “uma espécie de ‘vitrine’ de uma localidade e, portanto, de sua população”. Deste modo, entende-se que a paisagem esteve associada a diferentes caminhos de pesquisa no periódico

Espaço e Cultura, notando-se uma diversidade de definições, que foram construídas a depender do objetivo e referencial de cada investigação aqui analisada.

4.1.4 A dimensão espacial das publicações em análise

Para finalizar os resultados concernentes ao periódico Espaço e Cultura, é preciso identificar a dimensão espacial das publicações que aqui foram investigadas. Deste modo, apresentar-se-á uma sistematização dos(as) autores(as), das instituições de ensino em que estes estiveram filiados(as) no momento da publicação do artigo e o estado de origem destas instituições (Figura 8). Em relação a este periódico, a maioria dos artigos foram publicados apenas por um autor(a) (82,05%), nos casos de coautoria (17,95%) os(as) autores(as) estavam filiados(as) à mesma instituição, sendo possível relacionar cada artigo publicado a somente uma instituição.

Figura 8 - Distribuição dos(as) autores(as) e as instituições de origem por estado, que publicaram na Espaço e Cultura (2001-2020).



Fonte: Espaço e Cultura (2001-2020).

O estado do Rio de Janeiro destaca-se com 41,03% das publicações, na sequência o estado do Ceará com 10,26% e, com 5,13% das publicações cada, os estados do Rio Grande do Norte, Pernambuco e São Paulo. Contabilizando 2,56% das publicações cada, apresentam-se os estados do Espírito Santo, Santa Catarina, Mato Grosso, Goiás e Minas Gerais (Quadro 4). Além das instituições destes estados, há a existência de trabalhos advindos de instituições de ensino estrangeiras, que contabilizaram um total de 8 artigos ou 20,51% das publicações.

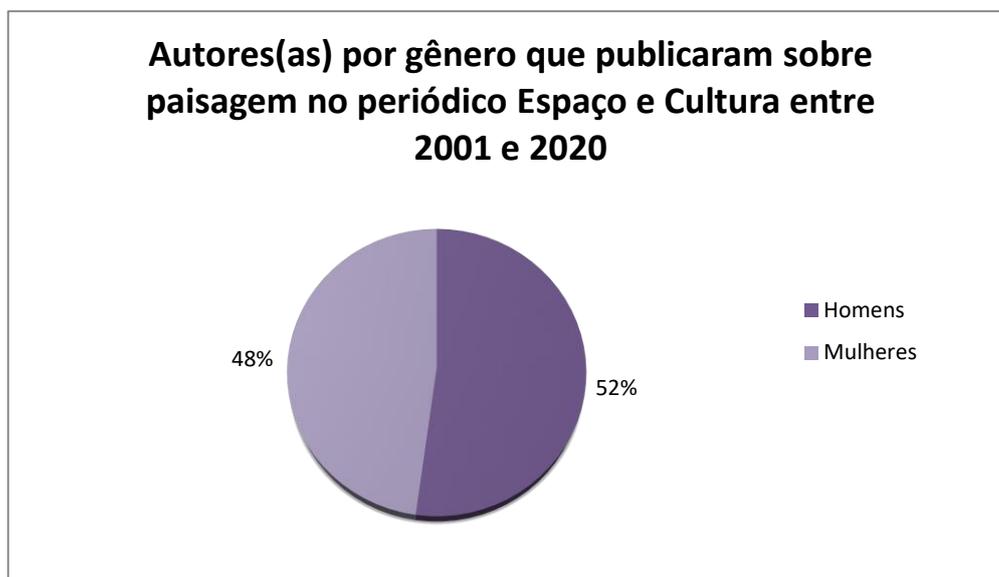
Quadro 4 - Distribuição das instituições de ensino brasileiras por estado e número de artigos no periódico Espaço e Cultura (2001-2020).

Instituição de ensino	Estado	Artigos
Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)	RJ	7
Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ)	RJ	5
Universidade Federal Fluminense (UFF)	RJ	4
Universidade Estadual do Ceará (UECE)	CE	3
Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)	RN	2
Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)	PE	2
Universidade Regional do Cariri (URCA)	CE	1
Universidade Federal do Espírito Santo (UFES)	ES	1
Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)	SC	1
Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT)	MT	1
Universidade Estadual Paulista (UNESP)	SP	1
Universidade de São Paulo (USP)	SP	1
Universidade Federal de Goiás (UFG)	GO	1
Universidade Federal de Viçosa (UFV)	MG	1

Fonte: Espaço e Cultura (2001-2020).

Nestas publicações, o gênero dos(as) autores(as) pode ser identificado através da Figura 9. Constatou-se, nos artigos que utilizaram o conceito de paisagem e que aqui foram analisados, os homens aparecendo 24 vezes nos trabalhos e as mulheres em 22, contando os casos de autoria única e também de coautoria.

Figura 9 - Autores(as) por gênero que publicaram sobre paisagem no periódico Espaço e Cultura entre 2001 e 2020.



Fonte: Espaço e Cultura (2001-2020).

A partir destas informações percebe-se a relação existente entre o periódico Espaço e Cultura e o Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Espaço e Cultura (NEPEC) como influência para a região sudeste, que conta com o maior número de artigos, com destaque para o estado do Rio de Janeiro. Por outro lado, nota-se também, mesmo que em menor número, uma distribuição das publicações por outros estados e universidades do país, fator importante para a continuidade da divulgação e construção dos estudos voltados para a geografia cultural no Brasil.

Na continuidade do texto, apresenta-se a seção destinada ao periódico Ateliê Geográfico. Neste momento, evidenciam-se os resultados obtidos através dos artigos investigados desta revista.

4.2 O PERIÓDICO ATELIÊ GEOGRÁFICO: ANÁLISE SOBRE OS ARTIGOS QUE INVESTIGARAM A PAISAGEM CULTURAL ENTRE 2007 E 2020.

Para a continuidade das análises dos periódicos selecionados, tem-se o periódico Ateliê Geográfico (Figura 10). Primeiramente, é preciso destacar que esta revista não publica apenas sobre temas voltados para a geografia cultural, logo, evidencia-se o conceito de paisagem nas pesquisas vinculadas à dinâmica ambiental. Sendo assim, os trabalhos que não estavam relacionados aos estudos culturais não foram selecionados para as análises presentes nesta seção.

Figura 10 - Capa da terceira edição do ano de 2020 da revista Ateliê Geográfico.



Fonte: <https://www.revistas.ufg.br/atelie/issue/view/2189>

Sobre as abordagens metodológicas encontradas nos trabalhos analisados, constatou-se, assim como no periódico Espaço e Cultura, a não discussão sobre o método utilizado para a realização da maioria das investigações. Desta forma, através da aproximação temática, pôde-se constatar a presença de métodos característicos da geografia cultural, como a fenomenologia aparecendo frequentemente, assim como o materialismo histórico e dialético. Algumas pesquisas também utilizaram o hibridismo metodológico, unindo dois ou mais métodos para sua construção. Em todo caso, constata-se, nos 49 artigos analisados neste periódico, diversidade nos temas e técnicas de pesquisa.

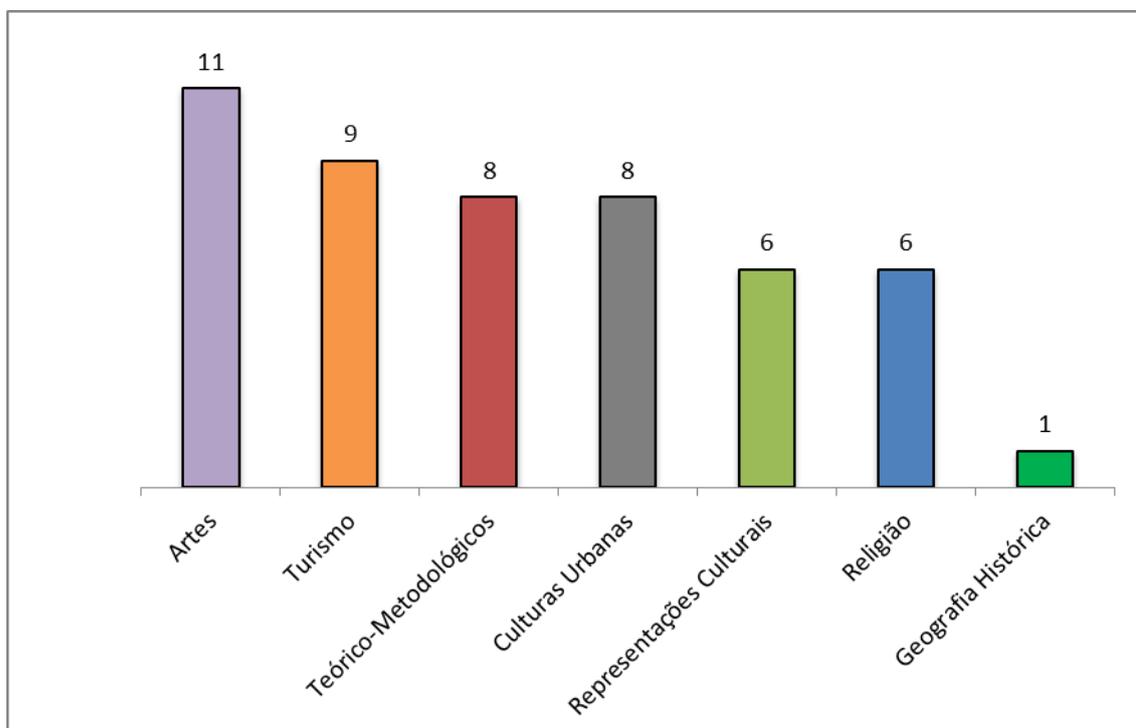
4.2.1 Temas

Dentre as temáticas encontradas nas análises, destaca-se, com maior número de artigos, o agrupamento temático criado voltado às “Artes”, com 11 artigos. Os trabalhos deste agrupamento envolvem temas associados à literatura, ao cinema e à música. Por sua vez, “Turismo”, conta com 9 artigos e se refere às investigações que buscaram compreender as paisagens culturais que estão atreladas a este serviço.

Logo na sequência, destacam-se os agrupamentos denominados “Teórico-Metodológicos” e “Culturas Urbanas”, com 8 artigos cada. Os trabalhos do primeiro agrupamento relacionam-se com as investigações teóricas sobre a paisagem, abarcando pensamentos e discussões de autores(as) que refletem sobre o conceito. O agrupamento referente às “Culturas Urbanas” traz os trabalhos que estudaram as espacialidades culturais de urbanidades brasileiras.

Por fim, tem-se os agrupamentos temáticos voltados às “Representações Culturais” e “Religião”, com 6 artigos cada, o primeiro associa-se a estudos de diferentes culturas existentes no Brasil, enquanto o segundo refere-se ao entendimento das paisagens religiosas. Além destes, nota-se, com 1 artigo, “Geografia Histórica”, que representa um estudo teórico sobre a passagem de um naturalista pelo cerrado brasileiro. Constata-se, portanto, diversidade temática acerca da produção científica sobre paisagem e cultura na revista Ateliê Geográfico (Figura 11).

Figura 11 - Temas relacionados ao conceito de paisagem do ano de 2007 a 2020, no periódico *Ateliê Geográfico*.



Organização: Felipe da Silva Vieira.

O agrupamento relacionado às “Artes” aparece com 22,45% das publicações. Nesse sentido, a investigação de Seemann (2007) analisa os elementos geográficos existentes na obra do poeta popular Patativa do Assaré⁹, discutindo a relação geografia-poesia e contribuindo para o entendimento da diversidade das paisagens da região do Cariri, no estado do Ceará.

Cabe dizer que a paisagem inspira o artista que, por sua vez, traduz a paisagem conforme o seu próprio olhar, sua imaginação, sua cosmologia e seus sentimentos. Patativa retratava as paisagens do Cariri, mas também fazia parte delas por ter nascido e vivido nelas. (SEEMAN, 2007, p. 552).

Ainda neste agrupamento, Fioravante (2018) reflete sobre os novos problemas referentes aos conceitos de espaço, paisagem e lugar a partir da aproximação entre a ciência geográfica e o Cinema. Sobre esta relação, a autora distingue quatro tradições de pesquisa, apresentar-se-á, de uma forma geral, um

⁹ Poeta e repentista nascido no nordeste brasileiro, considerado um dos principais nomes da arte popular desta região do país.

resumo sobre elas.

A primeira tradição tem origem na década de 1950 e produz discussões sobre a potencialidade dos filmes para o ensino de Geografia. Esta divide-se em duas posições: a ideia de realidade, que considera os filmes espelhos dos acontecimentos, e a de que o Cinema é construtor de mundos. A segunda está associada aos trabalhos influenciados pela escola de Frankfurt, que investigam as dinâmicas espaciais e econômicas da indústria cinematográfica. Na sequência, a terceira relaciona Cinema e Geopolítica, onde a ideologia política, as fronteiras e o nacionalismo de determinado país são levados em consideração nas produções e análises fílmicas. Por último, a quarta tradição está associada às temáticas plurais propostas pela Nova Geografia Cultural, discutindo assuntos como a representação de cidades, relação entre personagem e meio, assim como identidade de gênero e cultural. Neste trabalho, a autora traz uma correlação entre estas tradições e a escolha conceitual, por parte de geógrafos(as), para abordá-las (FIORAVANTE, 2018).

Além de literatura e cinema, ocorre, neste agrupamento temático, a presença da música. O artigo de Santos (2015) realiza um percurso pela música popular brasileira, demonstrando que esta constitui-se fonte de pesquisa que pode auxiliar a construção de estudos geográficos. Para isso, o autor percorre e decifra músicas que refletem paisagens brasileiras de determinado período de tempo e forma espacial, como o próprio Hino Nacional e algumas canções associadas à bossa nova.

O segundo agrupamento temático mais recorrente foi aquele relacionado aos estudos sobre a questão turística, com 18,37% do total. Analisando a história do desenvolvimento turístico da cidade de Natal, capital do estado do Rio Grande do Norte, Furtado (2007) realiza uma aproximação com outras áreas do conhecimento, trazendo elementos da geografia, ciências sociais e economia para compreender a transformação da paisagem natalense a partir deste setor de serviço. Para a autora:

O turismo caracteriza-se como uma das maiores seduções dos tempos modernos, que envolve um conjunto muito vasto de relações, influências, motivações, desejos e representações. Daí ele ter exercido um forte fascínio nos deslocamentos humanos, sendo vislumbrado como uma das atividades econômicas mais promissoras do século XXI e mais modificadoras dos espaços, sobretudo, urbanos (FURTADO, 2007, p. 122).

Seguindo nesta temática, o artigo construído por Milagres (2009) investiga o polo ecoturístico construído a partir do ano de 2001 em Taquaraçu, distrito de Palmas (TO). Com esta construção a paisagem do distrito passa por transformações, deste modo, a autora objetiva, com a realização da pesquisa, compreender a percepção da comunidade local em relação às paisagens representativas, os(as) entrevistados(as) puderam classificar as paisagens como agradáveis ou desagradáveis.

Em relação aos artigos “Teórico-Methodológicos” (16,33% das publicações), o trabalho de Mascarenhas e Dolzani (2008) traz reflexões teóricas sobre algumas tendências das metrópoles contemporâneas. Para isso, autor e autora, partem do entendimento do fenômeno das feiras livres, que, diante de um contexto de expansão do uso de automóveis e de modernas criações voltadas para mercados varejistas, buscam continuar se territorializando na paisagem urbana. Outro trabalho pertencente a este agrupamento é o de Santos (2018), que realiza discussões teóricas sobre a conceituação de paisagem a partir do contato que o autor teve com dois cursos ministrados pela Universidade Autônoma de Madri.

Também com 16,33% das publicações, encontra-se o agrupamento sobre as “Culturas Urbanas”, neste periódico os trabalhos deste agrupamento focaram no entendimento da transformação da paisagem a partir de uma perspectiva do crescimento econômico relacionado à produção do espaço. A investigação de Freire (2011) procura debater o processo de urbanização de bairros periféricos do município de Vitória, capital do estado do Espírito Santo. Partindo da perspectiva de produção do espaço urbano e tendo em vista as contradições inerentes a este processo, a autora apresenta mutações na paisagem de Vitória, assim como modificações no modo de vida de seus moradores(as). Já o artigo de Neto e Herrera (2017) analisa o processo de expansão urbana em Altamira, no estado do Pará. Os autores nos mostram que a instalação da usina hidrelétrica de Belo Monte provocou um crescimento acelerado da malha urbana do município em questão.

Com 12,24% dos artigos publicados cada, aparecem os agrupamentos “Representações Culturais” e “Religião”. Sobre o primeiro, a pesquisa de Sampaio e Vargas (2010) parte da compreensão da percepção da comunidade ribeirinha do município de Itambé, sudoeste do estado da Bahia, para analisar a paisagem do Rio Pardo. Este rio constitui-se em elemento simbólico para esta comunidade, sendo fator importante para a manutenção de sua identidade e modo de vida. O artigo de

Scheibel e Florani (2014) também investiga a cultura ribeirinha, levando em consideração a paisagem de Pitangui-Jotuva, região dos Campos Gerais Paranaense e partindo, especificamente, da prática pesqueira para construção do estudo.

Por sua vez, sobre a temática “Religião”, pode-se destacar a análise de Pontes e Campos (2010) que traz uma visão acerca da paisagem religiosa marcada por geossímbolos (cruzes, lápides, capelas) encontrados, principalmente, nas margens de estradas no Brasil. Nesse mesmo sentido, a fim de compreender a paisagem da Festa de São José, festividade importante para o município de Pedrinhas (SE), tem-se a pesquisa de Dourado e Vargas (2018). De acordo com as autoras:

Sagradas ou profanas, as festas fazem parte da história da humanidade, com registros de celebrações: a vida e a morte, as colheitas, as chuvas e as divindades, o sol e a lua etc. Na esfera religiosa, as festas de padroeiro são notadamente os eventos mais importantes do calendário festivo da Igreja Católica. (DOURADO; VARGAS, 2018, p. 208).

Encerrando a seção destinada aos temas, tem-se, com 2,04% das publicações, o agrupamento chamado “Geografia Histórica”. Funes (2020) realiza seu trabalho a partir das narrativas de Saint-Hilare, quando este passou por Goiás em 1819. Para o autor, o naturalista, mesmo recomendando a prática da agricultura, consegue, a partir de seus relatos, trazer uma visão futurista sobre a paisagem do cerrado brasileiro: o lamento pelo desmatamento das matas. Importa-se ressaltar que optou-se por criar este agrupamento, especificamente para 1 artigo, pois considera-se o movimento de investigação geográfica nele existente único entre as pesquisas analisadas neste periódico, não sendo pertencente a outro agrupamento.

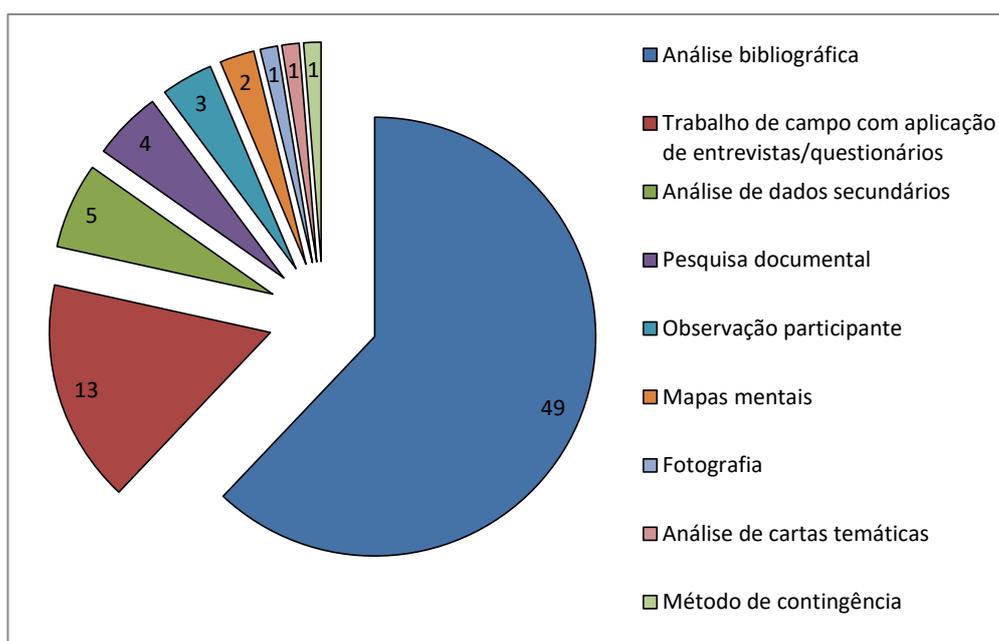
Continuando as análises da revista *Ateliê Geográfico*, torna-se necessário discutir outros elementos dos textos investigados. Deste modo, serão apresentadas na sequência, reflexões sobre as técnicas de pesquisa e as escalas de estudo.

4.2.2 Técnicas de pesquisa e escalas

Assim como no periódico *Espaço e Cultura*, encontrou-se na *Ateliê Geográfico* variedade no que se refere à utilização de técnicas de pesquisa (Figura 12). Muitos trabalhos, para serem construídos, utilizaram mais de uma técnica, evidenciando a

existência de técnicas habituais para a pesquisa geográfica, como a análise bibliográfica e o trabalho de campo, mas também a viabilidade de novas técnicas, como o método de valoração contingente¹⁰, aplicado pelo trabalho de Carvalho e Almeida (2009) sobre a paisagem da Chapada Diamantina.

Figura 12 - Técnicas de pesquisa utilizadas nos artigos analisados, na revista *Ateliê Geográfico* 2007-2020.



Organização: Felipe da Silva Vieira.

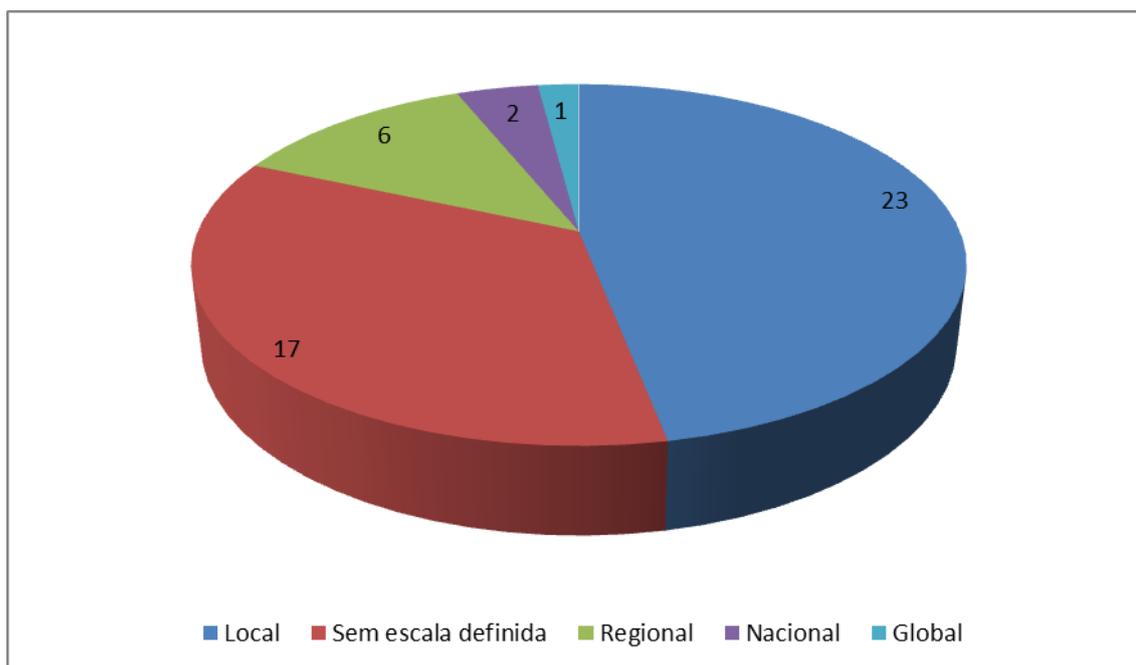
Com 62,03% entre as técnicas encontradas, aparece a análise bibliográfica, presente em todos os 49 artigos deste periódico. Logo na sequência, tem-se, com 16,46%, o trabalho de campo acompanhado da aplicação de entrevistas abertas, semiestruturadas ou por questionários. A análise de dados secundários evidencia-se com 6,33% das publicações, a pesquisa documental com 5,06% e a observação participante com 3,80%. Com porcentagem inferior às últimas técnicas descritas, tem-se o uso de mapas mentais (2,53%) e, por fim, fotografia, análise de cartas temáticas e método de contingência, somando 1,27% cada.

Em relação às escalas de estudo encontradas nos trabalhos (Figura 13),

¹⁰ Segundo as autoras, este método permite a estimação do valor econômico de bens e serviços de acordo com quem consome (CARVALHO e ALMEIDA, 2009).

neste periódico percebeu-se predominância da escala local, estando presente em 23 trabalhos ou 46,94%. Os estudos que não possuem escala definida, por constituírem-se em reflexões teóricas, somam 17 trabalhos ou 34,69%. Em menor frequência tem-se a escala regional com 6 trabalhos (12,24%), nacional com 3 (4,12%) e global com 1 (2,04%).

Figura 13 - Escalas de estudo dos artigos analisados, na revista *Ateliê Geográfico* 2007-2020.



Organização: Felipe da Silva Vieira.

A investigação de Melo (2008) vale-se da escala local ao propor a leitura da paisagem citadina de Jardim do Seridó (RN) a partir das fotografias produzidas por um artista local, que representam, preferencialmente, a urbanidade do município em questão. Por sua vez, o artigo de Silva (2020), também utiliza de representações para estudar uma localidade, neste caso, Goiânia (GO). Para a autora “ao tratar da cidade a partir da literatura, observamos que as imagens geradas não são divorciadas da sensibilidade: os sentidos, as sensações e a emoção” (SILVA, 2020, p. 228). Nesse sentido, parte da produção literária para compreender a temporalidade e sensibilidade na constituição de Goiânia (GO).

No que se refere à escala regional, Pinto e Travassos (2019) discutem a obra de Guimarães Rosa, considerando sua relação com Minas Gerais. “O sertão mineiro

é apresentado ao mundo pelo estilo modernista e pós-modernista de Guimarães Rosa que descreve e relata, para muitos, uma realidade desconhecida e marcada por elementos metafísicos, sentimentos, emoções e narrativas” (PINTO; TRAVASSOS, 2019, p. 132). Nesse sentido, Guimarães Rosa utiliza elementos geográficos, como a paisagem e relatos de viagens, para construção de sua literatura, reafirmando o sentimento de descoberta e o contato com áreas naturais intocadas. Para além da produção literária em si, Pinto e Travassos (2019) relacionam esta busca pelo natural com a crescente atividade turística da região do sertão mineiro.

Sobre a escala nacional, pode-se destacar o artigo de Santos (2015), aqui já citado anteriormente, que discute a música popular brasileira e como esta atua na construção de identidades nacionais. Já a pesquisa de Price e Travassos (2016), se refere à escala global ao estudar o uso religioso de cavernas no Sudeste Asiático e na China, trazendo perspectivas culturais sobre a paisagem cárstica.

Encerrando esta seção e dando continuidade às análises deste periódico, importa-se discutir definições sobre o conceito de paisagem encontradas em artigos aqui analisados. Além disso, torna-se relevante a identificação da dimensão espacial destas publicações. Deste modo, as próximas seções são destinadas a estas questões.

4.2.3 A conceituação de paisagem

O conceito de paisagem, nos artigos investigados no Ateliê Geográfico, esteve ligado a diferentes discursos e direcionamentos de pesquisa. Deste modo, serão apresentadas na discussão que se segue algumas destas reflexões, visando o entendimento da paisagem cultural neste periódico.

Seemann (2007, p. 52) aponta que “a paisagem antecede o ser humano, mas também se torna produto da ação dele. Ela está carregada de símbolos, significados, marcas visíveis ou ocultas”. Considerando esta visão, o autor desenvolve seu trabalho entendendo que o significado deste conceito não se restringe às marcas visíveis e às funcionalidades do espaço, os fenômenos das paisagens possuem também uma dimensão que pode ser imaginativa, relacionando-se com aspectos identitários e, conseqüentemente, com a cultura.

Paisagens estão estreitamente ligadas à memória e à identidade dos seres humanos. A destruição, alteração ou transformação da sua configuração pode levar à morte de uma paisagem e resultar no surgimento de uma outra. Paisagens culturais também se tornam objeto de preservação e conservação e fazem parte do patrimônio material e imaterial por serem testemunhos da memória e da identidade cultural das comunidades humanas. (SEEMANN, 2007, p. 55-56).

Percebe-se, portanto, que a paisagem encontra-se em constante mutabilidade, tanto no sentido físico quanto no sentido simbólico. Também considerando esta relação, Melo (2008, p. 80) nos diz que “na paisagem há uma centralidade de representações atravessadas por movimentos transitórios, em que por vezes se tem nuances e tensões, por vezes maneiras de apresentar e significar com as quais os grupos inscrevem suas experiências espaciais”. Deste modo, em cada lugar a paisagem pode representar algo diferente, sendo esta representação entremeada pelas ações e costumes de determinado grupo. Para a autora, “o ato de representar o mundo através de qualquer meio atribui uma carga de valores aos espaços, às formas de morar, às formas de sentir, às formas de convivências entre os grupos” (MELO, 2008, p. 81).

O trabalho de Alzate (2008), ao procurar a compreensão das transformações da cultura urbana, adota a paisagem como sistema visual e holístico. A autora discorre que o estudo da paisagem nesse sentido deve ser realizado a partir de três aspectos fundamentais, sendo eles: a fenomenologia, tendo-a como conhecimento objetivo da realidade; a análise sensorial, que através da percepção visual é a justificativa para o uso da paisagem e, por fim, a consideração da imagem, por meio da estética e da significação cultural. Para ela, a investigação destes três aspectos de forma integral permite um entendimento mais responsável em relação à paisagem. Considerando as transformações urbanas ela nos diz:

El estudio del paisaje, por medio del vacío urbano y su superficie envolvente, ofrece una escala de aplicación visual y espacial, que se integra a los acontecimientos y a la vida ciudadana, para valorar tanto la presencia humana como la geografía de los lugares en los cuales se genera la interacción y la comunicación en el ambiente. El paisaje natural y construido, adquiere importancia por sus contrastes y potencialidades, para ello, el estudio de su forma, su función, su significado y de las relaciones entre estos aspectos, posibilita un acercamiento integral para una adecuada intervención (ALZATE, 2008, p. 4).

Sendo assim, mostra-se a possibilidade de integrar diferentes características na aplicabilidade deste conceito nos trabalhos em Geografia. A pesquisa de

Carvalho e Almeida (2009), ao investigar a valoração da paisagem da Chapada Diamantina, entende que as representações da paisagem acontecem de forma diferente de indivíduo para indivíduo, uma vez que esta interação é atravessada por diferentes fatores. Para as autoras, estes fatores podem ser classificados através das particulares combinações dos elementos físicos, biológicos e sociais do espaço, podendo relacionar-se também com os aspectos fisiológicos e subjetivos de cada indivíduo que vivencia determinada paisagem.

Para Ferraz e Nunes (2014, p. 171) “a paisagem é aquilo que projetamos de sentido no momento do encontro humano com o fenômeno. A paisagem não está só na forma superficial da coisa percebida, nem está apenas em nós, mas no momento do encontro físico-sensorial, intelectual e imagético”. Percebe-se, portanto, a necessidade de, assim como propõe Alzate (2008), procurar pela integração da abordagem da paisagem com os diferentes fatores que podem constituí-la, considerando as transformações provenientes deste processo, uma vez que o espaço encontra-se em movimento, pois “a geografia não está fora ou externa ao homem, como um palco imóvel em que as coisas acontecem sobre. A geografia é saber em processo, é conhecimento do mundo no ato do encontro, de todos os encontros do homem com os mais diversos fenômenos” (FERRAZ; NUNES, 2014, p. 171). Nesse mesmo sentido, destaca-se também a visão de Gurevich (2017, p. 11-12):

Sabemos que los paisajes son constructos siempre cambiantes, en configuración permanente y abiertos todo el tiempo a ser recreados y modificados por los diferentes grupos sociales que en ellos y fuera de ellos desarrollan sus actividades y proyectos. Y no podría ser de otra manera, porque estamos tratando un contenido que comparte complejas características con la noción de territorio: como producto y productor de relaciones sociales; con la vida social incrustada como herencia y, a la vez, como instrumento de cambio; como reproducción y, a la vez, como posibilidad de diferencia. (GUREVICH, 2017, p. 11-12).

Deste modo, a conceituação de paisagem não se encontra alheia ao movimento humano. Como nos mostram Scheibel e Floriani (2014, p. 237), “as paisagens retêm a atenção de quem as observa, uma vez que ela se constitui no suporte das representações individuais e sociais dos indivíduos e grupos de indivíduos que criam/recriam os mesmos territórios que as compõem”. A herança cultural do sujeito constitui-se neste filtro para a representação e também para o estudo da paisagem. Sobre isso, Gelbcke, Dahmer e Martins (2016, p. 207) afirmam

que “a paisagem, como um dos conceitos-chave ou categoria de análise para o estudo da geografia, possui um caráter subjetivo, o qual depende do observador, de sua visão de mundo e conhecimentos prévios”. Importa-se, portanto, no movimento de pesquisa, considerar o olhar dos sujeitos que estão sendo estudados(as), assim como o próprio olhar do pesquisador(a).

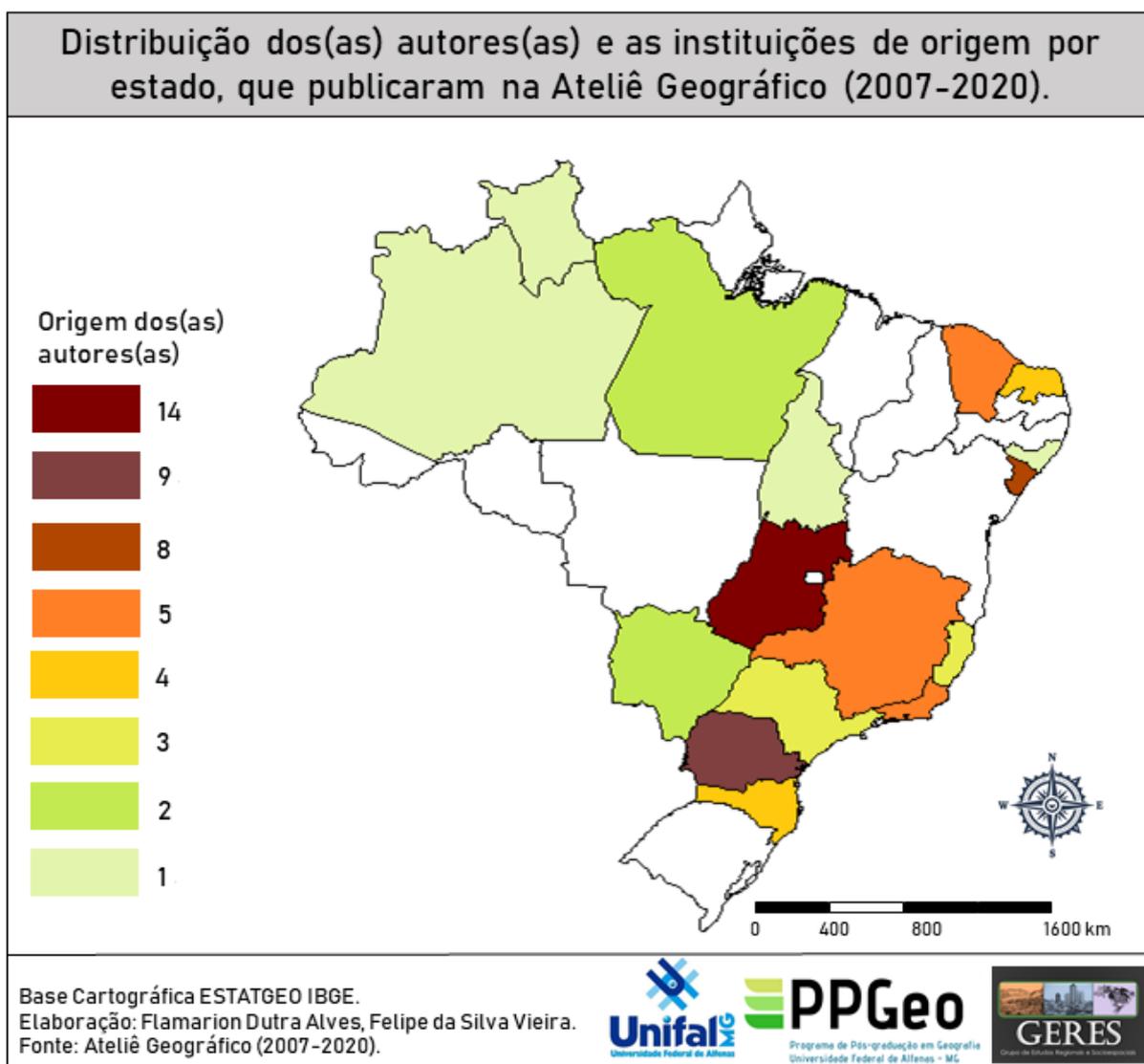
A partir destas definições aqui discutidas, percebe-se a relação paisagem e cultura em destaque neste periódico. Além de considerar os aspectos naturais do espaço, os discursos refletem também sobre o simbolismo que envolve as construções humanas e, conseqüentemente, a paisagem. Importa-se ressaltar a constante advertência acerca do caráter processual do conceito e a necessidade de compreendê-lo considerando as transformações espaciais.

4.2.4 A dimensão espacial das publicações em análise

Neste momento, importa-se discutir a identificação da dimensão espacial do periódico *Ateliê Geográfico*, apresentando uma estruturação das publicações que aqui foram analisadas. Ao contrário da revista *Espaço e Cultura*, os artigos deste periódico possuem maior porcentagem em casos de coautoria, representando 53,06% dos 49 artigos em análise. Por sua vez, os trabalhos realizados apenas por um autor(a), possuem 46,94%. Além disso, identificou-se a existência de coautorias de autores(as) filiados(as) a instituições de ensino diferentes publicando o mesmo artigo. Deste modo, neste caso não foi possível relacionar cada artigo a somente uma instituição, fazendo-se necessário a construção do mapa a partir da relação autores(as) e instituições de ensino (Figura 14).

Além das publicações oriundas de instituições nacionais (Quadro 5), com 83,67% do total, constatam-se também publicações advindas de instituições estrangeiras (16,33%). As primeiras somam 41, enquanto as últimas somam 8 artigos publicados. No total, foram identificados 80 autores(as) nas publicações em análise. Dentre estes, 17,50% estão associados ao estado de Goiás, com total predominância da Universidade Federal de Goiás (UFG). Em seguida, destaca-se o estado do Paraná, com 11,25% dos(as) autores(as), associados(as) a diferentes instituições de ensino. O estado do Sergipe também aparece de forma recorrente, com 10% das publicações, somente da Universidade Federal de Sergipe (UFS).

Figura 14 - Distribuição dos(as) autores(as) e as instituições de origem por estado, que publicaram na Ateliê Geográfico (2007-2020).



Fonte: Ateliê Geográfico (2007-2020).

Com 6,25% do total de autores(as), encontram-se os estados do Rio de Janeiro, Ceará e Minas Gerais, já os estados de Santa Catarina e Rio Grande do Norte somam 5% cada. Acrescentando 3,75% cada, aparecem os estados de São Paulo e Espírito Santo, enquanto com 2,50% os estados do Pará e Mato Grosso do Sul. Com a porcentagem de 1,25% cada, têm-se os estados de Alagoas, Amazonas, Roraima e Tocantins. Por fim, as instituições de ensino estrangeiras somam 25% dos(as) autores(as).

Quadro 5 - Distribuição das instituições de ensino brasileiras por estado e número de autores(as) do periódico Ateliê Geográfico (2007-2020).

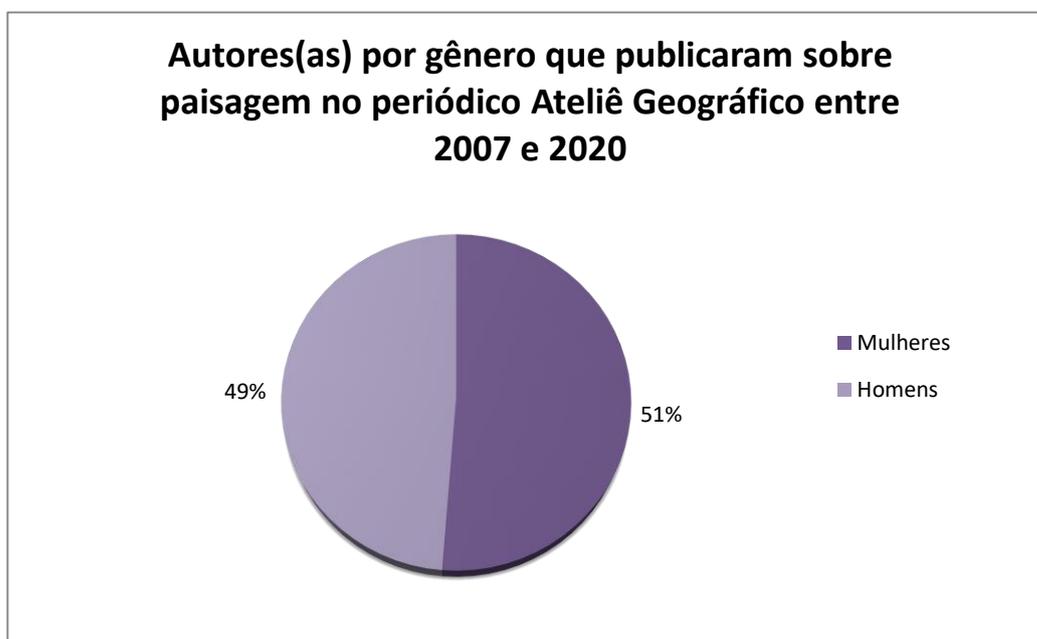
Instituição de ensino	Estado	Autores(as)
Universidade Federal de Goiás (UFG)	GO	14
Universidade Federal de Sergipe (UFS)	SE	8
Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)	RN	3
Universidade Federal de Ponta Grossa (UEPG)	PR	3
Universidade de Santa Catarina (UFSC)	SC	3
Universidade Federal do Paraná (UFPR)	PR	2
Universidade Estadual Paulista (UNESP)	SP	2
Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD)	MS	2
Universidade Federal do Ceará (UFC)	CE	2
Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)	RJ	2
Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC – MG)	MG	2
Universidade Estadual do Paraná (UEPR)	PR	2
Universidade Federal do Espírito Santo (UES)	ES	2
Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)	MG	2
Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ)	RJ	2
Universidade Estadual do Paraná (UEPR)	PR	2
Universidade Estadual do Ceará (UECE)	CE	2
Universidade Federal do Pará (UFPA)	PA	2
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC – SP)	SP	1
Universidade Federal de Alagoas (UFAL)	AL	1
Universidade Federal do Amazonas (UFAM)	AM	1
Universidade Federal de Roraima (UFRR)	RO	1
Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC)	SC	1
Universidade Federal do Espírito Santo (UFES)	ES	1
Universidade Federal Fluminense (UFF)	RJ	1
Universidade Regional do Cariri (URCA)	CE	1
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Tocantins, Campus Palmas	TO	1
Universidade Luterana do Brasil (ULBRA)	RN	1
Centro de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET-MG)	MG	1

Fonte: Ateliê Geográfico (2007-2020).

No que se refere ao gênero dos(as) autores(as) que publicaram os artigos analisados (Figura 15), identificou-se as mulheres aparecendo em 41 oportunidades entre as publicações, enquanto os homens em 39. Este número é referente aos 49

artigos deste periódico, contando os casos de autoria única e coautoria.

Figura 15 - Autores(as) por gênero que publicaram sobre paisagem no periódico Ateliê Geográfico entre 2007 e 2020.



Fonte: Ateliê Geográfico (2007-2020).

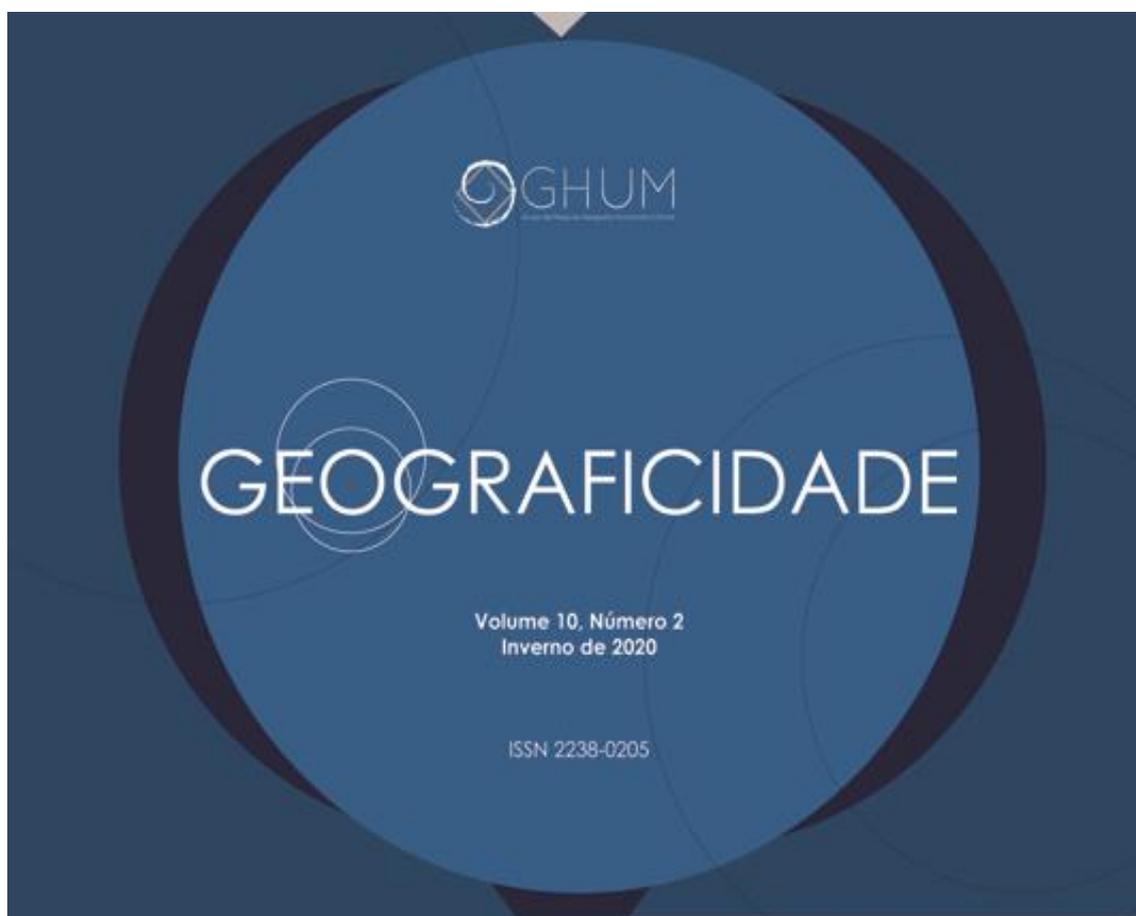
Considerando estas informações, percebe-se, com as publicações analisadas neste periódico, elevado índice de difusão dos estudos voltados para a geografia cultural em território nacional, alcançando diferentes estados. A representatividade do estado de Goiás, junto da Universidade Federal de Goiás (UFG), pode ser entendida devido ao fato deste periódico ser vinculado a esta instituição. Além disso, importa-se ressaltar o papel ativo do grupo de estudos “Geografia Cultural: Territórios e Identidade”, associado à mesma instituição e coordenado pela geógrafa Maria Geralda de Almeida.

No prosseguimento do capítulo, encontram-se as análises referentes ao último periódico analisado. Portanto, na próxima seção apresentam-se os resultados da revista Geograficidade.

4.3 O PERIÓDICO GEOGRAFICIDADE: ANÁLISE SOBRE OS ARTIGOS QUE INVESTIGARAM A PAISAGEM CULTURAL ENTRE 2011 E 2020

Visando o encerramento das discussões referentes aos periódicos selecionados, apresenta-se a análise da revista Geograficidade (Figura 16). A Geograficidade publica especificamente sobre assuntos voltados à Geografia Cultural e Humanista, portanto, todos os artigos que utilizaram paisagem do ano de 2011 a 2020, foram incluídos e serão aqui discutidos.

Figura 16 - Capa da edição de inverno do ano de 2020 da revista Geograficidade.



Fonte: <https://periodicos.uff.br/geograficidade/issue/view/Inverno%202020>

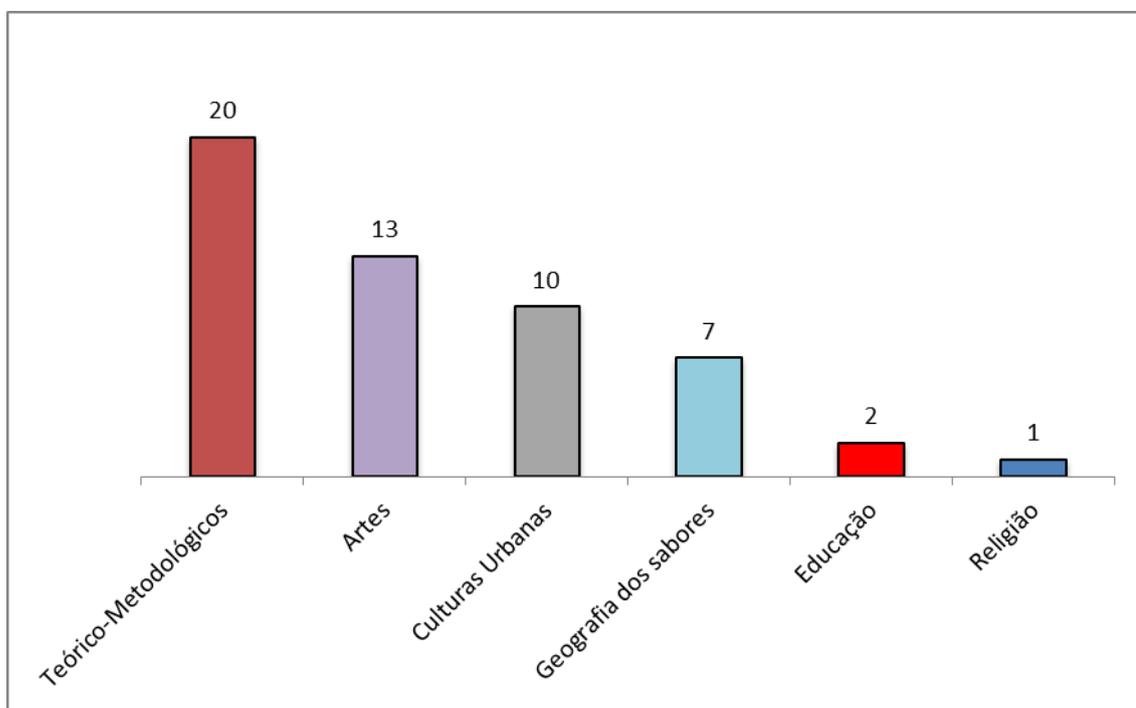
Encontrou-se, nos trabalhos analisados, a presença constante da utilização do método fenomenológico. Além disso, foram encontrados alguns trabalhos que se valeram do método hermenêutico para a realização das pesquisas. Durante as análises deste periódico não apareceram trabalhos que utilizaram o materialismo

histórico e dialético. Assim como nos periódicos anteriores, poucos trabalhos discutiram o método, neste caso, também foi preciso considerar a aproximação temática.

4.3.1 Temas

As temáticas encontradas nos 53 artigos analisados deste periódico foram sistematizadas em 6 agrupamentos (Figura 17). Os trabalhos que constituem o agrupamento denominado “Teórico-Metodológicos” são os mais recorrentes, somando 20 ou 37,74% das publicações. Na sequência, aparece “Artes”, com 13 artigos ou 24,53%, acompanhado de “Culturas Urbanas”, com 10 ou 18,87%. Com menor frequência, aparecem os agrupamentos “Geografia dos Sabores” (7 artigos, 13,21%), “Educação” (2 artigos, 3,77%) e “Religião” (1 artigo, 1,89%). Estes agrupamentos foram criados seguindo o mesmo critério dos periódicos anteriores.

Figura 17 - Temas relacionados ao conceito de paisagem do ano de 2011 a 2020, no periódico Geograficidade.



Organização: Felipe da Silva Vieira.

Sobre o agrupamento mais recorrente, pode-se destacar a discussão teórica referente às contribuições da Hermenêutica para a ciência geográfica, realizada por

Geraldes (2011). O autor discute a potencialidade da abordagem hermenêutica para o entendimento do mundo vivido, que pode ser estudado por meio da noção de lugar e significação da paisagem através da geografia humanista, criando novos rumos de pesquisa. Para o autor:

Ao contrário do que querem alguns críticos mais radicais do enfoque humanista na geografia, essa perspectiva não implica a necessidade programática de construção de uma série infinita de geografias individuais, mas afirma a experiência do mundo enquanto experiência coletiva, pois ser no mundo é necessariamente ser com o outro. (GERALDES, 2011, p. 64).

Sendo assim, a hermenêutica se mostra como uma “alternativa interessante para uma abordagem que se aproxime dos significados mais imediatos e pertinentes ao mundo vivido enquanto vivências em fluxo” (GERALDES, 2011, p. 66). Esta abordagem não deixa de lado a condição histórica e cultural do mundo para se obter a compreensão. Todavia, considera-se também a visão do(a) intérprete, sendo preciso dialogar os horizontes da interpretação individual juntamente com o horizonte existente na dinâmica do mundo vivido.

Ainda sobre os estudos teórico-metodológicos, Seamon (2019) analisa a abordagem fenomenológica como possível para a exploração de questões voltadas aos aspectos ambientais e arquitetônicos. O autor define a fenomenologia como sendo “a exploração e descrição dos fenômenos, onde os fenômenos se referem a coisas ou experiências enquanto os seres humanos as experimentam” (SEAMON, 2019, p. 6). Para Seamon (2019), a investigação fenomenológica pode partir de qualquer experiência, evento ou objeto em que determinada pessoa possa entender a partir dos sentidos, do conhecimento ou da vivência.

O segundo agrupamento mais recorrente, denominado “Artes”, integra trabalhos que estudaram a literatura, pinturas, cinema e música. O artigo de Silva (2020) relaciona Geografia, literatura e imaginário, ao estudar os sentidos da paisagem da cidade do Porto, em Portugal, por meio do livro “Harry Potter e a Pedra Filosofal”¹¹. Para a autora, “a literatura pode interferir num lugar, numa paisagem. Em um duplo trânsito, a literatura tanto se apropria e cristaliza o imaginário social da cidade como é responsável por criar novas imagens, intensificando esse imaginário e seu simbolismo” (SILVA, 2020, p. 13). Nesse sentido, estes conceitos geográficos

¹¹ Primeiro livro da saga Harry Potter, compreendida como fenômeno literário global e publicada por J. K. Rowling (SILVA, 2020).

aparecem nas obras literárias indo além de simples descrições, relacionando-se com a construção da literatura, ao mesmo tempo em que também são construídos por esta (SILVA, 2020).

Por sua vez, Rodrigues (2018) discorre sobre a relação entre Geografia e Arte. Dentro da perspectiva geográfica, o autor sugere pensar a Arte enquanto representação, na mesma medida em que esta pode expressar o espaço, que por sua vez se relaciona à significação que a cultura concede ao existir.

A produção artística se coloca como produto do pensamento, capaz de transformar sentimentos em imagens; percepções em sons; expressões em esculturas: manifestações espirituais do artista capazes de sensibilizar, emocionar e encantar pelo fazer estético original, forma de demonstrar sua representação do mundo, sua maneira de pensar e expressar a vida, que resulta em um tipo único e peculiar de arte. (RODRIGUES, 2018, p. 36).

Como forma de exemplificar esta possível relação, o autor analisa o quadro “O passeio ao Crepúsculo”, de Vincent van Gogh. Já o trabalho de Carvalho e Nabozny (2019), também valendo-se da relação representação-realidade, debate os conceitos de paisagem e lugar na constituição do espaço fílmico da obra “WALL•E”¹². Já a investigação de Marques (2018) aborda a música ao propor a identificação das paisagens sonoras da Festa Junina de Campina (PB), tendo como foco o Parque do Povo, espaço de eventos do município em questão.

Em relação ao agrupamento voltado às “Culturas Urbanas”, neste periódico, os trabalhos investigaram diferentes centros urbanos do país. Como exemplo, o artigo de Bartalini (2014) discute os córregos ocultos que existem na paisagem da cidade de São Paulo. O autor discorre sobre o modelo urbanístico adotado na construção desta cidade, que acabou por transformar os cursos d’água existentes na paisagem em elementos relacionados, simplesmente, à infraestrutura. Deste modo, ocorre uma negação da paisagem, ou seja, a ocultação dos córregos devido à expansão urbana faz com que seja suprimida parte da experiência que esta paisagem pode proporcionar, além de esconder parte da própria história da cidade. Para ele:

Atar estes pontos, hoje soltos, atribuir-lhes novos sentidos, conferir-lhes um nexos que os traga dignamente de volta à vida urbana, se não ressuscita os cursos d’água, ao menos abre possibilidades para reanimar em nós a

¹² Filme em animação com temática pós-apocalíptica, do ano de 2008 (CARVALHO; NABOZNY, 2019).

memória deles e, em outro nível, permite que os córregos sejam lidos numa nova chave interpretativa. (BARTALINI, 2014, p. 36).

Outro artigo associado a esta temática é o de Ponte (2020), que utiliza o conceito de paisagem para a compreensão do grafite na cidade de São Paulo. “A paisagem-grafite seria a paisagem das manifestações escritas e/ ou gráficas, presentes nos espaços urbanos e expostas em sua própria base material (muros, edifícios, viadutos, calçadas etc.)” (PONTE, 2020, p. 285). Em vista disso, esta paisagem não se relaciona com elementos voltados à publicidade ou ao marketing, trata-se de uma criação pertencente a um grupo específico, os grafiteiros. Sendo assim, pode constituir-se em um fenômeno, dotado de uma dimensão espacial e relacionado à prática do habitar a cidade (PONTE, 2020).

O quarto agrupamento mais recorrente neste periódico relaciona-se à “Geografia dos sabores”, temática que investiga aspectos materiais e imateriais relacionados às manifestações e práticas culturais que envolvem os alimentos. Para Holzer:

Pensar em uma geografia dos sabores com certeza demonstra a vontade de se fazer uma ciência com sentido social e humano, preocupada com as pessoas e não com os objetos, voltada para o sentido de pertencimento que todo cientista deveria procurar no mundo vivido (HOLZER, 2012, p. 69).

Nesse sentido, a investigação de Gratão (2014) discute sobre esta possibilidade de estudo, especificamente sobre sabor e paisagem. Para isso, a autora estuda um fruto característico do Cerrado brasileiro e muito utilizado na culinária sertaneja, o pequi, considerando-o como uma “expressão de paisagem, de lugar e de pessoas” (GRATÃO, 2014, p. 7).

Encerrando esta seção destinada aos temas, têm-se os agrupamentos “Educação” e “Religião”. Sobre Educação, destacam-se os trabalhos de Santos (2013) e Risso (2020), o primeiro apresenta mapas mentais do percurso de casa, criados por alunos(as) de uma escola periférica da cidade de São Paulo, enquanto o segundo realiza uma investigação sobre as vivências ambientais de alunos(as) do curso de Geografia da UNESP, em uma comunidade quilombola de Cananeia (SP). Em relação à Religião, encontra-se a pesquisa de Xavier (2015), que estuda o Ticumbi, prática específica de congo vinda do norte do estado do Espírito Santo.

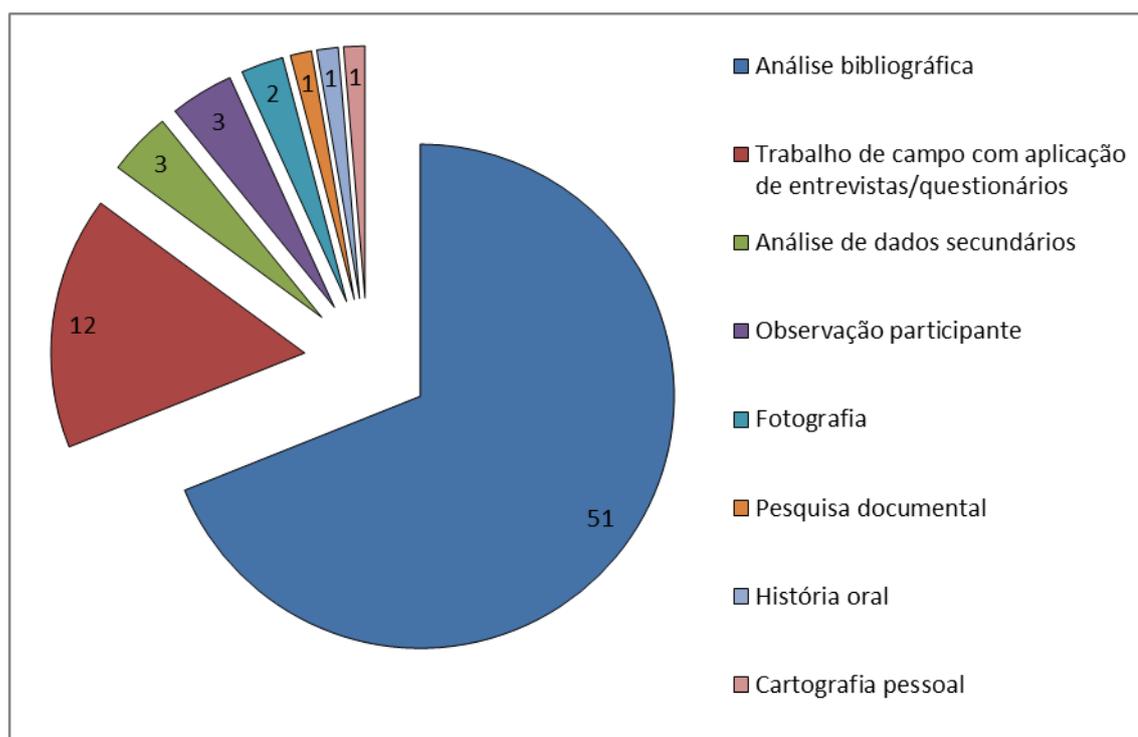
Além dos agrupamentos temáticos, foram encontrados nos artigos deste

periódico diferentes técnicas de pesquisa e escalas de estudo. Na continuidade do texto serão apresentados os resultados obtidos referentes a estes conteúdos.

4.3.2 Técnicas de pesquisa e escalas

Tal como nos periódicos analisados anteriormente, encontrou-se, na revista Geograficidade, diversidade em relação à utilização de técnicas de pesquisa (Figura 18). Também de forma semelhante às análises anteriores, apareceram técnicas de pesquisa comuns, como a análise bibliográfica e o trabalho de campo, e novas possibilidades para pesquisa geográfica, como a história oral e a cartografia pessoal.

Figura 18 - Técnicas de pesquisa utilizadas nos artigos analisados, na revista Geograficidade (2011-2020).



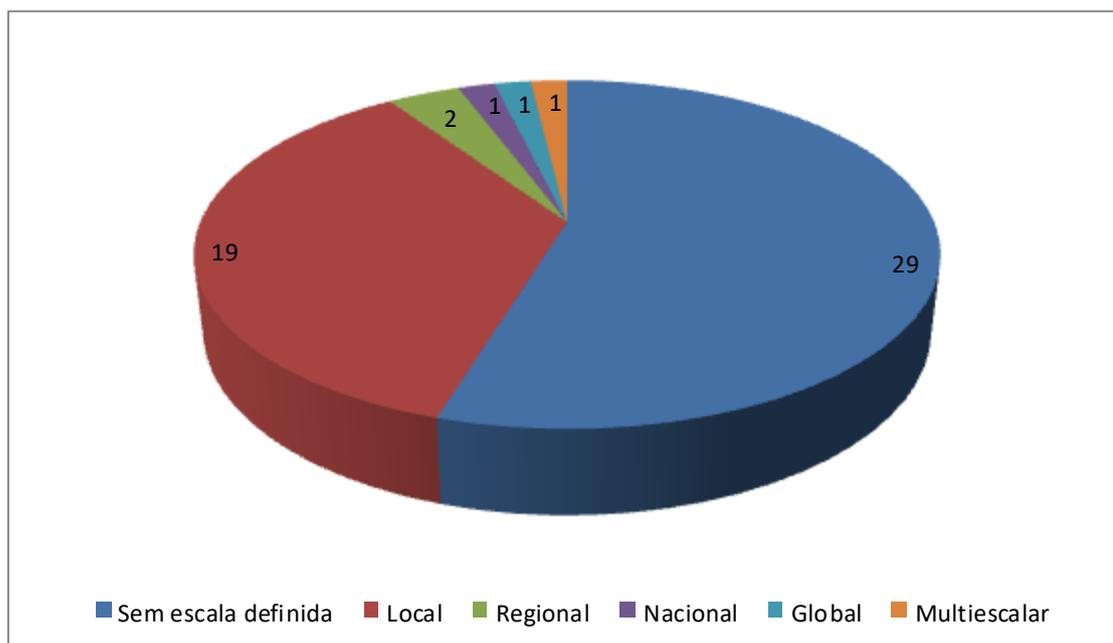
Organização: Felipe da Silva Vieira.

Com 68,92% tem-se a análise bibliográfica sendo utilizada entre as publicações, este elevado número pode ser explicado pela intenção do periódico de divulgar teorias e reflexões relacionadas à geografia humanista. Em seguida, com 16,22%, aparece o trabalho de campo acompanhado de entrevistas abertas/semiestruturadas ou questionários.

Possuindo menor porcentagem, aparecem a análise de dados secundários e a observação participante com 4,05% cada. Por sua vez, com 2,70% no total das técnicas de pesquisa, encontrou-se a utilização de fotografias na metodologia de investigação. Por fim, com 1,35% cada, tem-se a pesquisa documental, história oral e cartografia pessoal, esta última sendo “a combinação narrativa da história de vida e trajetória migratória do conversante ao seu mapa mental da cidade” (PAULA, 2012, p. 29).

Sobre as escalas de estudos verificadas (Figura 19), percebe-se a escala local sendo frequentemente estudada, com 35,85%. A escala regional aparece com 3,77%, enquanto as escalas Nacional, Global e Multiescalar com 1,89% cada. Os trabalhos que não possuem escala de estudo definida completam a porcentagem com 54,72%.

Figura 19 - Escalas de estudo dos artigos analisados, na revista Geograficidade 2011-2020.



Organização: Felipe da Silva Vieira.

O trabalho de Kalil (2016) estuda o município de Andradas, no sul de Minas Gerais, tendo como interesse o modo que os produtores de uva e vinho desta localidade se relacionam com este trabalho e tudo que o envolve. A autora parte da investigação da percepção das experiências, do contato com pessoas e com os

lugares. Outro artigo que abrange a escala local é o de Costa, Silva e Santos (2018), o trabalho procura distinguir o processo de dispersão urbana no bairro de Campo Grande, no Rio de Janeiro. A análise é delimitada a partir dos anos 1990, considerando a ocupação do solo e a importância do acesso às unidades habitacionais - provenientes de investimentos do governo federal, especificamente do programa “Minha Casa, Minha Vida” - existentes entre o centro e a periferia do bairro.

No que se concerne à escala regional, destacam-se os trabalhos, aqui já citados, de Rocha (2011) e Holzer (2012). Como visto, Rocha (2011) alcança a escala regional investigando a relação literatura e cacau no sul da Bahia, enquanto Holzer (2012), valendo-se da Geografia dos sabores, estuda a região costeira do estado do Rio de Janeiro ao procurar compreender a cultura caiçara e as comunidades pesqueiras tradicionais que ali existem.

A escala nacional aparece no trabalho de Gratão (2014), ao estudar a relação cerrado, cultura e pequi. Sobre a escala global, apresenta-se a pesquisa de Arroyo (2015), que utiliza grandes centros da América Latina para propor reflexões sobre o conceito de paisagem e espaço público. Por fim, abrangendo a escala local e regional, Palhares (2014) parte da comunidade rural da Inhaúma, situada no município mineiro de São João da Lagoa, para compreender a produção da rapadura, fazer cultural que existe nesta comunidade e em diferentes regiões do estado de Minas Gerais.

Para a continuidade das análises deste periódico, mostra-se na próxima seção uma discussão referente às conceituações de paisagem existentes em algumas das publicações selecionadas. Por fim, na última seção, encontra-se a identificação da dimensão espacial destas publicações.

4.3.3 A conceituação de paisagem

As definições do conceito de paisagem nos trabalhos estudados do periódico Geograficidade, assim como nos periódicos anteriores, consideraram as dimensões materiais e imateriais da cultura. Contudo, percebe-se nestes trabalhos maior aproximação com a geografia humanista, considerando o estudo da percepção da paisagem a partir do visível, do som e do sabor.

Lemos e Dantas (2020, p. 248) afirmam que “a paisagem do ponto de vista

fenomenológico está entre o ver, o ser e o sentir, envolto nos aspectos materiais e simbólicos, nas sensibilidades e subjetividades que se realizam pelo mundo”. Refletindo sobre estas percepções, especificamente sobre a sonoridade, Torres (2018) apresenta as ideias de Raymond Murray Schafer, músico e teórico que investiga o som dos lugares e paisagens. De acordo com Torres (2018, p. 142):

A paisagem é uma categoria de análise de estudo do espaço que se relaciona às experiências dos indivíduos. Contém a materialidade sensível dos objetos dispostos no espaço, e os significados e sentidos simbólicos que lhes são atribuídos pelas pessoas (2018, p. 142).

Nesse sentido, ao considerar o pensamento de Schafer (2001), aparece em destaque a paisagem sonora. Esta paisagem seria o equivalente a todos os sons de determinado ambiente, independente de sua origem e natureza. A aplicação deste entendimento sobre paisagem pode se dar na investigação da diferenciação entre os lugares, como a paisagem sonora rural (com sons que se aproximam da natureza) e a paisagem sonora do urbano (com sons que refletem criações antrópicas). Em qualquer caso, tem-se, através do som, a marca dos grupos sociais que ocupam determinado espaço. Um som pode existir em uma localidade e ser totalmente irreconhecível em outra, mostrando-se também como um aspecto de uma comunidade ou grupo social (TORRES, 2018). Em relação a isso o autor continua:

Os sons da paisagem são culturais, pois refletem a identidade do lugar e de seus habitantes. Os sons dos animais e dos fenômenos da natureza não se repetem em todos os lugares da mesma forma. Os sons do trânsito possuem, além dos sons dos motores, códigos que são específicos em cada grupo social: as buzinas podem soar como algo agressivo em uma localidade, enquanto em outra podem ser encaradas de maneira natural; sons da construção civil podem ser tolerados até tarde da noite em algumas localidades, enquanto em outras são estabelecidas leis ou normas para que não ultrapassem os horários comerciais. Assim, os sons das paisagens apresentam especificidades dos lugares. (TORRES, 2018, p. 147-158).

Desta forma, percebe-se, a partir do entendimento do som, uma possibilidade de utilização e reflexão referente ao conceito de paisagem. O trabalho de Gratão (2012) explora a paisagem relacionando-a com as ideias de Bachelard e tendo como interesse o entendimento do lugar que o sabor ocupa no conhecimento geográfico. Para a autora, “a paisagem é, ao mesmo tempo, impressão e expressão. Tem (suas) mensagens – cor, cheiro, som, sabor. A paisagem se põe nas relações

intersubjetivas. É ela, produtora de significados” (GRATÃO, 2012, p. 34). Assim sendo, as reflexões deste artigo seguem no sentido de atrelar o sabor não apenas ao simples ato de se alimentar, mas ao próprio sentido de paisagem, ou seja, o alimento, seja ele qual for, evoca a memória e desperta lembranças (GRATÃO, 2012).

Em relação a este assunto, vale ressaltar o texto de Holzer (2014), o autor concorda que o alimento vai além de uma necessidade básica, estando atrelado às raízes de uma cultura, por meio da culinária, cultivo, pesca ou pecuária. O sabor pode refletir as mudanças provocadas por alterações geográficas e culturais em determinado espaço ou grupo, interferindo diretamente na paisagem. Em outro trabalho aqui analisado e citado anteriormente, Holzer (2012) estuda o alimento a partir da pesquisa sobre comunidades tradicionais, apontando uma possível relação entre este fenômeno e a paisagem cultural:

Existe a possibilidade de se tratar da paisagem cultural a partir dos artefatos produzidos por essas comunidades tradicionais, e que qualificam a paisagem, como a casa, sua implantação no assentamento, seus campos de cultivo, seus portos de pesca, e a paisagem natural, preservada pelo instrumento legal mais adequado para cada caso, com o patrimônio imaterial, relacionado com o conhecimento de como fazer a casa, como cultivar os campos, como capturar o peixe e de como preparar os alimentos, ou seja, como tornar a paisagem natural em hábitat a partir de um manejo adequado dos recursos disponíveis (HOLZER, 2012, p. 74).

Deste modo, percebe-se, através do movimento humano e das diferentes culturas existentes, possibilidades de se compreender as nuances do conceito de paisagem, entre o natural e o cultural. Para Arroyo (2015) estas novas formas de olhar para o conceito aparecem devido à introdução da fenomenologia. Tendo em vista o mundo vivido, a paisagem deixa de ser apenas um recorte da realidade física, assim como não é mais apenas uma moldura, dotada de uma dimensão espacial e possível de ser reproduzida por uma pintura ou fotografia. Com a abordagem fenomenológica, o conceito de lugar passa a ser relacionado à interpretação e valorização da paisagem.

Al hacerlo, prevalecen las experiencias perceptivas y las imágenes mentales que provocan (paisajes sonoros, olfativos). Junto al geógrafo, el artista o el cronista, otros sujetos son enunciadores del paisaje que pasa a ser una producción antes que una externalidad susceptible de una percepción extática. La legitimidad del paisaje está en manos de los individuos y no sólo en los especialistas responsables de estudiar, representar o describir un

paisaje. Son los habitantes del paisaje (comunidades, grupos sociales) quienes los designan en la medida en que habitan y lo hacen toda vez que se seleccionan elementos significativos del entorno y lo integran en un bloque entre objetivo y emocional (ARROYO, 2015, p. 33).

Assim como se pode estudar a paisagem levando em consideração os diferentes sentidos, sua própria produção pode encontrar-se atrelada a fenômenos diversos. Ao explorar teorias que consideram a relação graffiti, pichação com a arte, movimentos de resistência e paisagem urbana, Caetano (2017) traz reflexões sobre um fenômeno comum da paisagem dos centros urbanos do país. Entendendo o graffiti e a pichação como formas de manifestação da arte urbana, o autor infere que existem conflitos de leitura e interpretação destes fenômenos, podendo ser vistos “ora como poluição e degradação visual, ora como humanização e valorização da paisagem urbana” (CAETANO, 2017, p. 78). Esta dualidade nos mostra que as definições daquilo que é visto como arte, bonito ou feio, são frutos de construções sociais suplantadas por valores instituídos por grupos dominantes frente a grupos marginalizados (CAETANO, 2017). Em vista disso, o autor entende que “a paisagem dos centros urbanos exprime conflitos e contradições humanas, da sociedade contemporânea, de forma latente” (CAETANO, 2017, p. 87). Este fenômeno constitui um exemplo entre muitos outros que podem ser estudados por meio deste conceito atrelado à ciência geográfica e ao entendimento do espaço.

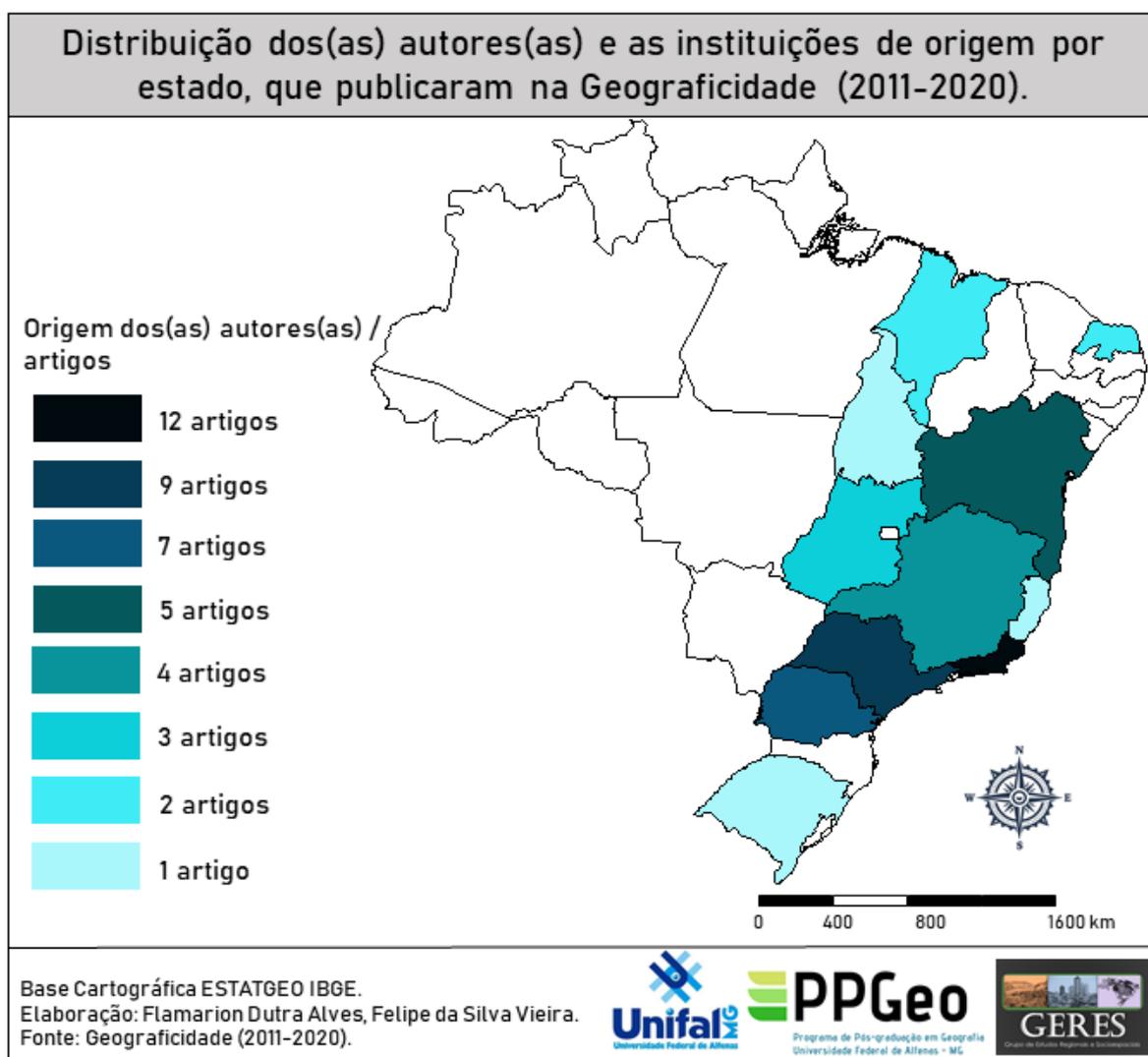
Sendo assim, entende-se que a construção da paisagem se mostra como um reflexo das ações e sentidos humanos. Esta paisagem também produz diferentes formas de vivências e, conseqüentemente, de existir no espaço, pois “a paisagem geográfica desdobra-se e abre-se para além daquilo que eu vejo; dessa forma, não se tem uma paisagem única e coisificada, e sim leituras de paisagens, interpretações da paisagem em uma perspectiva ampla” (CASTRO, 2015, p. 40). Considerando a diversidade cultural existente no mundo, concorda-se, portanto, com Gratão (2012, p. 39) quando a autora afirma que “a paisagem vivida por uma pessoa integra-se à sua existência e torna-se parte dela”.

4.3.4 A dimensão espacial das publicações em análise

Finalizando a discussão referente ao periódico Geograficidade, têm-se as análises voltadas para a dimensão espacial (Figura 20). Assim como no periódico

Espaço e Cultura, os trabalhos analisados nesta seção foram publicados, em sua maioria, apenas por um autor(a) (90,57%), nos casos de coautoria (9,43%) os autores(as) encontravam-se filiados(as) à mesma instituição. Deste modo, no momento de elaboração do mapa, foi possível associar cada artigo publicado a apenas uma instituição de ensino.

Figura 20 - Distribuição dos(as) autores(as) e as instituições de origem por estado, que publicaram na Geograficidade (2011-2020).



Fonte: Geograficidade (2011-2020).

Sobre as instituições de ensino brasileiras (Quadro 6), neste periódico, destaca-se o estado do Rio de Janeiro com 22,64% das publicações. Na sequência, encontram-se os estados de São Paulo (16,98%), Paraná (13,21%), Bahia (9,43%),

Minas Gerais (7,55%) e Goiás (5,66%).

Quadro 6 - Distribuição das instituições de ensino brasileiras por estado e número de artigos no periódico Geograficidade (2011-2020).

Instituição de ensino	Estado	Artigos
Universidade Federal Fluminense (UFF)	RJ	9
Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)	MG	4
Universidade Federal de Goiás (UFG)	GO	3
Universidade Federal de Londrina (UEL)	PR	3
Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP)	SP	3
Universidade Estadual Paulista (UNESP)	SP	3
Universidade Federal do Maranhão (UFMA)	MA	2
Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ)	RJ	2
Universidade Federal da Bahia (UFBA)	BA	2
Universidade Federal do Paraná (UFPR)	PR	2
Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)	RN	2
Universidade Paulista (UNIP)	SP	1
Instituto Federal da Bahia (IFBA)	BA	1
Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC)	BA	1
Universidade Federal do Espírito Santo (UFES)	ES	1
Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)	RJ	1
Universidade de São Paulo (USP)	SP	1
Universidade Estadual do Paraná (UEPR)	PR	1
Universidade do Estado da Bahia (UNEB)	BA	1
Universidade Federal do Tocantins (UFT)	TO	1
Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG)	PR	1
Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)	RS	1

Fonte: Geograficidade (2011-2020).

Com 3,77% cada, destacam-se os estados do Maranhão e Rio Grande do Norte, enquanto com 1,89% cada aparecem os estados de Tocantins, Espírito Santo e Rio Grande do Sul. Fora estes estados, aparecem um autor associado à Faculdade Anhanguera (não especificando o estado) e outro sem filiação

institucional, somando 1,89% cada. Além das instituições brasileiras, ocorreram a presença de 5 artigos, ou 9,43%, advindos de instituições de ensino estrangeiras.

Em relação ao gênero dos(as) autores(as) que publicaram os artigos aqui analisados (Figura 21), constatou-se 28 participações de mulheres e 26 de homens. Assim como nos periódicos anteriores este número é referente aos casos de autoria única e coautoria.

Figura 21 - Autores(as) por gênero que publicaram sobre paisagem no periódico Geograficidade entre 2011 e 2020.



Fonte: Geograficidade (2011-2020).

Identifica-se, a partir dos dados, o alcance a diferentes estados e instituições de ensino por parte dos trabalhos analisados deste periódico. Além disso, pode-se atrelar a presença marcante do estado do Rio de Janeiro e da Universidade Federal Fluminense (UFF) à associação da revista com esta instituição, considerando também o Grupo de Pesquisa Geografia Humanista Cultural (GHUM).

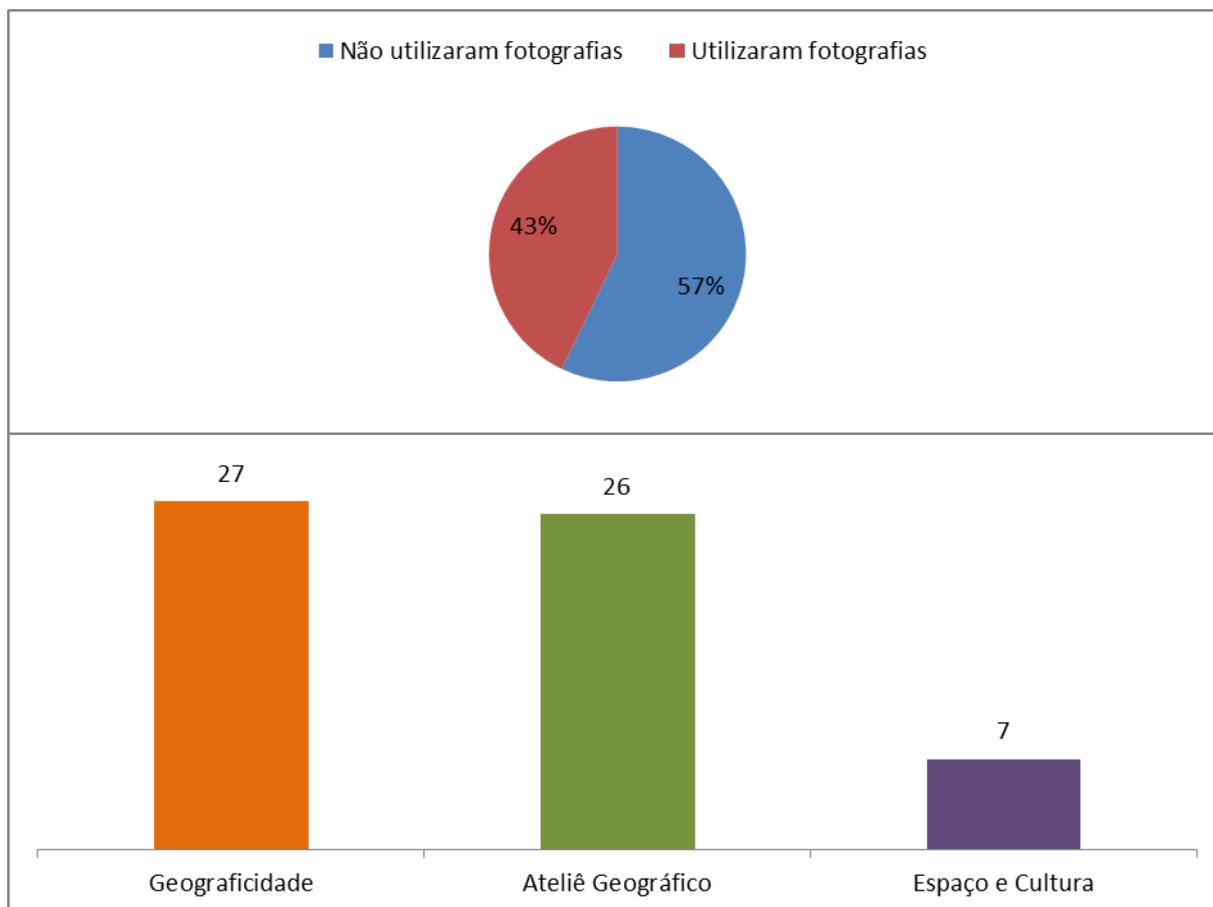
Com as análises deste periódico, conclui-se, portanto, os resultados desta parte da pesquisa. Para a continuidade, apresenta-se o quinto capítulo destinado ao entendimento do uso de fotografias nos trabalhos que foram selecionados e às reflexões teóricas sobre o uso da imagem. Por fim, têm-se as considerações finais.

5 GEOGRAFIA, PAISAGEM E FOTOGRAFIA: O USO DE REGISTROS FOTOGRÁFICOS NOS ARTIGOS EM ANÁLISE

O presente capítulo destina-se aos resultados referentes ao uso de fotografias nos trabalhos analisados por esta pesquisa. Deste modo, inicialmente, serão apresentados os dados referentes à utilização de registros fotográficos nos trabalhos dos periódicos selecionados. Além disso, em uma seção particular, serão feitas reflexões relacionadas ao uso da fotografia nas pesquisas em geografia cultural e ciência geográfica.

No total, dos 141 artigos selecionados para as análises deste trabalho, 60 utilizaram fotografias. Deste número, 27 artigos são referentes ao periódico Geograficidade, 26 ao Ateliê Geográfico e 7 à revista Espaço e Cultura, como é possível visualizar na Figura 22.

Figura 22 - Uso de fotografias nos trabalhos analisados.



Fonte: Geograficidade (2011-2020), Ateliê Geográfico (2007-2020), Espaço e Cultura (2001-2020).

Os trabalhos do periódico *Geograficidade* compreendem 45% do número total dos artigos que fizeram uso de imagens fotográficas. Dos 27 artigos desta revista, 25 utilizaram os registros fotográficos como forma de ilustrar características ou resultados do estudo em questão, como: ilustração de paisagens, *frames*¹³ de filmes e registros de mapas mentais. Além disso, destacam-se os trabalhos de Lemos e Dantas (2020) e Furlanetto (2016), que utilizaram a fotografia como elemento central no desenvolvimento das pesquisas. As primeiras autoras utilizam da fotografia enquanto técnica de pesquisa para a realização de um percurso fenomenológico pela paisagem da cidade do Natal, no Rio Grande do Norte (Figura 23).

Figura 23 - Fotografia analógica da cidade do Natal-RN.



Fonte: Lemos e Dantas (2020, p. 252).

Deste modo, com o uso da fotografia analógica, as autoras desvendam as formas concretas da cidade, também carregadas de subjetividade pelas ações do

¹³ Cada uma das imagens fixas de determinado produto audiovisual, podendo ser entendido também como quadro de vídeo.

cotidiano. De acordo com elas:

As fotografias capturam o efêmero, o congelam para ser visto novamente, para junto da palavra descrever as percepções que envolveram o momento, o arranjo do espaço investido do cenário capturado pelo meu olhar. A subjetividade enlaça uma carga simbólica e experiencial individual, porém, ao mesmo tempo coletiva, ao estar aberta aos outros, notando-os enquanto permanecem estáticos destinando atenção ou desviando o olhar para as cenas que seguem na rua, e especialmente na conversa com o compartilhamento de percepções, pensamentos, histórias e vivências dos moradores da Região Norte. (LEMOS; DANTAS, 2020, p. 251).

Para a composição deste percurso fenomenológico, Lemos e Dantas (2020) também aderem a mapas mentais e ensaios poéticos a partir das trajetórias geográficas ali vividas. Já Furlanetto (2016), ao investigar os significados atribuídos pelos sujeitos à cidade de Antonina (PR), realiza registros fotográficos como estratégia de investigação nos trabalhos de campo, para obter “subsídios para apreensão da dimensão simbólica da paisagem cultural local” (FURLANETTO, 2016, p. 46).

Por sua vez, os artigos da revista *Ateliê Geográfico* representam 43,33% do total dos trabalhos que utilizaram imagens fotográficas. Destes 26 artigos do periódico, 22 utilizaram a fotografia como elemento ilustrativo para os estudos que realizaram. Sendo assim, estes trabalhos valeram-se das imagens para demonstrar diferentes paisagens, assim como filmes e jogos de videogame. Entre os trabalhos que fizeram reflexões sobre o uso da fotografia, destacam-se os artigos de Melo (2008), Pabón (2009) e Carrera e Mirabet (2013).

O trabalho de Melo (2008), já citado no capítulo anterior, parte da análise do acervo fotográfico de José Modesto de Azevedo, conhecido popularmente como Zé Boinho, para realizar uma leitura da paisagem urbana de Jardim do Seridó (RN). A autora compreende a imagem fotográfica deixada por este fotógrafo como “um dispositivo de memória espacial, é um poderoso integrante cultural, que aloja uma multiplicidade de informações, e que comunica através de simultâneos cortes o tempo e espaço” (MELO, 2008, p. 86-87). Desta forma, é possível desvendar interpretações sobre a paisagem desta cidade, em determinado espaço-tempo, considerando as imagens (Figura 24).

Figura 24 - Rua do município Jardim do Seridó (RN), pelo olhar de José Modesto de Azevedo.



Fonte: Melo (2008, p. 97).

No trabalho de Melo (2008), a fotografia se mostra como possível elo histórico-geográfico na constituição de interpretações acerca de determinada localidade. Para a autora:

A imagem da paisagem registrada pela fotografia é uma leitura fragmentada da experiência humana no espaço, leitura essa que promove outras leituras. Ela [a paisagem] não é natural, não é natureza, é antes resultado da acumulação de interpretações, de leituras do mundo, de campos imaginários de sentidos. A paisagem da cidade é parte e parcela das ações direcionadas pelos agentes públicos, pelos sujeitos que tecem suas relações na frivolidade das inclusões/exclusões que anima as estratégias do social. E o fotógrafo se mostra como escritor, que elabora sua versão sobre os elementos que possibilitam interpretar os campos imaginários que a integra. (MELO, 2008, p. 86).

No que lhe concerne, o artigo de Pabón (2009), exhibe uma interpretação geográfica sobre os processos de exclusão social presentes nas periferias urbanas dos municípios intermediários da Colômbia, tendo como ponto de partida o município de Pereira. Entre os recursos de investigação, o autor vale-se de imagens fotográficas aéreas para identificar a transformação espacial provocada por este

fenômeno. Nesse mesmo sentido, Carrera e Mirabet (2013) utilizam fotografias como documento histórico que possibilita o entendimento do processo de construção das centrais hidrelétricas da Cataluã.

Por último, têm-se os trabalhos que utilizaram fotografia no periódico Espaço e Cultura, representando 11,67% do total daqueles que fizeram uso das imagens fotográficas. Dos 7 artigos oriundos desta revista, percebeu-se que 5 recorreram às imagens fotográficas como forma de ilustração dos estudos, trazendo paisagens ou filmes em análise. Já os trabalhos de Miranda e Egler (2013) e Vasconcelos e Maciel (2016) serviram-se da fotografia para a construção de suas metodologias de investigação.

Miranda e Egler (2013), ao investigarem as representações lusas existentes na paisagem de Cametá, município do estado do Pará, utilizam, especificamente de oito fotografias feitas no município entre 2004 e 2005, como “suporte do registro imagético” (MIRANDA; EGLER, 2013, p. 149). A partir destes registros as autoras realizam o estudo dos símbolos ali existentes, entendendo a paisagem - e conseqüentemente a fotografia, enquanto representação desta - como texto passível de leitura. Por sua vez, Vasconcelos e Maciel (2016) realizaram reflexões sobre os becos do Centro Histórico do Recife (PE) (Figura 25).

Figura 25 - Diferentes campos de visões dos becos do Centro Histórico de Recife (PE).



Fonte: Vasconcelos e Maciel (2016, p. 132).

Tendo como fundamento a produção de fotografias autorais para a

composição da investigação, autora e autor entendem a fotografia como “um dispositivo e suporte concreto que provoca questionamentos sobre a relação entre perceber e produzir imagens do mundo” (VASCONCELOS; MACIEL, 2016, p. 118). Nesse sentido, não se restringem apenas a fotografias verticais, explorando também o visível a partir dos ângulos horizontais e, trazendo, a partir dos registros fotográficos, interpretações sobre o lugar investigado.

Ante o exposto, percebe-se que a maioria dos trabalhos em análise, que fizeram uso de imagens fotográficas, abordaram a fotografia apenas como elemento visual, não refletindo ou integrando-a diretamente à metodologia da pesquisa. Por outro lado, foi possível visualizar algumas pesquisas que fizeram discussões sobre o uso da imagem. Entende-se que o uso de fotografias pode ser benéfico para as investigações geográficas se pensado e incorporado de forma intencional na construção dos trabalhos, para além da ilustração. Sobre este assunto, serão feitas algumas reflexões na seção que se segue, visando discutir sobre o uso das imagens nos trabalhos voltados para a geografia cultural e ciência geográfica.

5.1 REFLEXÕES SOBRE O USO DE FOTOGRAFIAS

Nesta seção do capítulo serão apresentadas algumas ideias de autores(as) que discutem as imagens fotográficas. Importa-se ressaltar que a presente discussão não visa finalizar o assunto, acredita-se que há diferentes possibilidades de se compreender o uso da imagem, sendo, portanto, importante obter conhecimento sobre estes caminhos e entender que estão em constante construção. Deste modo, far-se-á algumas considerações sobre modos de compreensão do uso de fotografias.

Em livro onde realiza reflexões sobre o papel da fotografia ao longo do tempo, Susan Sontag (2004) considera que as fotos são capazes de alterar e ampliar nossas noções referentes ao ato de olhar, ou seja, “constituem uma gramática e, mais importante ainda, uma ética do ver” (SONTAG, 2004, p. 13). Nesse sentido, o ato de fotografar refere-se à apreensão daquilo que está sendo fotografado. A fotografia, fornecendo testemunho, comprova a ocorrência de determinado evento e se aproxima da realidade (SONTAG, 2004). A autora ressalta que, mesmo se aproximando daquilo que é real, as fotos não se distanciam de filtros e padrões culturais, pois:

Ao decidir que aspecto deveria ter uma imagem, ao preferir uma exposição a outra, os fotógrafos sempre impõem padrões a seus temas. Embora em certo sentido a câmera de fato capture a realidade, e não apenas a interprete, as fotos são uma interpretação do mundo tanto quanto as pinturas e os desenhos. Aquelas ocasiões em que tirar fotos é relativamente imparcial, indiscriminado e desinteressado não reduzem o didatismo da atividade em seu todo. Essa mesma passividade - e ubiquidade - do registro fotográfico constitui a “mensagem” da fotografia, sua agressão. (SONTAG, 2004, p. 17).

Portanto, ao capturar um momento, evento ou paisagem, o(a) fotógrafo(a) captura também sua interpretação a respeito daquilo que está sendo capturado, ao mesmo tempo em que, a partir desta ação, fornece possibilidades de outras interpretações para quem encontra a fotografia final. De acordo com Oliveira Jr. (2009, p. 17) no mundo atual “as imagens constituem muito do que nos educa os olhos e muito do que temos disponível para educarmos a nós próprios e aos nossos próximos e distantes estudantes acerca do espaço geográfico”. Desta maneira, a partir do registro e da difusão das imagens fotográficas, ocorre uma transmissão de saber relacionado à determinada paisagem ou espaço, podendo a imagem constituir-se em fator relevante para o processo de pesquisa.

Gomes e Ribeiro (2013), em artigo onde discutem a produção de imagens para a pesquisa em Geografia, delimitam duas principais orientações para esta discussão. A primeira orientação é relativa aos estudos que “examinam pinturas, desenhos, fotografias, filmes, mas também mapas, cartogramas, gráficos etc., e procuram reconhecer a autoridade pedagógica e de comunicação desses instrumentos e meios” (GOMES; RIBEIRO, 2013, p. 28). Nesses casos, não são atribuídos à criação das imagens nenhuma relação com a construção própria do conhecimento geográfico, sendo o seu papel meramente ilustrativo. A segunda orientação compreende a ideia de que o ato de criar imagens relaciona-se diretamente com a construção do conhecimento geográfico, “a principal finalidade é compreender como se desenvolve uma reflexão a partir das imagens ou junto com elas” (GOMES; RIBEIRO, 2013, p. 28). Esta última orientação é a que se encontra em destaque neste trabalho.

Considerando o contexto existente no processo de criação de imagens, Hollman (2014) propõe um itinerário metodológico para análise e entendimento desta construção a partir de três dimensões, sendo elas: o suporte físico, o ambiente linguístico e a composição. A primeira está relacionada aos ambientes materiais que

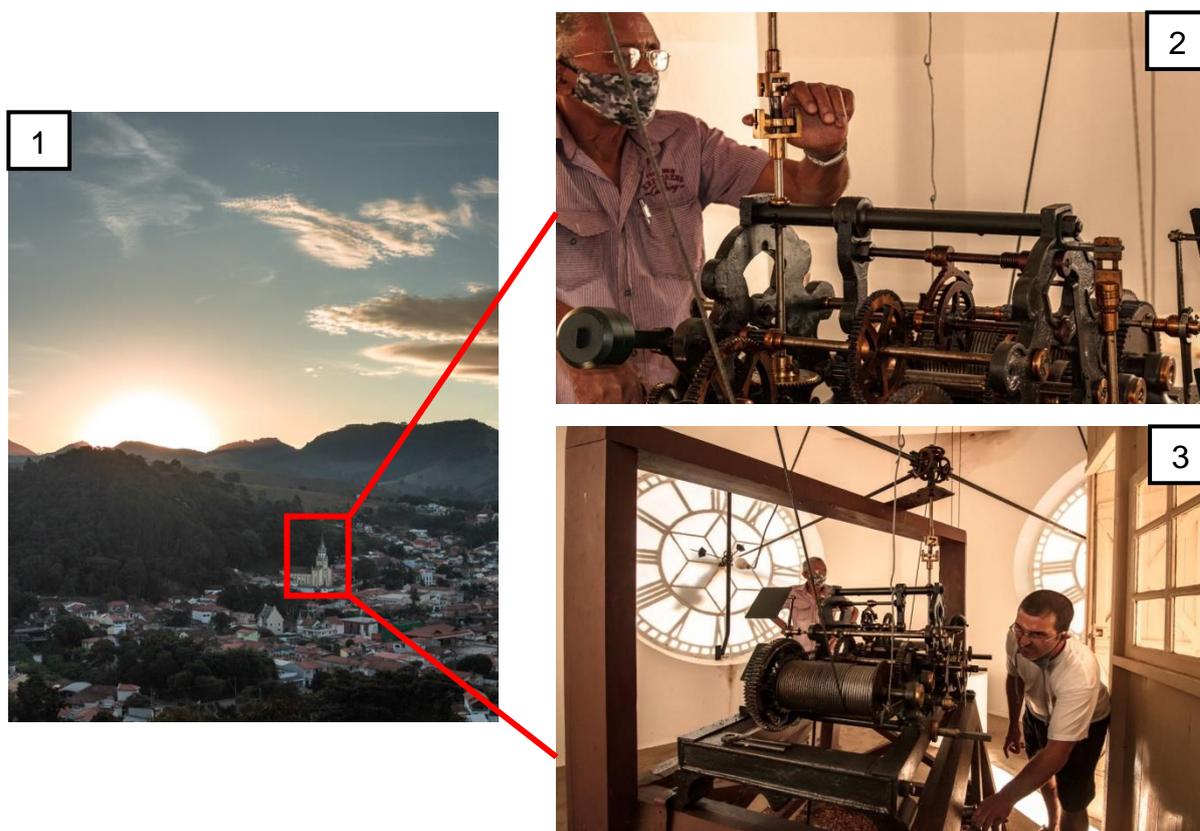
constituem o suporte físico para as imagens, como: livros, revistas, exposições, redes sociais, entre tantos outros. Este suporte “al delinear el pacto de comunicación entre la imagen y su audiência, define el estatus y la verosimilitud de los registros visuales” (HOLLMAN, 2014, p. 62). Nesse sentido, a imagem será transmitida de acordo com as características de determinado suporte físico. Já o ambiente linguístico é composto pelos textos que envolvem a imagem, oferecendo um modo de olhar e interpretar determinado registro visual. Por último, a composição refere-se à rede de palavras e imagens que se relacionam a uma imagem específica, formando uma montagem que une e tece um discurso.

Es cierto que la producción y circulación de cada imagen requiere el dominio de una serie de destrezas que configuran decisiones técnicas. Pero los sentidos que assume la imagen no se agotan allí: hacer y mirar las imágenes constituyen prácticas sociales que se construyen desde sus soportes físicos (com todas las particularidades que esto impone), com las palabras y en diálogo con otras imágenes. (HOLLMAN, 2014, p. 78).

A autora não exclui o fato de que, no processo de construção visual, torna-se preciso obter conhecimento de aspectos e decisões técnicas. Por outro lado, é preciso ter em mente que este procedimento não se refere apenas aos instrumentos tecnológicos, constituindo-se em prática social circundada por dimensões particulares. Esta ideia relaciona-se - como visto anteriormente no segundo capítulo desta dissertação - com o pensamento de Kossoy (2020), que entende a constituição da fotografia a partir de três elementos processuais, sendo eles: o assunto, o(a) fotógrafo(a) e também a tecnologia utilizada.

Um pesquisador(a) ao fazer um registro evidencia, propositalmente, aquilo que muitas vezes encontra-se escondido, uma vez que “na visão fotográfica, mostrar algo, seja o que for, é mostrar que isso está oculto” (SONTAG, 2004, p. 137). Sendo assim, ao considerarmos a dimensão social e cultural da criação de fotografias, percebe-se a intenção desta atividade e a possibilidade de seu uso ir além da ilustração, podendo servir de suporte para a pesquisa geográfica (Figura 26). Na figura a seguir, apresenta-se um exemplo de utilização de imagens fotográficas. Estas imagens foram feitas no mês de fevereiro do ano de 2021 e enfatizam um símbolo da paisagem do município de Passa Quatro, localizado no sul de Minas Gerais.

Figura 26 - Fotografias da paisagem do município de Passa Quatro.



Fonte: Elaborado pelo autor, 2021.

A imagem número 1 representa parte da paisagem do centro urbano do município, com destaque para sua Igreja Matriz, símbolo possível de ser visualizado em diferentes ângulos. Este destaque liga-se às imagens 2 e 3, que representam o mesmo símbolo - desta vez visto de dentro - e evidenciam o momento onde trabalhadores fazem a manutenção de seu relógio.

Além de apresentar, em diferentes escalas visuais, um símbolo que marca esta paisagem, as imagens - e seu processo de construção - podem levantar e auxiliar o entendimento de alguns questionamentos para investigação, como exemplo: De que forma este símbolo relaciona-se com a fé da população local? Qual a relação do som emitido pelo relógio da Igreja Matriz com a paisagem sonora do município? Quais perspectivas e movimentos existentes dentro dos símbolos e construções que formam esta paisagem? Em todo caso, aquilo que se pretende demonstrar aqui, sob a ótica da geografia cultural, é a possibilidade de

apresentação/reflexão sobre uma paisagem por meio de fotografias. Neste caso, apresentando especificamente um símbolo, para além da função ilustrativa, revelando e refletindo sobre aspectos que muitas vezes encontram-se ocultos, propondo e oferecendo interpretações.

O trabalho de Gomes (2017) traz reflexões sobre o conceito de paisagem, sua relação com os quadros geográficos e imagens. Para o autor a paisagem “nos ensina a olhar de outra forma, nos ensina a ver coisas, conteúdos, valores, onde parecia antes nada haver de admirável” (GOMES, 2017, 134). Nesse caso, a paisagem, vista a partir de uma imagem, reflete informações geográficas que constituem cenários de construção para o pensamento geográfico. Sobre isso, concorda-se com o autor quando este afirma que na utilização da imagem “mais do que uma representação, ela poderia ser concebida como uma apresentação de coisas e fenômenos evocados por aqueles que produzem a imagem e oferecidos ao julgamento e à análise daqueles que a examinam” (GOMES, 2017, p. 140).

Gomes (2017) nos apresenta os quadros geográficos como possíveis meios de construção da imaginação geográfica. Para ele, os quadros constituem-se em sistemas de informações geográficas, que existem em diferentes formas, desde uma fotografia até um texto. Relacionando a imagem com um quadro, o autor afirma que “quando falamos em imagens, em quadros, estamos falando de algo que é fruto de escolhas, do arbítrio daquele que os constrói” (GOMES, 2017, p. 138). Nesse mesmo sentido, Branquinho e Bernardes (2020, p. 72) entendem que a fotografia é “uma imagem extraída do real, um recorte deste; portanto, resultado de uma escolha de quem fotografou, que realizou um recorte ou um enquadramento”. Logo, evidencia-se o lugar do(a) pesquisador(a) no momento de construção da imagem fotográfica para determinada investigação.

A partir destas ideias, pode-se identificar, portanto, a relação entre a criação de imagens fotográficas, o conceito de paisagem e a ação do(a) pesquisador(a). Concorda-se com Oliveira Jr. (2008, p. 1239) sobre a importância do(a) pesquisador(a) se atentar às reflexões das imagens a que se dedica, “para que os ecos disso em sua vida pessoal lhe tragam outras imagens que se associem às primeiras e lhe tragam outras possibilidades de entendimento e poesia, outras camadas de sentido, outras ressonâncias culturais”. Deste modo, ao buscar entendimento, refletir sobre aquilo que criamos e compreender nosso lugar neste processo, estamos também a moldar a própria construção do conhecimento.

Por fim, importa-se ressaltar que algumas das sugestões aqui feitas, como na apresentação da Figura 26, relacionam-se com uma visão advinda dos estudos culturais em Geografia. Ainda assim, acredita-se que o uso de fotografias não se restringe à apenas uma vertente de estudo do pensamento geográfico, podendo também ser útil em outras formas de investigação e compreensão do espaço.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No início deste trabalho, destacou-se o surgimento da geografia cultural no Brasil, o envolvimento existente entre os estudos culturais em Geografia com o conceito de paisagem e a possibilidade de relacioná-los com o uso de fotografias nas investigações. Nesse sentido, considerando o início tardio destes estudos em nosso país, a partir dos anos 1990, assim como sua crescente difusão no decorrer do século XXI, foram feitas algumas problematizações que conduziram a realização desta pesquisa.

Em um primeiro momento, realizou-se uma pesquisa bibliográfica acerca da história da geografia cultural e o conceito de paisagem, desde seu surgimento até os dias atuais. No fim do século XIX e início do século XX os estudos sobre a dimensão cultural ganham destaque na Geografia do mundo ocidental, tendo como expoentes países como a Alemanha, França e Estados Unidos. Destaque para os trabalhos dos geógrafos Friedrich Ratzel, Paul Vidal de La Blache e Carl Sauer. Com uma visão tradicional dos estudos geográficos, estes autores iniciam as reflexões sobre cultura levando em consideração seus aspectos materiais e descritivos, cercados por visões deterministas, possibilistas e influenciados pelo positivismo marcante da época. Neste período, durante um tempo, o conceito de paisagem foi considerado como sendo o objeto de estudo da ciência geográfica, sendo abordado em sua materialidade, entendido de forma estática, a partir das técnicas, habitações e artefatos existentes nas culturas.

No fim da segunda metade do século XX os estudos sobre cultura decaem no cenário científico geográfico, assim como o conceito de paisagem. A geografia teórica ou quantitativa começa a ser estudada entre geógrafos(as), assumindo destaque até os anos 1960/1970, momento este onde ocorre a renovação da geografia cultural. Com a necessária intenção de superar a visão tradicional que marcou o início da dimensão cultural na Geografia, estes novos estudos começam a investigar não apenas a materialidade, mas também a imaterialidade existente na cultura. Aproximando-se de novos métodos, como a fenomenologia, hermenêutica e o materialismo histórico e dialético, a renovação da geografia cultural é marcada por um interesse nos processos e subjetividades existentes nas manifestações culturais. O conceito de paisagem passa a ser visto não apenas através daquilo que está fixo,

sem movimento, mas também a partir do simbolismo e significações que os sujeitos atribuem, experienciam e vivenciam em suas culturas.

Diante do entendimento deste percurso, tornou-se possível a realização da investigação inicialmente proposta. Entende-se que, para se estudar as vertentes da História do Pensamento Geográfico, é necessário a compreensão histórica, que envolve os(as) principais autores(as), concepções filosóficas, métodos e técnicas que estão sendo, foram ou podem ser marcantes para determinado período do tempo humano.

Antes de traçar um panorama e discutir aquilo que foi encontrado no percurso das análises dos periódicos, considera-se preciso ressaltar a relevância destes para a divulgação acadêmica. Estes periódicos constituem-se em meios de difusão do conhecimento importantes para a continuidade do fazer científico, dentro de qualquer ciência. Com o avanço da internet e da tecnologia, a convergência a estas revistas tornou-se mais viável. Além disso, entende-se que o crescimento das instituições públicas de ensino no país, assim como acesso digno ao ensino que estas oferecem, contribuem diretamente para a construção e manutenção destes meios. Nesse sentido, o investimento em educação e ciência, por parte do Estado, é fundamental para a construção do conhecimento e consequente desenvolvimento da sociedade.

Dito isto, a partir das análises dos periódicos Espaço e Cultura, Ateliê Geográfico e Geograficidade, percebeu-se a geografia cultural em ascensão no Brasil. Importa-se ressaltar que a maior parte dos trabalhos que foram investigados nesta pesquisa não discutiram a questão do método utilizado, desta forma foram feitas associações a partir da proximidade temática. Considera-se aqui importante a discussão acerca do método, uma vez que pode clarificar questões sobre o processo de construção da pesquisa.

Foi possível visualizar, junto dos três periódicos estudados, o elevado número de artigos preocupados em estabelecer as bases epistemológicas para esta vertente na Geografia brasileira, através de produções Teórico-Metodológicas. Entende-se que estas produções, abarcando traduções de textos clássicos, proposições para futuras análises e associações com outras áreas do conhecimento, trouxeram contribuições relevantes para a estruturação da geografia cultural no Brasil no decorrer do século XXI. Este movimento também reflete a busca por suprir o início tardio sobre estes estudos em terras brasileiras.

Ademais, foi possível identificar o aumento de investigações sobre diferentes temáticas que passaram a ser trabalhadas dentro da Geografia, como: música, cinema, religião, sabor e turismo. Neste trabalho, entende-se que o interesse por estes temas acrescenta à compreensão das diferentes espacialidades e formas de apreensão da cultura, contribuindo para uma ciência geográfica cada vez mais inclusiva. A aproximação com outras áreas do conhecimento, como a Fenomenologia, Hermenêutica, Sociologia e Antropologia se mostra benéfica nesse sentido.

Ainda sobre estes aspectos, destacaram-se também as técnicas de pesquisa encontradas nas análises aqui realizadas. Mesmo com predominância das análises bibliográficas, identificaram-se novas técnicas de pesquisa para a Geografia, como a observação participante, história oral, análise do discurso e o uso de fotografias. Acredita-se que a geografia cultural renovada, por procurar romper com o positivismo que marca o início das teorias culturais em Geografia, precisa destes suportes para a sua construção. As manifestações culturais não acontecem de forma estática, estão sujeitas às transformações pelo espaço e pelo tempo e por todos os processos que as envolvem, sendo assim, assumir novas formas de investigar o espaço geográfico e a cultura, torna-se necessário.

O esforço para a construção das bases epistemológicas sobre a geografia cultural no Brasil, além de aparecer nos temas e técnicas de pesquisa, evidencia-se também a partir das escalas de estudo identificadas, justamente nos trabalhos que não tiveram escalas definidas por constituírem-se em reflexões estritamente teóricas. Por outro lado, a escala local foi predominante entre os estudos onde foi possível realizar esta identificação. Acredita-se que este fator associa-se ao alcance da utilização do conceito de paisagem, uma vez que sua conceituação e uso ainda reverberam, predominantemente, em um ponto de vista que abrange o lugar. Todavia, assim como identificado nesta pesquisa, o conceito pode ser incorporado a outras escalas, como exemplo: as escalas regionais, quando apareceram nos artigos que aqui foram analisados, abordaram a literatura, o turismo ou as características ambientais que se associam às culturas das paisagens de determinada região.

Em relação à conceituação de paisagem, considera-se que a reformulação dos estudos culturais foi importante para a continuidade do conceito na Geografia. Com as mudanças, torna-se possível o entendimento das paisagens para além daquilo que é visível, considerando os diferentes sentidos percebidos e atribuídos

pelas pessoas que as constroem frequentemente. A partir das conceituações e discursos sobre paisagem aqui discutidos, foi possível identificar e compreender esta reformulação nos estudos culturais em Geografia no Brasil. Identificou-se também sua constante utilização no decorrer dos anos nos periódicos selecionados, fato que reforça a relevância de suas transformações junto da renovação da geografia cultural.

Além disso, com revisões bibliográficas de autores(as) que trabalham o assunto, demonstrou-se a possibilidade de relacionar Geografia, paisagem e fotografia nos estudos culturais. Como visto nos artigos analisados que utilizaram imagens fotográficas, estas apareceram, de forma predominante, como forma de ilustração para as pesquisas. Considera-se aqui que o uso das imagens pode ir além, tornando-se parte da metodologia de investigação, propondo reflexões e interpretações acerca das paisagens que pretende-se pesquisar. A imagem é feita de forma intencional, considerando aquilo que se quer mostrar ou não, evidencia o quadro que está oculto, ao mesmo tempo em que também oculta outros quadros.

O processo de construção fotográfica é marcado por um contexto espacial escolhido, com características sociais, históricas, econômicas, ambientais e culturais específicas. O(a) pesquisador(a) que o realiza é também influenciado por estes aspectos, refletindo isso na construção da imagem. Assevera-se que este entendimento sobre as fotografias pode também auxiliar pesquisas em outras vertentes do pensamento geográfico.

Sobre a dimensão espacial das publicações investigadas, foi possível perceber que estes periódicos obtiveram contribuições, no período de tempo aqui estudado, advindas de diferentes estados e instituições de ensino do Brasil e também do exterior. Acredita-se aqui, que este fato se relaciona com a difusão destas instituições e demonstra o crescimento da geografia cultural no Brasil.

Ressalta-se também as informações sobre gênero levantadas por esta pesquisa. A partir da separação dos(as) autores(as) que publicaram os artigos investigados e da construção dos gráficos, tornou-se possível visualizar que a presença de mulheres foi maior que a de homens. Todavia, a questão de gênero não apareceu entre os temas dos trabalhos, demonstrando um crescimento de mulheres que publicam, mas uma carência em relação à discussão desta temática. Claro que isso se relaciona, especificamente, com os artigos que estudaram a paisagem e que foram selecionados por esta pesquisa. Nesse sentido, a adesão às questões de

gênero se mostra para os estudos que se interessam pela paisagem.

Visando concluir, porém, entendendo que a ciência geográfica encontra-se em constante transformação, destaca-se a importância sobre as investigações científicas voltadas para História do Pensamento Geográfico. Os estudos de ordem intelectual podem contribuir para uma Geografia que entenda seu passado e saiba das possibilidades e necessidades futuras. No caso específico desta investigação, o estudo, compreensão e utilização do método hermenêutico, junto da análise de conteúdo e discurso, demonstrou-se de extrema relevância para sua realização.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Flamarion Dutra. **Trajectoria teórico-metodológica da geografia agrária brasileira: a produção em periódicos científicos de 1939-2009**. 2010. 350 f. Tese (Doutorado em Geografia) - Universidade Estadual Paulista, Instituto de Geociências e Ciências Exatas, 2010.
- ALZATE, Adriana Gómez. A paisagem como sistema visual e holístico: proposta metodológica para a sustentabilidade da qualidade visual ambiental, experimentada em Manizales, cidade andina colombiana. **Ateliê Geográfico**, Goiânia, v. 2, n. 2, p. 1–17, 7 set. 2008.
- AMORIM FILHO, Oswaldo Bueno. A evolução do pensamento geográfico e a fenomenologia. **Sociedade & Natureza**, Uberlândia, v. 11, n. 21/22, p. 67-87, dez. 2014.
- ARROYO, Julio. Paisaje y espacio público: una lectura desde America Latina. **Geograficidade**, Niterói, v. 5, n. 1, p. 20–39, 2015.
- BARBOSA, Jorge Luiz. Do delta do Níger ao recôncavo baiano: o sentido da natureza na cultura lorubana. **Espaço e Cultura**, Rio de Janeiro, UERJ, n. 16, p. 57-6, 2003.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.
- BARTALINI, Vladimir. Córregos em São Paulo: a ocultação do avesso. **Geograficidade**, Niterói, v. 4, n. 1, p. 30–37, 11 fev. 2014.
- BESSE, Jean-Marc. **Ver a Terra. Seis ensaios sobre a paisagem e a geografia**. Trad. Vladimir Bartalini. São Paulo: Perspectiva, 2014.
- BENATTI, Camila. A cidade-santuário de Fátima: percepções do território religioso por meio da análise de mapas mentais. **Ateliê Geográfico**, Goiânia, v. 10, n. 2, p. 183–199, 13 set. 2016.
- BRANQUINHO, Evânio dos Santos; BERNARDES, Rogério Souza. **O uso da fotografia aérea com pipa na construção da Geografia**. Alfenas - MG: Editora Universidade Federal de Alfenas, 2020.
- BUTTNER, Anne. Apreendendo o dinamismo do mundo vivido. In: CHRISTOFOLETTI, Antônio. (org.) **Perspectivas da geografia**. 2ed. São Paulo: DIFEL, 1985. p. 165-193.
- CABRAL, Luiz Otávio e BUSS, Maria Dolores. A paisagem como campo de visibilidade e de significação: um estudo de caso. **Espaço e Cultura**, Rio de Janeiro, UERJ, n. 13, p. 47–62, 2002.

CAETANO, Fernando Domingo. Reflexões teóricas sobre a inserção do graffiti e da pichação na paisagem urbana: uma arte “contra-racional”? **Geograficidade**, v. 7, n. 1, p. 77–88, 2017.

CALDAS, Alberto Lins. Dialética e hermenêutica: uma questão de método. p.23-29. **Geosp**, São Paulo, v.1, 1997.

CARBALLO, Cristina Tereza e BATALLA, María Rosa. ¿El paraíso clorofila: nuevos paisajes culturales de la muerte? territorialidades de los cementerios privados en Buenos Aires. **Espaço e Cultura**, Rio de Janeiro, UERJ, n. 37, p. 156-178, jun. 2015.

CARRERA, Martí Boneta I e MIRABET, Xavier Tarraubella I. Imágenes de un tiempo y de un espacio. La fotografía como testimonio del proceso de electrificación en Cataluña. **Ateliê Geográfico**, Goiânia, v. 7, n. 3, p. 06–23, 23 dez. 2013.

CARVALHO, Delza Rodrigues de e ALMEIDA, Maria Geralda de. A valoração da paisagem da Chapada Diamantina: uma análise do espaço concebido, vivido e percebido. **Ateliê Geográfico**, Goiânia, v. 3, n. 3, p. 174–199, 2009.

CARVALHO, Brendo Francis e NABOZNY Almir. Paisagem e lugar na configuração do espaço fílmico pós-apocalíptico de “WALL•E”. **Geograficidade**, Niterói, v. 9, n. 1, p. 29–42, 3 jul. 2019.

CASTRO, Jânio Roque Barros de. Paisagens e visões míticas, questões de gênero e a cidade no romance “Mar Morto”, de Jorge Amado. **Geograficidade**, Niterói, v. 5, n. 2, p. 38–51, 11 ago. 2015.

CLAVAL, Paul. As abordagens da Geografia Cultural. In: CASTRO, Iná Elias de et al. (orgs.). **Explorações Geográficas - percursos no fim do século**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997. p. 89-117.

CLAVAL, Paul. O papel da nova geografia cultural na compreensão da ação humana. Paul Claval. In: ROSENDAHL, Zeny; CORRÊA, Roberto Lobato. (orgs.). **Matrizes da Geografia Cultural**. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2001. p. 35-86.

CLAVAL, Paul. “A volta do cultural” na geografia. **Mercator**, Fortaleza, v. 1, n. 1, p. 19-28, jan. 2009.

CLAVAL, Paul. A paisagem dos geógrafos. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny. (orgs.). **Paisagens, textos e identidade**. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2004. p. 13-74.

CLAVAL, Paul. **A geografia cultural**. 3ed. Florianópolis: Ed. UFSC, 2007.

CLAVAL, Paul. A contribuição francesa ao desenvolvimento da abordagem cultural na geografia. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (orgs.). **Introdução à geografia cultural**. 2 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007. p.147-166.

CLAVAL, Paul. **Epistemologia da Geografia**. Florianópolis: Editora UFSC, 2011.

CONCEIÇÃO, Luana Fantinatti da et al. Geologia e Turismo: perspectivas para a geoconservação e a promoção do geoturismo no município de Pirenópolis-Go. **Ateliê Geográfico**, Goiânia, v. 3, n. 3, p. 74–91, 2009.

CORRÊA, Roberto Lobato. **Sobre a geografia cultural**. 2009. Disponível em: <https://ihgrgs.org.br/>. Acesso em: 24 jun. 2021.

CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny. A geografia cultural brasileira: uma avaliação preliminar. **Revista da ANPEGE**, Dourados, v. 4, n. 04, p. 73-88, jul. 2017a.

CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny. A geografia cultural no Brasil. **Revista da ANPEGE**, Dourados, v. 2, n. 02, p. 97-102, jul. 2017b.

CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny. A geografia cultural no Brasil. **Revista da ANPEGE**, Dourados, v. 2, n. 02, p. 97-102, jul. 2017.

CORRÊA, Roberto Lobato. Carl Sauer e a escola de Berkeley – uma apreciação. In: ROSENDAHL, Zeny; CORRÊA, Roberto Lobato. (orgs). **Matrizes da Geografia Cultural**. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2001. p. 9-34.

CORRÊA, Roberto Lobato. Paisagem e Geografia. In: ALVES, Ida; LEMOS, Masé; NEGREIROS, Carmem. (orgs.). **Literatura e Paisagem em Diálogo**. Rio de Janeiro: Edições Makunaíma (UERJ), 2012. p. 29-43.

CORRÊA, Roberto Lobato. Carl Sauer e Denis Cosgrove: a paisagem e o passado. **Espaço Aberto**, Rio de Janeiro, UFRJ, v. 4, n. 1, p. 37-46, jun. 2014.

CORRÊA, Roberto Lobato. Denis Cosgrove: a paisagem e as imagens. **Espaço e Cultura**, Rio de Janeiro, UERJ, n. 29, p. 7-21, jun. 2011.

COSGROVE, Denis. A geografia está em toda parte: cultura e simbolismo nas paisagens humanas. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny. (Orgs.) **Geografia cultural: uma antologia**. v.1. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2012. p. 219-237.

COSTA, Otávio. Memória e paisagem: em busca do simbólico dos lugares. **Espaço e Cultura**, Rio de Janeiro, UERJ, n. 15, 2003.

COSTA, Otávio José Lemos. Sertões do Canindé: uma interpretação geossimbólica da paisagem. **Espaço e Cultura**, Rio de Janeiro, UERJ, n. 26, p. 51–60, 6 dez. 2009.

COSTA, Otávio José Lemos. Religião e paisagem: a sacralidade da natureza no sertão central do Ceará. **Espaço e Cultura**, Rio de Janeiro, UERJ, n. 28, p. 45-53. 2010.

COSTA, Maria Helena Braga e Vaz da. Cidades e lugares culturais, espaços e geografias fílmicas: compondo imagetivamente o lugar. **Espaço e Cultura**, Rio de Janeiro, UERJ, n. 36, p. 139-154, 2014.

- COSTA, Everaldo Batista. Paisagem-Memória e Função Social da Fotografia. In: STEINKE, Valdir Adilson; REIS JÚNIOR, Dante Flávio; BATISTA, Everaldo. (orgs.). **Geografia e fotografia: apontamentos teóricos e metodológicos**. Brasília: Laboratório de Geoiconografia e Multimídia – LAGIM, UnB, p. 79-106, 2014.
- COSTA, Maria de Lourdes Pinto Machado; SILVA, Marcella Henriques da e SANTOS, Thaíse Rachel Barros dos. Os caminhos da dispersão urbana no bairro de Campo Grande - cidade do Rio de Janeiro. **Geograficidade**, Niterói, v. 8, n. 1, p. 95–107, 28 out. 2018.
- DEMO, Pedro. **Metodologia científica em ciências sociais**. 3.ed. São Paulo: Atlas, 1995.
- DOURADO, Auceia Matos e VARGAS, Maria Augusta Mundim. Permanências e singularidades da festa de São José do município de Pedrinhas/Sergipe. **Ateliê Geográfico**, Goiânia, v. 12, n. 3, p. 195–211, 21 dez. 2018.
- DUNCAN, James Stuart. O Supra-orgânico na Geografia Cultural Americana. In: CORRÊA, Roberto Lobato, ROSENDAHL, Zeny (orgs.). **Introdução à Geografia Cultural**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.
- FERNANDES, Hiago Rangel; MORETTI, Matheus Teixeira. As Ditaduras Militares da América latina e o fenômeno do fascismo: uma análise comparativa. **Mundo Livre: Revista Multidisciplinar**, Campos dos Goytacazes, v. 4, n. 2, p. 29-47, dez. 2018.
- FERRAZ, Cláudio Benito Oliveira e NUNES, Flaviana Gasparotti. O horizonte não é linear: paisagem e espaço na perspectiva audiovisual linear de Anton Corbijn. **Ateliê Geográfico**, Goiânia, v. 8, n. 1, p. 166–180, 20 mar. 2014.
- FIGUEIREDO, Carmem Lúcia Negreiros de. Coleção de imagens: a crítica da invenção da paisagem no romance de Lima Barreto. **Espaço e Cultura**, Rio de Janeiro, UERJ, n. 36, p. 155–178, 2014.
- FILHO, Pedro Paulo Pinto Maia. Outsiders na caatinga: representações cinematográficas do semiárido nordestino através do “olhar estrangeiro”. **Espaço e Cultura**, Rio de Janeiro, UERJ, n. 33, p. 87–110, 2013.
- FIORAVANTE, Karina Eugenia. Geografia e Cinema: a releitura dos conceitos de espaço, paisagem e lugar a partir das imagens em movimento. **Ateliê Geográfico**, Goiânia, v. 12, n. 1, p. 272–297, 3 ago. 2018.
- FREIRE, Ana Lucy Oliveira. Urbanização e mudanças na paisagem e nos tempos da vida: um estudo sobre Vitória-ES. **Ateliê Geográfico**, Goiânia, v. 5, n. 3, p. 32–56, 22 dez. 2011.
- FURLANETTO, Beatriz Helena; KOZEL, Salette. Paisagem cultural: da cena visível à encenação da alma. **Ateliê Geográfico**, Goiânia, v. 8, n. 3, p. 215-232, mai. 2014.

FURLANETTO, Beatriz Helena. Paisagem cultural de Antonina: “deitada à beira do mar” / Cultural landscape of Antonina: “lying by the sea”. **Geograficidade**, Niterói, v. 6, n. 1, p. 44–58, 2016.

FURTADO, Edna Maria. O turismo no espaço urbano de Natal/RN: das primeiras iniciativas a intensificação da atividade. **Ateliê Geográfico**, Goiânia, v. 1, n. 2, p. 119–147, 19 dez. 2007.

GADAMER, Hans-Georg. **Verdade e método**: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica. Tradução de Flávio Paulo Meurer. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

GELBCKE, Daniele Lima; DAHMER, Rosani Lidia e MARTINS, Rosa Elisabete Militz Wypczynski. Trabalho de campo com turismo rural como uma proposta metodológica no ensino da Geografia. **Ateliê Geográfico**, Goiânia, v. 10, n. 1, p. 192–210, 22 maio 2016.

GERALDES, Eduardo Simões. Horizontes do mundo vivido: reflexões sobre a contribuição da hermenêutica para a Geografia Humanista. **Geograficidade**, Niterói, v. 1, n. 1, p. 59–66, 2011.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 6.ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GOMES, Paulo César da Costa. **Geografia e Modernidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996.

GOMES, Paulo César da Costa. A paisagem urbana como cenário de uma cultura: algumas observações a propósito do Canadá. **Espaço e Cultura**, Rio de Janeiro, UERJ, n. 17–18, p. 7–15, 2004.

GOMES, Paulo César da Costa e RIBEIRO, Letícia Parente. A produção de imagens para a pesquisa em geografia. **Espaço e Cultura**, Rio de Janeiro, UERJ, n. 33, p. 27–42, 2013.

GOMES, Paulo César da Costa. **Quadros geográficos**: uma forma de ver, uma forma de pensar. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2017.

GONÇALO, Rita. Paisagens sociais e a experiência evangélica na mídia: cosmovisões de um discurso competente. **Espaço e Cultura**, Rio de Janeiro, n. 42, p. 62–80, 16 dez. 2017.

GRATÃO, Lúcia Helena Batista. Sabor & Paisagem à Luz de Bachelard: convite para sentar-se à mesa. **Geograficidade**, Niterói, v. 2, n. 1, p. 30–41, 20 fev. 2012.

GRATÃO, Lúcia Helena Batista. Sabor e paisagem – o que revela o pequi nesta imbricação de ser e essência cultural. **Geograficidade**, Niterói, v. 4, n. Especial, p. 4–15, 11 fev. 2014.

GUREVICH, Raquel. Paisajes y visualidad: geografias para mirar. **Ateliê Geográfico**, Goiânia, v. 11, n. 2, p. 6–18, 3 nov. 2017.

HOLLMAN, Verónica Carolina. Los contextos de las imágenes: un itinerario metodológico para la indagación de lo visual. **Espaço e Cultura**, Rio de Janeiro, n. 36, p. 61–84, 2014.

HOLZER, Werther. Augustin Berque: um trajeto pela paisagem. **Espaço e Cultura**, Rio de Janeiro, UERJ, n. 17-18, p. 17-18, 2004.

HOLZER, Werther. Cozinhas e comida caseira: pratos com peixe e paisagens de restinga. **Geograficidade**, Niterói, v. 2, n. 1, p. 68–75, 20 mai. 2012.

HOLZER, Werther. A Geografia Humanista: Uma revisão. **Espaço e Cultura**, Rio de Janeiro, UERJ, p. 137-147, mai. 2013.

HOLZER, Werther. O sabor do sal: paisagens vernaculares da Araruama. **Geograficidade**, Niterói, v. 4, n. Especial, p. 47–58, 27 abr. 2014.

JAPIASSÚ, Hilton; MARCONDES, Danilo. **Dicionário básico de Filosofia**. 5.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

KALIL, Thalassa. O vinho em Andradas (MG): sabor, paisagem, lugar, memória e perspectivas na percepção dos produtores. **Geograficidade**, Niterói, v. 6, n. 2, p. 50–70, 29 maio 2016.

KOSSOY, Boris. **Fotografia e História**. 5ed., 2. reimpr. – Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2020.

KRÜGER, Cauê. Impressões de 1968: contracultura e identidades. **Acta Scientiarum. Human and Social Sciences**, Maringá, v. 32, n. 2, p. 139-145, ago. 2010.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 8. ed. ed. São Paulo: Atlas, 2017.

LEMOS, Famara Souza e DANTAS, Eugênia Maria. Ver a cidade em movimento: fragmentos perceptivos de um olhar em movimento. **Geograficidade**, Niterói, v. 10, n. Especial, p. 245–254, 6 out. 2020.

LÉVY, Jacques. Qual o sentido da Geografia Cultural?. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, São Paulo, n. 61, p. 19-38, 2015.

LOWENTHAL, David. Geografia, experiência e imaginação: Em direção a uma epistemologia geográfica. In: CHRISTOFOLETTI, Antônio. (org.). **Perspectivas da geografia**. 2ed. São Paulo: DIFEL, 1985. p. 103-141.

LUCHIARI, Maria Tereza. A (re)significação da paisagem no período contemporâneo. In: ROSENDAHL, Zeny; CORRÊA, Roberto Lobato (orgs.). **Paisagem, Imaginário e Espaço**. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2001. p. 9-28.

- MAIA, Carlos Eduardo Santos. Paisagens festivas e interações mítico-ritualísticas em práticas tradicionais do catolicismo popular. **Espaço e Cultura**, Rio de Janeiro, UERJ, n. 30, p. 19–35, 1 dez. 2011.
- MAINGUENEAU, Dominique. **Discurso e análise do discurso**. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.
- MARANDOLA, Hugo Leonardo e OLIVEIRA, Lívia de. Origens da paisagem em Augustin Berque: pensamento paisageiro e pensamento da paisagem. **Geograficidade**, Niterói, v. 8, n. 2, p. 139–148, 6 nov. 2018.
- MARQUES, Jordania Alyne Santos. As paisagens sonoras da Festa Junina de Campina Grande (PB): o caso do Parque do Povo. **Geograficidade**, Niterói, v. 8, n. Especial, p. 112–125, 2018.
- MARTINS, Walkiria Maria De Freitas; CIVALE, Leonardo. Entre palavras e pedras arquitetando memórias e remodelando a paisagem urbana: análise das políticas patrimoniais do município de Viçosa (MG) entre 1980 e 2010. **Espaço e Cultura**, Rio de Janeiro, UERJ, n. 40, p. 49-76, 2016.
- MASCARENHAS, Gilmar e DOLZANI, Miriam C. S. Feira livre: Territorialidade popular e cultura na metrópole contemporânea. **Ateliê Geográfico**, Goiânia, v. 2, n. 2, p. 72–87, 7 set. 2008.
- MATHEWSON, Kent; SEEMANN, Jörn. A geografia histórico-cultural da Escola de Berkeley: um precursor ao surgimento da História Ambiental. **Varia hist.**, Belo Horizonte, v. 24, n. 39, p. 71-85, 2008.
- MEINIG, Donald William. O olho que observa: dez versões da mesma cena. **Espaço e Cultura**, Rio de Janeiro, UERJ, n. 13, p. 35-46, 2002 [1976].
- MELO, Evaneide Maria de. Leituras da paisagem: Jardim do Seridó/RN em foco. **Ateliê Geográfico**, Goiânia, v. 2, n. 1, p. 77–102, 10 maio 2008.
- MILAGRES, Vanesa Rios. Percepção das paisagens do Distrito Taquaruçu: ouvindo a comunidade local sobre a representatividade, agradabilidade e desagradabilidade de suas paisagens. **Ateliê Geográfico**, Goiânia, v. 3, n. 3, p. 130–151, 2009.
- MIRANDA, Elis de Araújo e EGLER, Tamara Tania Cohen. Representações lusas na Amazônia Brasileira: paisagens, imagens e topônimos. **Espaço e Cultura**, Rio de Janeiro, UERJ, n. 33, p. 149–166, 2013.
- MYANAKI, Jacqueline. Paisagens de São Paulo no tempo e no espaço. **Espaço e Cultura**, Rio de Janeiro, UERJ, n. 25, p. 53-68, 2009.
- NAME, Leo. O conceito de paisagem na geografia e sua relação com o conceito de cultura. **GeoTextos**, Salvador, v. 6, n. 2, 2010, p.163-186.
- NERUDA, Pablo. **O livro das perguntas**. Porto Alegre: L&PM, 2019.

NETA, Maria Amélia Vilanova. Decifrando o espaço a partir da literatura. **Espaço e Cultura**, Rio de Janeiro, UERJ, n. 17-18, p. 107-118. 2004.

NETO, José Queiroz de Miranda e HERRERA, José Antônio. Expansão urbana recente em Altamira (PA): novas tendências de crescimento a partir da instalação da UHE Belo Monte. **Ateliê Geográfico**, Goiânia, v. 11, n. 3, p. 34–52, 2017.

OLIVEIRA, Márcio Piñon de; MIZUBUTI, Satie. Niterói: o jogo político e sua repercussão na paisagem, cultura e representações. **Espaço e Cultura**, Rio de Janeiro, UERJ, n. 25, p. 69-84, 1 jun. 2009.

OLIVEIRA JR., Wenceslao Machado de. Imaginação e Pesquisa: apontamentos e fugas a partir d'a poética do espaço. **Educ. Soc.**, Campinas, vol. 29, n. 105, p. 1237-1245, set/dez. 2008.

OLIVEIRA JR., Wenceslao Machado de. Grafar o espaço, educar os olhos. Rumo a geografias menores. **Pro-Posições**, Campinas, v.20, n.3, p. 17-28, set/dez. 2009.

PABÓN, Jorge Andrés Rivera. Interpretación geográfica de la exclusión socio-espacial en una ciudad intermedia de Colombia. Caso de estudio, borde urbano Sur-oriental de Pereira. **Ateliê Geográfico**, Goiânia, v. 3, n. 1, p. 1–29, 14 maio 2009.

PALHARES, Virgínia de Lima. Uma geografia hedonista dos saberes e dos sabores. **Geograficidade**, Niterói, v. 4, n. Especial, p. 25–35, 28 fev. 2014.

PALMER, Richard. **Hermenêutica**. Lisboa: Edições 70, 2018.

PAULA, Luiz Tiago de. Cartografias pessoais e experiência urbana: um estudo sobre a imagem da cidade de Campinas. **Geograficidade**, Niterói, v. 2, n. 2, p. 23–39, 21 maio 2012.

PINTO, Vania Kele Evangelista e TRAVASSOS, Luiz Eduardo Panisset. Geografia, paisagem, literatura e geopatrimônio nas obras de Guimarães Rosa. **Ateliê Geográfico**, Goiânia, v. 13, n. 3, p. 112–137, 20 dez. 2019.

PONTE, Patrícia. As paisagens-grafite como experiências do habitar. **Geograficidade**, Niterói, v. 10, n. Especial, p. 278–294, 6 out. 2020.

PONTES, Emilio Tarlis Mendes e CAMPOS, Gabriel Silva. Paisagens religiosas: cruzeiros e memoriais às margens das rodovias. **Ateliê Geográfico**, Goiânia, v. 4, n. 3, p. 46–63, 2010.

PRICE, Liz e TRAVASSOS Luiz Eduardo Panisset. Uso religioso de cavernas no Sudeste Asiático e China: a paisagem cárstica sob outra perspectiva. **Ateliê Geográfico**, Goiânia, v. 10, n. 3, p. 129–154, 2016.

REIS JÚNIOR, Dante Flávio da Costa. História do Pensamento Geográfico: como lê-lo para interpretá-la? (as rotinas técnicas). p. 596-605. *In*: Simpósio de Pós-

Graduação em Geografia do Estado de São Paulo – 1º SIMPGEO. **Anais [...]**. Rio Claro: AGETEO, 2008.

REIS JÚNIOR, Dante Flávio. Aspectos históricos da fotografia e realizações em Geografia. In: STEINKE, Valdir Adilson; REIS JÚNIOR, Dante Flávio; BATISTA, Everaldo. (orgs.). **Geografia e fotografia: apontamentos teóricos e metodológicos**. Brasília: Laboratório de Geoiconografia e Multimídia – LAGIM, UnB, p. 45-78, 2014.

RELPH, Edward. Reflexões sobre a emergência, aspectos e essência de lugar. In: MARANDOLA, Eduardo; HOLZER, Werther; OLIVEIRA, Lívia de. (orgs.). **Qual o espaço do lugar?** São Paulo: Perspectiva, 2014. p. 17-32.

RISSO, Luciene Cristina. “Paisagens e cultura: uma reflexão teórica a partir do estudo de uma comunidade indígena amazônica”. **Espaço e Cultura**, Rio de Janeiro, UERJ, n. 23, p. 67-76, 2008.

RISSO, Luciene Cristina. Vivências paisagísticas como caminhos para novas percepções e experiências. **Geograficidade**, Niterói, v. 10, n. Especial, p. 309–323, 6 out. 2020.

ROCHA, Acílio Estanqueiro. Hermenêutica e estruturalismo. p.87-124. In: **Revista Portuguesa de Filosofia**, Braga, v.46, n.1, 1990.

ROCHA, Décio; DEUSDARÁ, Bruno. Análise de Conteúdo e Análise do Discurso: aproximações e afastamentos na (re)construção de uma trajetória. **ALEA**, Rio de Janeiro, v. 7 N. 2 julho – dezembro 2005.

ROCHA, Lurdes Bertol. O cacau na literatura regional do sul da Bahia: ícone de diferenças socioespaciais. **Geograficidade**, Niterói, UFF, v. 1, n. 1, p. 16-31, nov. 2011.

RODRIGUES, Jean Carlos. Geografia, representação e arte em Vincent van Gogh: uma leitura do “Passeio ao crepúsculo”. **Geograficidade**, Niterói, v. 8, n. 1, p. 33–46, 28 out. 2018.

ROMANCINI, Sônia Regina. Paisagem e simbolismo no Arraial Pioneiro São Gonçalo em Cuiabá/MT. **Espaço e Cultura**, Rio de Janeiro, UERJ, n. 19–20, p. 81–87, 2005.

ROSENDAHL, Zeny. Paisagem simbólica como descrição da personalidade do lugar: a certidão de nascimento do Brasil. In: ALVES, Ida; LEMOS, Masé; NEGREIROS, Carmem. (orgs.). **Literatura e Paisagem em diálogo**. Rio de Janeiro: Edições Makunaima (UERJ), 2012. p. 45- 56.

SALGUEIRO, Teresa Barata. Paisagem e geografia. **Revista Finisterra**, Lisboa, v. 36, n.72, p. 37-53, 2001.

SAMPAIO, Nádia e VARGAS, Maria Augusta Mundim. As paisagens do Rio Pardo desvendada pela comunidade Ribeirinha no Sudoeste da Bahia: Conversações entre o percebido e o vivido. **Ateliê Geográfico**, Goiânia, v. 4, n. 4, p. 147–177, 2010.

SANTOS, Alice Nataraja Garcia. A geografia das imagens: discutindo o espaço público no filme de Eric Rohmer. **Espaço e Cultura**, Rio de Janeiro, n. 25, p. 17–30, jun. 2009.

SANTOS, Douglas. Paisagem, música popular e identidade no Brasil. **Ateliê Geográfico**, Goiânia, v. 9, n. 1, p. 22–49, 20 abr. 2015.

SANTOS, Douglas. De volta às discussões sobre o significado de paisagem e outras avenças. **Ateliê Geográfico**, Goiânia, v. 12, n. 2, p. 39–52, 18 ago. 2018.

SAUER, Carl Ortwin. A morfologia da paisagem. *In*: CORRÊA, Roberto Lobato.; ROSENDAHL, Zeny. (orgs.). **Paisagem, Tempo e Cultura**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1998 (1925).

SCHAFER, Raymond Murray. **A afinação do mundo**: uma exploração pioneira pela história passada e pelo atual estado do mais negligenciado aspecto do nosso ambiente: a paisagem sonora. São Paulo: Editora da UNESP, 2001.

SCHEIBEL, Carlos Roberto e FLORIANI, Nicolas. Geossímbolos, saberes e práticas da cultura da pesca vernacular na paisagem ribeirinha do Pitangui-Jotuva, região dos Campos Gerais Paranaense. **Ateliê Geográfico**, Goiânia, v. 8, n. 3, p. 233–254, 23 abr. 2014.

SCHIER, Raul Alfredo. Trajetórias do conceito de paisagem na geografia. **Raega – O Espaço Geográfico em Análise**, Curitiba, UFPR, n. 7, p. 79-85, 2003.

SEAMON, David. Uma maneira de ver as pessoas e o lugar: a fenomenologia na pesquisa do comportamento ambiental. **Geograficidade**, Niterói, v. 9, n. 1, p. 4–28, 3 jul. 2019.

SEEMANN, Jörn. A morfologia da paisagem cultural de Otto Schlüter: marcas visíveis da Geografia Cultural? **Espaço e Cultura**, Rio de Janeiro, UERJ, n. 17–18, p. 65–75, 2004.

SEEMANN, Jörn. Geografia, geograficidade e a poética do espaço: Patativa do Assaré e as paisagens da região do Cariri (Ceará). **Ateliê Geográfico**, Goiânia, v. 1, n. 1, p. 50–73, 11 dez. 2007.

SILVA, Thiago Rocha Ferreira da. “Se não ilusões, estamos num teatro”: a possibilidade da paisagem como cenário. **Espaço e Cultura**, Rio de Janeiro, UERJ, n. 25, p. 97–108, 1 jun. 2009a.

SILVA, Joseli Maria. **Geografias subversivas: discursos sobre espaço, gênero e sexualidades**. Ponta Grossa: TODAPALAVRA, 2009.

SILVA, Joseli Maria. Ausências e silêncios do discurso geográfico brasileiro: uma crítica feminista a geografia eurocêntrica. In: SILVA, Joseli Maria. **Geografias subversivas: discursos sobre espaço, gênero e sexualidades**. Ponta Grossa: Todapalavra, 2009b. p. 55-92.

SILVA, Valéria Cristina Pereira. A janela caleidoscópica: educação e sensibilidade através da geografia da arte. **Geograficidade**, Niterói, v. 2, n. 1, p. 13–26, 20 fev. 2012.

SILVA, Valéria Cristina Pereira da. A cidade do Porto e Harry Potter: a paisagem imaginária. **Geograficidade**, Niterói, v. 10, n. 1, p. 4–20, 23 jul. 2020.

SILVA, Valéria Cristina Pereira da. A construção da temporalidade e as novas sensibilidades em Goiânia: Imaginário e Literatura. **Ateliê Geográfico**, Goiânia, v. 14, n. 1, p. 226–247, 21 abr. 2020.

SONTAG, Susan. **Sobre fotografia**. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2004.

SOUZA, José Arilson Xavier de. A paisagem de peregrinos a pé: o horizonte é logo ali. **Espaço e Cultura**, Rio de Janeiro, UERJ, n. 35, p. 107–124, 2014.

SPETH, William. Historicismo: a visão disciplinária de mundo de Carl Sauer. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny. (orgs.). **Sobre Carl Sauer**. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2011.

SPÓSITO, Eliseu Savério. **Geografia e Filosofia: Contribuição para o ensino do pensamento geográfico**. São Paulo: Editora UNESP, 2004.

STEINKE, Valdir Adilson. Imagem e Geografia: o protagonismo da “fotogeografia”. In: STEINKE, Valdir Adilson; REIS JÚNIOR, Dante Flávio; BATISTA, Everaldo. (orgs.). **Geografia e fotografia: apontamentos teóricos e metodológicos**. Brasília: Laboratório de Geoiconografia e Multimídia – LAGIM, UnB, p. 45-78, 2014.

TORRES, Marcos Alberto. Os sons da paisagem: entre conceitos, contextos e composições. **Geograficidade**, Niterói, v. 8, n. Especial, p. 141–154, 2018.

TUAN, Yi-Fu. Geografia Humanística. In: CRHISTOFOLETTI, Antonio. (org.). **Perspectivas da geografia**. 2ed. São Paulo: DIFEL, 1985. p.143-164.

VALCÁRCEL, José Ortega. **Los horizontes de la geografia: teoria de la Geografia**. Barcelona: Ariel, 2000.

VASCONCELOS, Priscila Batista e MACIEL, Caio Augusto Amorim. No mais entranhado da cidade: imagens e espacialidades dos becos no centro histórico do Recife. **Espaço e Cultura**, Rio de Janeiro, UERJ, n. 39, p. 117–138, 13 jun. 2016.

WILLIAMS, Raymond. Base e superestrutura na teoria cultural marxista. **Espaço e Cultura**, Rio de Janeiro, UERJ, n. 14, p. 7-21, set. 2002.

ZANATA, Beatriz Aparecida. A abordagem cultural na geografia. **Temporis(Ação)**, Goiânia, v.9, n. 1, p. 224-235, 2008.

XAVIER, Maria Aparecida de Sá. Os festejos devotos do Ticumbi como uma narrativa identitária territorial na paisagem da Vila de Itaúnas, ES. **Geograficidade**, Niterói, v. 5, n. Especial, p. 190–207, 9 set. 2015.

ANEXO A - Técnicas de pesquisa identificadas nos artigos analisados

Técnicas de pesquisa identificadas nos artigos analisados	
Análise bibliográfica	Levantamento, leitura e sistematização de materiais que já foram publicados sobre a temática abordada em determinado trabalho (LAKATOS e MARCONI, 2017).
Trabalho de campo com aplicação de entrevistas/questionários	Observação e coleta de dados de fatos, fenômenos e variáveis que estão sendo investigados pela pesquisa (LAKATOS e MARCONI, 2017).
Análise de dados secundários	Análises realizadas a partir da investigação de dados que já foram coletados anteriormente por outra fonte (LAKATOS e MARCONI, 2017).
Análise da paisagem	Técnica que compreende o entendimento da paisagem considerando-a como um texto passível de interpretação (MYIANAKI, 2009).
Análise do discurso	Busca a articulação entre linguagem e sociedade, evidenciando os lugares sociais existentes (MAINGUENEAU, 2015).
Análise do conteúdo	Técnica relacionada destinada à análise das comunicações, visando explicitar e sistematizar o conteúdo investigado (BARDIN, 1997).
Análise iconográfica	Técnica baseada na análise de imagens e de suas representações, podendo ir desde uma pintura até um filme (SANTOS, 2009).
Análise de cartas temáticas	Utilização de mapas temáticos para entendimento do fenômeno que está sendo pesquisado (CONCEIÇÃO et al., 2009)
Pesquisa documental	Coleta de dados a partir de documentos, sendo estes escritos ou não, considerados como fontes primárias (LAKATOS e MARCONI, 2017).
Etnografia urbana	Estudo das características antropológicas existentes no meio urbano (GONÇALO, 2017).

Netnografia	Utilização de meios de comunicações mediados por uso de aparelhos eletrônicos para obtenção da compreensão etnográfica de determinado fenômeno cultural a partir da Internet (GONÇALO, 2017).
Observação participante	Refere-se à participação real do pesquisador(a), através da vivência e busca pelo sistema de referência existente na comunidade ou grupo que pretende-se estudar. (LAKATOS e MARCONI, 2017).
Mapas mentais	Ferramenta voltada para a anotação de informações, fornece uma visão geral sobre um assunto, assim como evidencia ligações e desdobramentos (BENATTI, 2016).
Fotografia	Construção e/ou investigação de fotografias para obtenção do entendimento de determinado fenômeno (VASCONCELOS e MACIEL, 2016).
Método de valoração contingente	Procura, através de entrevistas pessoais, demonstrar a preferência existente por um serviço ambiental (CARVALHO e ALMEIDA, 2009).
História oral	Coleta de depoimentos de pessoas que testemunharam eventos ou fenômenos relacionados ao objetivo de determinada investigação (KALIL, 2016).
Cartografia pessoal	Combinação entre a história de vida e a trajetória migratória, dentro da narrativa de quem participa da pesquisa (PAULA, 2012).

Organização: Felipe da Silva Vieira.